



MILITIA

N.º 70 - ANO X - JULHO / AGOSTO - 195

SUMÁRIO

NOSSA CAPA	98
EDITORIAL	5
DIVERSOS	
A Psicotécnica na Força Pública — Cap. Sérgio V. Monteiro	6
A Marselhesa — Professor Paulo Henrique	11
Vamos Deixar de Fumar ? — Cap. Plínio D. Monteiro	16
Discos Voadores — Major Av. Fernando Durval Lacerda	18
Danilo — Aspirante Juracy	26
Praccharissimo Atque Inviecto Duce de Caxias — Sargento Indalécio da Silveira Nantes	28
Hino do Regimento "9 de Julho" — Cavalheiro Freire	33
Remorso de Amer — Conto do Al. Of. Hélio Avancini A. de Azevedo ..	34
Vitória do 5.º B.C. Para Taubaté — Prof. Irnak Cardoso Malta	42
Energia Atômica e Energia Solar — Prof. Hans Peter Heilmann	46
Vamos Conversar Sobre Energia Atômica — Cap. Jorge M. Oliveira	50
A Polícia Rodoviária — Tenente Ary Aps	64
NOTICIÁRIO	
Sessão Litero-Musical no Clube dos Oficiais	56
A Sociedade Amigos da Cidade nas Comemorações de 9 de Julho	63
Visitaram São Paulo Alunos-Oficiais da Polícia Militar Capixaba	68
Em Suas Novas Instalações o Serviço Farmacêutico	70
Enlutada a P. M. de Mato Grosso com o Falecimento do Coronel Te- mistocles Aristeu de Carvalho	76
Festa de São Pedro — Major Olímpio de O. Pimentel	80
Solenemente Instalada a 2.a Companhia do 8.º B. C., em Piracicaba	82
NOTÍCIAS DAS CO-IRMÃS	
Acre e Distrito Federal	84
Distrito Federal (Corpo de Bombeiros)	86
Maranhão e Minas Gerais	88
EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS	
Campeonato de Voleibol e Bola ao Cesto na Força Pública	94
Tiro ao Alvo — Ecos da Prova "Irmãos Del Guerra"	95

CONCESSIONÁRIO

GM



A GM na vida brasileira BOM SERVIÇO EM QUALQUER PARTE DO PAÍS

Espalhados por todo o Brasil, encontram-se 331 concessionários GM, operando com 447 franquias. Estes concessionários possuem elementos treinados em São Paulo, na Escola Técnica da General Motors — homens extremamente familiarizados com os veículos, motores, peças e acessórios... todos os produtos GM. Esta rede de concessionários, pelos serviços que presta, é a garantia de uma assistência técnica perfeita, executada por pessoal experiente — em qualquer Estado, em cidades pequenas ou em grandes centros.

GENERAL MOTORS DO BRASIL S. A.
SÃO CAETANO DO SUL — SÃO PAULO

GM

Banco do Estado de S. Paulo S. A.

CAPITAL REALIZADO: Cr\$ 500.000.000,00

DEPÓSITOS — EMPRÉSTIMOS — DESCONTOS — CAMBIO
— COBRANÇAS — TRANSFERÊNCIAS — TÍTULOS —
COFRES DE ALUGUEL — DEPÓSITOS NOTURNOS

73 AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO E
7 EM OUTROS ESTADOS

AS MELHORES TAXAS — AS MELHORES CONDIÇÕES —
RAPIDEZ — EFICIÊNCIA

AGÊNCIAS NO ESTADO DE SÃO PAULO

Adamantina	Gália	Piraçununga
Aeroporto de Congonhas (Capital)	Guaratinguetá	Pompéia
Andradina	Ibitinga	Presidente Prudente
Amparo	Itapetininga	Presidente Venceslau
Araçatuba	Itapeva	Quatá
Araraquara	Itu	Rancharia
Araras	Ituverava	Registro
Atibaia	Jaboticabal	Ribeirão Preto
Avaré	Jau	Rio Claro
Barretos	Jundiaí	Santa Cruz do Rio Pardo
Batatais	Lençóis Paulista	Santo Anastácio
Bauru	Limeira	Santos
Bebedouro	Lins	S. Bernardo do Campo
Birigui	Lucélia	São Carlos
Botucatu	Marília	São João da Boa Vista
Bragança Paulista	Mirassol	São Joaquim da Barra
Brás (Capital)	Mogi-Mirim	São José do Rio Pardo
Caçapava	Novo Horizonte	São José do Rio Preto
Campinas	Olimpia	São Simão
Campos do Jordão	Ourinhos	Sorocaba
Casa Branca	Palmital	Taubaté
Catanduva	Penápolis	Tanabi
Dracena	Pinhal	Tietê
Franca	Piracicaba	Tupã
	Pirajuf	

AGÊNCIAS EM OUTROS ESTADOS

Anápolis — Goiás	Pôrto Alegre — Rio Grande do Sul
Goiânia — Goiás	Rio de Janeiro — Distrito Federal
Campo Grande — Mato Grosso	Uberlândia — Minas Gerais
Natal — Rio Grande do Norte	

M A T R I Z :

PRAÇA ANTÔNIO PRADO N.º 6 — SÃO PAULO
CAIXA POSTAL, 789

Enderêço telegráfico: BANESPA

Os povos civilizados jamais subestimarão o valor das tradições como elemento fundamental à orientação das gerações porvindouras. É que nelas residem os exemplos edificantes que deverão ser seguidos, todos oriundos de atos que tanto exalçaram a figura dos seus fautores, como projetaram a Nação na senda de suas conquistas necessárias e inadiáveis.

A nacionalidade não só cria no presente porque tem os olhos fixos no futuro que deve ser esplendoroso; é absolutamente inegável que muito do impulso que a leva a mais engrandecer-se nos dias que passam está, precisamente, nos fastos que tão bem definem o passado de lutas destemorosas e de heroísmos veneráveis. Não há negar esteja a nossa vista posta nos dias de gala que virão para gáudio de todo brasileiro. No entanto, por que não dizer que muito nos incentivam as ações memoráveis dos que, sob o impacto de sacrifícios sem conta, construíram para a eternidade os fundamentos da Nação Brasileira.

Muitos dos nossos antepassados merecem o respeito mais profundo, a admiração maior, a nossa veneração cívica. Foram os que iniciaram a História que não terá fim; foram os protagonistas das crônicas inúmeras que tanto nos envaidecem. No entanto, nesta oportunidade queremos tão só prestar reverente homenagem à memória do grande Duque de Caxias — Patrono do Exército Nacional — cuja obra tanto fala à alma e à inteligência dos brasileiros conscientes.

Soldado intrépido e arguto, se constitui em modelo para os militares; sereno e absolutamente honesto, se apresenta como paradigma daquelas virtudes que muito exaltam os administradores.

O Condestável do Império há de merecer, pelos tempos em fora, as homenagens maiores e mais sinceras do povo brasileiro.

Que exemplos magníficos deu às gerações! Que acervo de ações nobres e altamente meritórias legou à Pátria o nosso Duque de Caxias!

A PSICOTÉCNICA NA FÔRÇA PÚBLICA

IMPROVISAÇÃO

Cap. Sérgio Vilela Monteiro

Os testes representam nas mãos de especialistas (psiquiatra, psicólogo ou psicotécnico), apenas um instrumento de medida. Eles fornecem dados que auxiliam o técnico a avaliar o nível mental ou os principais traços de uma personalidade. O fato de ter sido aprovado nos testes significa apenas que o indivíduo está na média ou acima dela, em relação ao seu grupo, em uma ou várias aptidões. Se a tarefa a ser realizada fôr assimilável para aquêle grupo tendo em vista as aptidões aferidas, o aprovado nos testes terá possibilidade de obter êxito. Se, entretanto, o apto nos testes não se esforçar, não obterá sucesso. Uma coisa é ter aptidão para exercer uma tarefa e outra é realizá-la.

Tudo indica que aquêle que tem aptidão, realiza, mas não necessariamente. Pode ocorrer um evento e não ocorrer o outro. E não será o teste que vai prever o resultado. Ele apenas indica a probabilidade de sucesso.

Assim é o alistamento na Fôrça. Indivíduos aprovados no DEPARTAMENTO DE ALISTAMENTO, SELEÇÃO E ORIENTAÇÃO PROFISIONAL, (DASOP) têm sido ótimos soldados (há estatísticas que provam).

Entretanto, alguns têm fracassado. Circunstâncias alheias aos resultados dos testes podem levar a resultados negativos.

Não fizemos um estudo a respeito, mas o senso comum nos indica algumas das causas. O indivíduo pode não ter boa formação moral, e isso os testes quase nada avaliam (+). Outros podem ter feito determinados planos de vida por ocasião do alistamento, e uma vez na tropa, êsses planos de vida foram desfeitos por circunstâncias várias. Temos então um descontente que, não encontrando uma saída legal, pode se tornar um «mau elemento». Muitos soldados têm encontrado na «má conduta» e no «Conselho de Disciplina» o caminho para sair da Fôrça Pública.

(+) Não utilizamos testes de moral, por serem de difícil aplicação (dispendiosa) e validade ainda discutível, do ponto de vista científico.

Em qualquer empresa (firma, indústria, etc.) o cidadão é contratado para determinada tarefa. Se a cabo de algum tempo os chefes percebem a sua incapacidade, é o mesmo despedido, e pronto. Quando muito, haverá uma multa contratual ou indenização.

A Fôrça Pública é, em última análise, uma empresa. Examinamos e contratamos os nossos homens. Se êle produzir bem e desejar continuar, findo o contrato, pode-se renová-lo e temos o engajamento.

Caso contrário, vai o homem para a rua. Quando, porém, antes ou mesmo depois de vencido o contrato, começa o indivíduo a romper suas cláusulas, ao invés de mandá-lo embora começamos a aplicar detensões, xadrês, etc. Torna-se o indivíduo oneroso para o Estado, e continuamos a mantê-lo para nada produzir. Essa situação prossegue indefinidamente a ponto de um homem ser submetido a dois ou três Conselhos de Disciplina, com per-

da de tempo, material., etc. Outras vêzes o indivíduo se sente incapaz de levar a bom térmo a sua tarefa e prefere sair. Pode então sua baixa. Na maioria das vêzes lhe é negada ou dificultada.

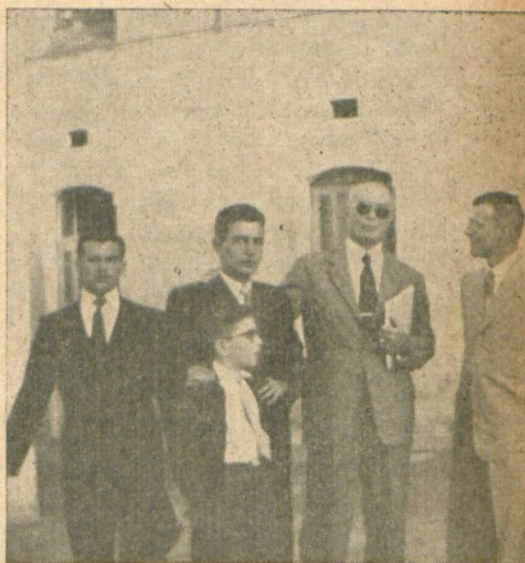
Aí vem o «conselho» de um amigo: «Comece a cometer faltas que êles dão sua baixa».

Há ainda os casos dos elementos transferidos e deslocados do centro de seus interesses (família, amigos, etc.). Não conseguindo remoção, seguem o mesmo caminho: cometimento de faltas ou baixa para se alistar com novo destino.

Parece-nos que em tudo isso há um grande erro. Os regulamentos precisam ser revisados. Não temos o direito de obrigar um indivíduo que aqui se desajusta a permanecer na Corporação. Dispensando-o, mediante indenização ou não, teríamos de qualquer forma, a vantagem de nos vermos livres de um indivíduo inútil para a Fôrça.

O D.A.S.O.P. foi honrado com a visita e o parecer do ilustre Prof. Dr. Emilio Mira Y Lopes, cientista mundialmente conhecido, que sôbre o nosso trabalho externou a seguinte opinião (Bol. Geral n.º 148-57, pág. n.º 1704): "Encantado com o eficiente trabalho da Secção Psicotécnica desta Instituição. Aos colegas da F.P.S.P. que aplicam êste método, com simpatia e amizade. (a) EMILIO MIRA Y LOPES — 30-V-57".

Nessa ocasião tivemos oportunidade de colher a fotografia que ao lado publicamos. Vêm-se da direita para a esquerda: Colla, Dr. Mira, Cap. Sérgio, Sét. Alci e o menor Raul.



O D.A.S.O.P. em sua organização provisória, estabeleceu as bases de como poderia ser feita a orientação de readaptação profissional. Quando o Departamento estiver funcionando em sua plenitude, com a reestruturação que foi iniciada, poderemos realizar essa tarefa.

Para tanto é necessário que completemos a seleção, podendo orientar o homem selecionado em uma **Escola Única de Formação**.

Sabemos perfeitamente o valor dos testes como instrumento de medida. E' um valor aproximado.

Os testes auxiliam, como já dissemos, ao técnico na seleção e orientação dos candidatos. Por melhores que sejam os instrumentos de medida e por mais capacitados que sejam os técnicos, poderia sempre haver um erro de medida. Isso ocorre não só no campo psíquico, mas até no terreno das medidas físicas. O verdadeiro valor de uma medida vem sempre afetado por um erro. Nas mensurações psicológicas, esse erro assume, como é natural, proporções muito maiores. Caso tivéssemos uma Escola Única de Formação para os nossos homens, poderíamos, com muito maior probabilidade de acerto, prosseguir nossa tarefa de seleção. Seria o homem observado em plena atividade, na Escola de Recrutamento e na vida real. O que vem ocorrendo, entretanto, é bem diferente. Os homens são selecionados rapidamente e entregues às diversas Unidades da Capital ou do Interior. Não é possível ao D.A.S.O.P. manter contato com os selecionados, e dessa forma fica o serviço incompleto.

A razão precípua da existência da Fôrça Pública, é oferecer à sociedade um bom serviço policial. Tôda a organização está empenhada nesse mister. O de que mais precisamos é de soldados, de bons policiais.

Eles devem ser fisicamente saudáveis, intelectualmente lúcidos, alfabetizados, instruídos na profissão e com boa formação moral.

A Fôrça Pública possui escolas de formação e instrutores em tôdas as Unidades. Há programa de formação e de instrução. Existe um Serviço que supre as necessidades da tropa em fardamento, outro em alimentação, outro em assistência médica, dentária, etc. Há, enfim, uma grande máquina administrativa funcionando. E para que? Para colocar o nosso homem integrado em sua missão.

Não é concebível, portanto, que esse homem não tenha alguns requisitos mínimos, indispensáveis, que o capacite a arcar com tôda a responsabilidade desse patrimônio que lhe será entregue.

Não é possível ao D.A.S.O.P., frente a um civil, ansioso por entrar na Corporação, humilde e necessitado, em situação de exames e testes por 3 ou 5 dias, dizer se ele será bom ou mau soldado. Sômente um estudo mais demorado poderá aproximar a medida inicial da verdadeira medida.

A situação teórica é diferente da situação prática. Ao examinarmos um homem, numa situação de classe, nunca poderemos prever qual será o seu comportamento frente a uma vivência real. E se cometemos

um erro, é preferível cometê-lo em benefício da Corporação, rejeitando um caso duvidoso. Temos por essa razão sido chamados de rigorosos e desejarmos bacharéis para a F.P. É um engano. São raros os ginasiânicos que têm procurado a vida de simples soldados. E diga-se de passagem, não são os melhores. Exigimos, é verdade, que o nosso homem seja alfabetizado.

Isso não é pedir muito.

— Quando o D.A.S.O.P. foi fundado, em 1952, tendo, na ocasião, bastante apóio, realizamos nossa melhor seleção. Recordamos que a 1.ª turma entregue pelo C.F.A. ao 2.º B.C. foi excelente. O C.F.A. recebeu grande elogio pela ótima apresentação dos novos soldados prontos para o serviço. Sem desmerecermos o alto mérito dos instrutores, essa foi uma amarga ironia! Sobre a seleção nada se falou. Como as turmas anteriores, que tiveram os mesmos instrutores, não tiveram tal apresentação? Bem, esse fato não vem ao caso; foi apenas um exemplo.

O que desejamos deixar bem claro nessas ligeiras idéias, é que seleção, orientação e formação de homens não se **improvisam**. Quando se lida com o patrimônio público ou particular, moral ou material, deve-se ter em vista o alto grau da responsabilidade. Ao entregarmos um homem para o serviço, estamos indiretamente atingindo o patrimônio público e particular. Se êle teve boa formação, será um verdadeiro guardião da sociedade. Caso contrário, cometemos um crime enorme. Ao deslocarmos um homem, sem ao

menos tentar ouvi-lo e orientá-lo, também podemos cometer falha muito grave ou injustiça clamorosa.

Esses alistamentos apressados e em massa; essas formações rápidas de um mês ou menos, têm sido altamente danosos. Podem atender a um fim imediato, urgente, mas muito rápido para chegar a ser útil. Essas coisas só se admitem, em tempo de guerra, e assim mesmo com restrições.

A F.P. deve fugir dessa improvisação. A nós não interessa sensacionalismo, «manchetes», furos jornalísticos. Interessa-nos é apresentar nossos 126 anos de tradições gloriosas. E isso não se consegue apressadamente. E' muitas vèzes preferível trabalhar com poucos e bons soldados (mesmo desarmados), do que com um bando armado. Nosso trabalho precisa ser conhecido, respeitado e desejado pela sociedade, por sua própria qualidade e não pela quantidade. Aqui não se trata de vender mais para vender melhor, mas sim de vender melhor para depois vender mais.

Quando nossos homens se tornarem os melhores uniformizados, instruídos, educados, prestativos, e colocados em pontos mais úteis à sociedade, então a F.P. poderá dizer: **Missão Cumprida**.

Acredito que caminhamos para lá. E não há dúvida, o caminho é uma boa seleção e orientação. Diga-se de passagem, antigamente a seleção e orientação na F.P. era quase natural. A Corporação era grandemente prestigiada. As vagas eram poucas e muitas vèzes os candidatos vinham recomendados por altas au-

toridades. A sociedade possuía outros juízos de valor e o comportamento social era impregnado de uma moral diferente. Não é preciso ser sociólogo para compreender que os tempos estão mudados. Hoje é indispensável uma seleção rigorosa se desejarmos bons soldados.

No D.A.S.O.P. temos nos esforçado no caminho do aperfeiçoamento e da especialização. Os oficiais têm feito cursos, estágios e estudos. Psicotécnica também não se improvisa. Cada vez mais amplia-se seu campo de ação. As atividades do psicotécnico já se estendem a tôdas as atividades humanas. E' o próprio dr. Mira Y Lopes quem nos afirma, em recente aula inaugural, por ocasião da fundação do Instituto de Psicotécnica de S. Paulo (Fôlha da Manhã, de 31-V-57): «A colaboração do psicotécnico é reclamada nos setores educacionais, industriais, profissionais, etc. Não basta uma visão geral dos problemas mais comuns e conhecimentos de alguns testes ou medidas empregadas pela psicotécnica. A formação do profissional exige sacrifícios e muito estudo. Torna-se necessário que o indivíduo dedique muitos anos de labor e estudos para que possa desempenhar a contento essa profissão.

Os processos, medidas e testes, empregados pela psicotécnica devem ser ainda melhor examinados, aferidos e aperfeiçoados, a fim de que meçam com precisão o que se pretende. Só a pesquisa e a experiência constante e criteriosa podem levar a isso».

Iniciamo-nos (os oficiais do D.A.S.O.P.) nesses estudos em 1950. Não paramos de estudar e aprender. Temos entre os nossos, um médico psiquiatra. Esforçamo-nos por acertar e reconhecemos nossa fragilidade. Apenas pedimos que colaborem conosco.

Pretendemos mostrar que as obras perenes e úteis não se improvisam. Assim como nos preocupamos seriamente com nossa formação e com o nosso trabalho, a F.P. deve se preocupar com o seu órgão selecionador e com a formação dos seus homens. Já dizia o grande Tibiriçá «um técnico não se improvisa», e mandou vir da velha Europa a grande Missão Francesa.

Meus companheiros — pensemos seriamente na formação de uma «élite» de policiais. Formemos os nossos homens como se formam os policiais dos países mais adiantados. Utilisemo-nos dos meios que estão ao nosso alcance para fazer da F.P. uma excelente organização policial.

PENSAMENTO

É mais difícil ter paciência do que ter valor. A virtude da resignação é mais meritória do que a do sacrifício.

A MARSELHESA

== PROFESSOR PAULO HENRIQUE ==

Quando examinamos expressões impressionantes da História — quais Alexandre, o eleito da Glória; Diógenes, o filósofo protótipo; Harum Al Rachid, o lendário Califa, e tantas outras, uma existe — Rouget de L'Isle — que é a personificação do entusiasmo.

Foi essa figura culta e entusiasta, então aos 32 anos de idade e capitão de engenharia do exército francês, quem, por sugestão do barão de Dietrich, prefeito de Estrasburgo, compôs, nessa cidade alsaciana, em abril de 1792 (parece-nos, no dia 21) um hino militar, o Cântico de Guerra do Exército do Reno, e que foi dedicado ao Marechal Lukner.

A página manchada de sangue, mas magnífica, que se escrevia nessa ocasião na patria do Rouget, é a mais gloriosa e inolvidável dentre tôdas as que constituem a Bíblia da civilização. Foi um momento ao mesmo tempo brutal e sublime, demolidor e construtivo como nenhum outro: a Revolução Francesa.

Em poucas horas de uma inspiração quase inacreditável, pôde Rouget de L'Isle sintetizar, uma composição genial, uma Epopéia Musicada, o instante histórico que êle viveu. Em tudo, o Canto do Exército do Reno encarna a Revolução.

É um brado justo de vingança.

Camponeses morriam de fome, enquanto aristocratas consumiam fortunas em jóias e perfumes. Os gemidos das vítimas nas câmaras de suplício dos antigos castelos feudais, agora nas mãos de nobres, não incomodariam os seus senhores, lá nas luxuosas alcovas, em Paris. Os acorrentados da Bastilha, presos por dívidas ou por idéias democráticas, podiam morrer roídos pelos ratos de esgôto, ou loucos, ou de peste; isso não faria com que o minueto fôsse dançado com menos garbo. Os prisioneiros eram quase todos do povo e o povo era outra casta, outra raça completamente diversa da raça ociosa, perfumada e flexível que vivia à custa do suor plebeu, de favores do rei, e que cuidava de intrigas palacianas, de escândalos amorosos e ... de festas. ...

Se não é louvável, é pelo menos humano que a guilhotina funcionasse e que a futura Marselhesa tivesse pedaços assim:

«Amour sacré de la Patrie,
Conduis, soutiens nos bras vengeurs!»

ou ainda,

«Qu'un sang impur
Abreuve nos sillons!»

O Canto do Exército do Reno é um grito irresistível de Guerra.

Quem, camponês ou estudante, soldado ou artifice, não correria ofegante e trêmulo de emoção, não haveria de dar o seu nome, como voluntário, quando um batalhão de «sans-cullotes», agitando o pendão azul-branco-vermelho com os dizeres Liberdade, Igualdade e Fraternidade, que era a bandeira da Revolução, passasse cantando:

«Aux armes, Citoyens,
Formes vos bataillons
Marchons, Marchons!»

O Canto do Exército do Reno é um idílio com a Liberdade. É um apêlo veemente para que sejamos livres. Que desejo infinito de Liberdade êle traduz a esta altura:

«Liberté, liberté, chérie,
Combats avec tes défenseurs
Sous nos drapeux que la victoire

Accure à tes maux accents;
Que nos ennemis expirants
Voient ton triomphe et notre gloire!"

O Canto do Exército do Reno é um hino triunfal.

Sublime, numa magnitude indefinível, todo o inenarrável complexo de alegria e animosidade, de ímpeto e de delírio, que é a embriaguês da glória; que é a volúpia de um desses dias que valem existências: um dia de glória longamente esperado e que chegou,

«Le jour de gloire est arrivé!»

★ ★ ★

Eis que o Cântico do Exército do Reno é consagrado por Paris e, então, com o nome de Marselhesa ou Canto dos Marselheses, fica imortal. Foi às primeiras horas do dia 5 de agosto de 1792. Caía sobre Paris uma tempestade terrível... E, aqui, será melhor dar a palavra a Henri Beraud:

«Enquanto os elementos se desencadeavam, enquanto as águas e o fogo do céu disputavam o espaço, o ruído de um canto longínquo chegou aos meus ouvidos.

Debrucei-me na janela. Os uivos e os ribombos da tempestade não esmoreciam aquelas vozes fortes e meças. Aproximavam-se. Vinham do Palais-Royal. Uma centena de homens seguia, carregando os archotes e cantando o mais alto possível, com os pés dentro da enxurrada.

«A alegria dêles insultava os furores da natureza. As portas se abriam.

Veio gente para a tempestade aplaudir os estranhos cantores. Eram os federados de Marselha que cantavam a Marselhesa».

H. Béraud, ainda em «Meu Amigo Robespierre», ao descrever a execução dos girondinos, menciona o efeito eletrizante da Marselhesa, ainda pouco conhecida, sobre a multidão parisiense, e como ainda Vergniaud, o líder girondino, impávido subiu, cantando-a, até ao último degrau do cadafalso e, cantando-a, conservou-se até a morte, na sua bravura de herói, quando afinal, a afiada lâmina triangular da guilhotina o emudeceu de vez.

«Um dia (de execução) ouviu-se outra coisa diferente das habituais vociferações. Era um canto. E que canto! O Hino dos Marselheses, cantado por vinte vozes jovens e graves. Enchia a rua, e o efeito era tão surpreendente que as bacantes e os dizeres de insultos assalariados se calaram, não se atrevendo a desempenhar o serviço. Cinco carretas em fila, como que conduzidas pela multidão, e dentro delas, os girondinos, de cabeças e peitos nus, cantavam com todo fervor.

As vêzes, de uma janela ou de uma porta vinha um grito indignado:

— Viva a República!

Eles paravam de cantar para responder:

— Viva a República!

E retomavam o estribilho.

«Vergniaud ia no quarto carro. Apontavam-no. O povo ouvia, em silêncio, aquela voz sem tremor que cantava, e que cantaria ainda quando o grande homem, com os pés enxarcados de sangue puro, visse, antes de morrer, tombar 19 vêzes o cruel triângulo...»

Daí, dêsse grandioso e trágico ano de 1793 em diante, cada vez mais, sempre que se queria despertar o entusiasmo

ou a combatividade dos homens, seja enfim onde fôr — nos desfiles de Paris, nas areias do Saara ou nas comemorações internacionais de grandes empreendimentos humanos — recorre-se a êsse estimulante que só não move os inanimados; a essa Marselhesa escaldante como um «cock-tail» das mais fortes emoções: vingança, guerra e glória, e onde um gôsto inconfundível, um gôsto insubstituível predomina: — o incomparável sabor da Liberdade.



Eu me confesso não só um desentendido como também um desinteressado no que diga respeito à arte. Entretanto, reconheço a existência de trabalhos artisticos — geralmente pouco citados — de uma felicidade extraordinária.

Dessa natureza é um baixo relêvo de Rude, no Arco do Triunfo, intitulado «A Marselhesa».

(Os historiadores dizem também, que esta admirável obra é igualmente conhecida sob o nome de «Le chant du depart», e que representa a partida entusiástica dos voluntários para a defesa da pátria em perigo, sob a figura da França).

A vista dêsse trabalho compreende-se a Marselhesa num relance.

Percebe-se que êle é a divinização da luta pela liberdade.

Vê-se que êsse baixo-relêvo é a materialização de um som que, ouvido à hora d morte, nos faz intrépidos ante a própria morte. Pela emoção ótica que essa jóia artística desperta, imagina-se a emoção acústica que a Marselhesa provoca: emoção capaz de transformar um tímido em um orgulhoso, em um bravo indomável até o seu último instante.

E tanto me impressionou a gravura que não me admirei ao estudar que, em Valmy e Jemappes, os voluntários franceses, destreinados, rotos e bêbados, derrotassem a elite dos exércitos austro-prussianos.

De que poderia adiantar — pensava eu — que as tropas prussianas de Brunswick se considerassem invencíveis pelo treino, disciplina e equipamento, se os «sans-culottes» se batiam aos assentos de Marselhesa?

Embora hoje eu verifique que as opiniões variam sobre essas duas batalhas tão importantes na história da evolução social, continuo endossando a minha primeira opinião. Por-

que na romântica era em que os engenhos de guerra eram poucos, e a metralhadora o tanque e os aviões eram ausentes, o entusiasmo podia opôr peitos ao fogo dos canhões mo-rosos e a bravura dos soldados, empunhando baionetas e vibrando espadas, decidia combates...

★ ★ ★

Rouget de L'Isle morreu em 1838. Há 160 anos, porém, desde abril de 1792, a sua genial canção, de Strasburgo, foi sendo cantada em todo o mundo. E pertence hoje a todo o mundo, porque ela é mais do que o Hino Nacional Francês, o Hino Universal da Liberdade. E assim, como êmulo da liberdade, ela veio dos nossos antepassados e ficará para a posteridade porque as gerações passam, mas a Liberdade é eterna como um anseio que se renova em tôdas as gerações. Qual, dentre os que compreendemos o teu valor, à maneira daquele soldado ateniense que correu a Maratona a Atenas para anunciar a vitória dos seus compatriotas sôbre os persas, e que depois calu morto, não morreria também para dizer que tu vives, Liberdade!

E qual de nós não há de pôr, com a máxima satisfação, todo o nosso ardor, e a nossa melhor voz, ao cantar, do hino que Rouget te fêz, esta porção:

«Liberté, liberté chérie,
Combats avec tes défenseurs!»

JOVEM!

VOCÊ QUE PRETENDE SER OFICIAL
— DA FÔRÇA PÚBLICA —

INICIE DESDE JÁ SEUS ESTUDOS — MATRICULE-SE NO

CURSO MILITIA

Patrocinado pelo Clube dos Oficiais

que nos últimos exames de admissão
ao Curso Pré-Militar apresentou
maior índice de aprovação

Número de vagas limitado a 25 em
cada classe, para melhor
aproveitamento dos alunos

Informações: Telefone 32-2884

Já sei que vocês vão me dizer que o título acima é cópia dos adotados por certa conhecida revista, onde se lê: - Minha vizinha Mary; Salabona-a salvação dos artríticos; Aquiles e as bicicletas; Meu irmão Spakey já sabia; Morte às 3,20, etc., etc. Mas, longe de mim qualquer plágio; eu o abomino. Copio algumas vezes, isto é verdade; todavia tomo a preocupação de mudar os lugares, outras vezes os adjetivos, e outras ainda os nomes dos personagens ou a época. Assim, quem pode perceber?

VAMOS

DEIXAR DE FUMAR?

(ADMIRÁVEL COLETÂNEA DE PROCESSOS)

Cap. Plínio D. Monteiro

Dizem que o mais difícil não é largar um vício; é resistir à tentação de contar aos amigos como se deixou o mau hábito. E' uma maneira simples de passar por meio herói.

Um problema apaixonante para a maioria dos homens (e hoje também para damas e similares) é

abandonar o vício de fumar. O "despretensioso" autor destas notabilíssimas notas resolve a complicada equação, no presente artigo.

Atinal de contas, em que consiste o vício, ou usando de eufemismo, o hábito de fumar? Apanhar um cigarro, um charuto, ou um cachimbo, e aspirar a fumaça do tabaco incendiado nele contido. (Alguns substituem o tabaco, por outra "plantinha"). Sòmente isso. Nada mais, nada menos. E. se perguntar ao mais inve-

cos, sôbre os males do fumo; as mais das vezes descritos com requintes de exageros. Que o fumo faz mal, principalmente às vias respiratórias, estômago, etc., isso ninguém pode, em sã consciência, contestar, pois, qual é o fumador que não tem sua tossesinha? Essa tosse é sempre justificada com frases como estas: "estou resfriado; engasguei-me; o quarto está muito abafado; êsse escapamento dos automóveis; sou alérgico à lã dos cobertores; a poeira está de amargar, hein?"

Por conseguinte, vamos deixar de fumar para evitar tosse, cancer, úlceras de estômago, dôres de cabeças e outros achaques.

Para êsse fim — deixar de fumar — coletei vários métodos:—

1.º — *Sistema paliativo — Fumar cigarros mais fracos, só fumar em horas determinadas, ou adotar a antipatiquíssima piteira. Também há os que aconselham mudar constantemente de marca.*

2.º — *Métodos económicos (muito comuns quando os cigarros sobem de preço) — "Só fumo às vészes; dá-me mais um cigarro dos seus?"*

3.º — *Meios mais ou menos positivos:— Há o processo tipo "estou me*

terado fumante qual a sensação do vício, êle não saberá defini-la. Sabe, apenas, que quando não fuma se sente angustiado. Sabe-se, portanto, que o vício existe quando se procura eliminá-lo.

Todos os tabagistas ou não, têm lido os artigos científicos, ou pseudo-cientifi-



ESTIMULE O APETITE

Si seu filho está sem apetite, prepare-lhe pratos com "MAIZENA". Ele apreciará as extraordinárias sopas e cremes de legumes, bem como as deliciosas sobremesas preparadas com o, insubstituível

AMIDO DE MILHO **MAIZENA** MARCA REGISTRADA



TRIANGULO

tapeando e aos outros também", que consiste em ir diminuindo aos poucos a quantidade de cigarros. Geralmente este sistema chega ao 4.º ou 5.º dia, quando em vez de se fumar 3 maços diários, baixou-se para 35 unidades.

Outro notável processo é de não fumar até uma hora depois que se levantou da cama, e ir alargando esse período de tortura chinesa diariamente uma hora. Conseqüência, muita vez a abstinência, num inverez a "tour de force", a próxima-se do meio dia, e fuma-se desesperadamente nas horas restantes.

Muito comum são ainda os que apelam para as go-mas de mascar, balas, pa-litos de fósforos. Grande sistema, pois redundam quase sempre em fumar chupando balas de hortelã. E' agradável.

Há os que julgam fazer uso do tabaco, porque tomam café; e fica eliminado durante algum tempo... o cafêsinho. E o cigarro?

Esse vai indo bem, obrigado.

Encontram-se indivíduos (geralmente filantes) que hoje estão fumando bastante que é para amanhã enjoar e não poder mais nem olhar para um cigarro... comprado por eles, é lógico.

Método muito aconselhável é o de fazer algo diferente, quando dá vontade de fumar. Exemplo:- tomar uma "cachacinha" em vez de fumar.

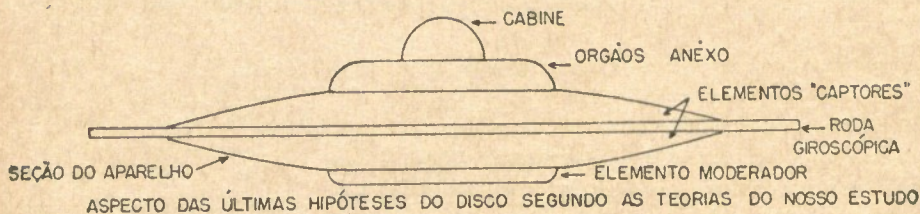
Quebrar a cadeia de movimentos instintivos que constituem o ato de fumar, é outro processo brilhante. Em lugar de tirar o tal cilindro de papel do maço, batê-lo, acendê-lo, queimá-lo e jogar a ponta fora, fazê-lo voltar ao pacote, acendê-lo fora da boca, apagá-lo, largá-lo em cima da mesa (no cinzeiro? é bem lembrado. Mas, todos sabem que cinzeiro é um objeto destinado a se jogar cinza em torno dele). Este processo traz grande vantagem, idêntica a do cigarro de palha; perde-se

tempo com o ato de fumar, que antes era mecânico.

Um amigo deixou de fumar, e quando se pergunta como conseguiu, a resposta é:- Não pondo cigarro na bôca.

Desculpe-me o leitor se conhece alguma outra maneira que não citei; naturalmente que você tem o seu sábio método de largar o vício, mas não conta a ninguém; e, para melhor ocultar o segredo, continua fumando em presença dos outros. E' óbvio que, sozinho, fuma também um ou outro cigarro para não se atrapalhar quando tiver de fazê-lo aos olhos alheios.

Em conclusão:- deixar o fumo, alguns heróis o fazem; e tenho que, modéstia à parte, me incluir no rol deles, pois já deixei de fumar, não uma vez, porém centenas delas. E todos os dias, sem exagêro, passo algumas horas sem fumar. Quantas horas durmo, mesmo, por dia?



DISCOS VOADORES

**COMO VOAM, DONDE VÊM — SEUS OBJETIVOS
TRIPULAÇÃO — PROPULSÃO — SILÊNCIO
RESISTÊNCIA TÉRMICA E PILOTAGEM**

— Major Av. Fernando Durval Lacerda —

-- II --

-- CONCLUSÃO --

TRIPULAÇÃO

Parece difícil à primeira vista supor que haja tripulação nos discos, porque ainda que admitamos o que temos considerado, que o calor do atrito aerodinâmico pode ser reduzido a condições normais, pelas conseqüências do modo de propulsão e limitando ao necessário a duração dos saltos a uma grande velocidade, subsiste a crença de que as prodigiosas acelerações que animam estes instrumentos, destruiriam o organismo humano. Por outro lado, as mano-

bras razoáveis deste instrumento, seu prolongado estacionamento sobre certos lugares que parecem interessá-los especialmente, nos fazem crê-los tripulados. Mas se o disco está habitado, como explicar que o piloto não seja esmagado contra o seu próprio assento pela própria inércia, quando se produzem acelerações que passam de dezenas ou talvez centenas de "G"? Uma vez mais o princípio de propulsão por campo de forças resolve o problema. Num aparelho clássico ao produzir uma forte

aceleração, o esmagamento se dá devido à inércia das moléculas que pesam de uma maneira muito pronunciada sobre o assento, origem desta força de aceleração. No "disco" pelo contrário, a força não emana do próprio assento: é própria de cada molécula. A inércia é combatida sobre o plano atômico e a "fortiotti" molecular. A aceleração linear resultante é a mesma para cada molécula e tôdas progridem ao mesmo tempo, com igual velocidade na direção do campo sem que haja possibilidade alguma de aglomeração. O equilíbrio estrutural e fisiológico se conserva intacto e o piloto pode suportar sem ser molestado as piores acelerações. Únicamente a ionização atômica provocada por enormes acelerações, limita estas possibilidades, mas este limite não é daqueles que se possam considerar ainda dentro de um deslocamento interessante. O aparelho e o piloto experimentam uma intensidade igual de campo; assim, estando freiado pela atmosfera, o aparelho é levado a uma velocidade mais fraca que a imposta ao piloto que dessa maneira correria o risco de ser imprensado contra a parede dianteira. Mas o problema é fácil de resolver por um enfraquecimento equilibrado do campo no interior do aparelho. Bastará regular este enfraquecimento, seguindo o "deslocamento" de um contrapêso montado junto ao assento. E as viradas em ângulo reto se explicam muito bem, por um balanceio do instrumento que compense a força centrífuga pela ação equilibrada do campo.

MUDANÇA DE ASPECTO

Uma das características do disco consiste nas modificações de sua aparência ao arbitrio de uma fantasia inexplicável. Não existe atualmente um instru-

mento conhecido que se transforme em bola de fogo colorada, como às vezes esses aparelhos apresentam, conforme o testemunho de vários observadores. Poderíamos pensar, por hipótese, a princípio, em uma gênese térmica da bola; mas é muito mais verossímil que seja devido ao fluido "corpúsculo ondulatório" que se faz luminoso no ar. Sabe-se que este fenômeno se observa na saída de certos "ciclotrons" de potência relativamente baixa. A variação das côres poderia ser produto da variação da intensidade, ou melhor, efeito de um campo magnético utilizado em função pro-

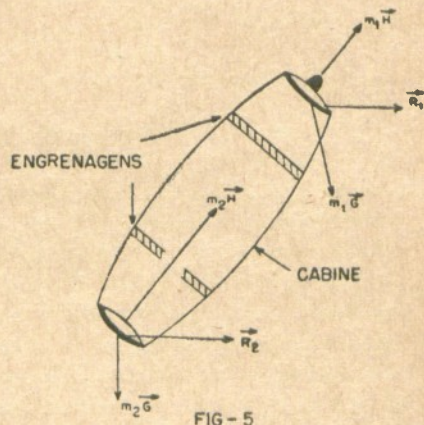


FIG - 5

DESLOCAMENTO LENTO DO "CIGARRO VOADOR" ÉSTE DESLOCAMENTO SERÁ NECESSÁRIAMENTE OBLÍQUO PARA OBTER A POSIÇÃO HORIZONTAL A GRANDE VELOCIDADE. OS "CIGARROS OBSERVADOS ERAM MAIS LARGOS DO QUE O DA FIGURA, MAS DEVIA SER PARA SUBTRAIR A CABINE CENTRAL DAS RADIAÇÕES NOCIVAS. FORAM TAMBÉM DIVISADAS "BANANAS VOADORAS" QUE RESOLVERIA ÉSTE POBLEMA, SEM RECORRER AO ALARGAMENTO MAS IMPEDIRIA VELOCIDADES MUITO GRANDES NA ATMOSFÉRA

pulsora, o que produziria êste inesperado feito Zeeman. Sabe-se que o fisico norte-americano Noel W. Scott criou experimentalmente bolas côr de laranja em atmosfera rarefeita, sòmente por ação de um anel de cobre a alta tensão. Enfim, como se verá mais adiante, o campo de fôrças ao provocar um vácuo parcial nas subidas e descidas oblíquas, pode provocar condensação do vapor d'água do ar favorecido pela ionização eventual devido ao fluido, e dar nascimento a uma esfera branca em forma de algodão. Em resumo, a mudança de aspecto pode ter causas térmicas, ondulatórias, meteorológicas, ou melhor, tôdas as três de uma vez.

DISCO DO INSTRUMENTO

O deslocamento não se realiza de uma maneira idêntica e constante. À baixa velocidade, o eixo do instrumento é sensivelmente perpendicular ao sentido do deslocamento e à medida que a velocidade aumenta, se acerca dêle cada vez mais. Certamente o aparelho não tem comandos aerodinâmicos, pois não existe vento relativo estável sôbre êle quando pode manobrar; deve ter, portanto, uma estabilização giroscópica. A mudança do disco se produz por excêntricação da resultante "mH" a uma ordem do piloto, produzindo em consequência duas partes: uma que gira, provavelmente periférica, e a outra será um órgão moderador do campo "excêntrico". Assim numerosas testemunhas assinalam esta inclinação que varia com a velocidade e também o balanceio antes do arranque fulminante.

Nos "cigarros voadores" supõem-se que êles estão constituídos por uma carlinga com dois discos nos extremos; nota-se imediatamente (Fig. 5), que à

baixa velocidade, devem estar inclinados sôbre o horizonte, sendo esta inclinação aproximadamente igual a dos eixos dos discos eventuais.

BALANCEIO E APROXIMAÇÃO EM ZIG-ZAG

Na parada, qualquer inclinação voluntária ou não, provoca um deslizamento sôbre o lado correspondente (Vide Fig. 2). Mas há de ser muito difícil para o piloto conservar seu aparelho bem equilibrado por ação da resultante do campo. Em consequência nas descidas verticais lentas, há de cair em pêndulo ou fôlha sêca. Do mesmo modo ao aproximar-se de uma localidade o piloto inclina seu aparelho para ver melhor debaixo dêle; é dêste modo que provoca bruscos desvios e uma chegada em "Zig-Zag". Numerosas vêzes, testemunhas dignas de fé assinalaram balanceios oscilatórios, fôlhas sêcas, e bruscos desvios.

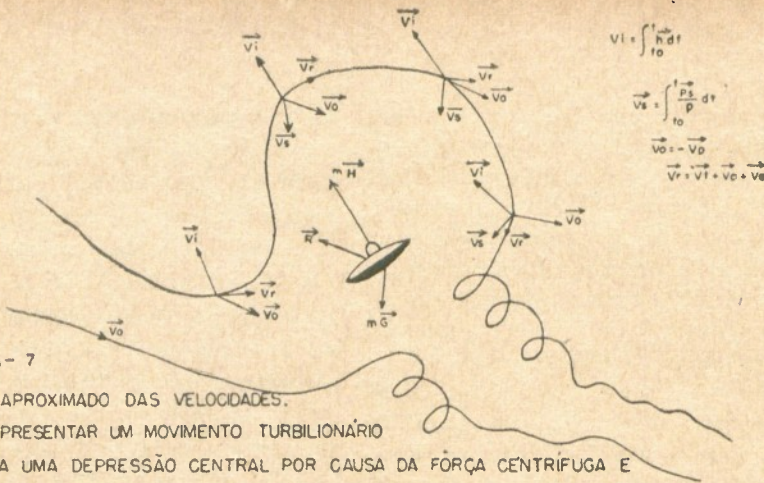
EVOLUÇÕES ESTRANHAS

Isolado em plena velocidade, no centro de uma zona limitada por ar quente e perturbado, o piloto só pode ter uma visão deformada do solo, por causa da refração heterogênea através dêste ar. Assim, poderiam explicar as bruscas subidas, as mudanças rapidíssimas de proa e também, as paradas de alguns minutos sôbre cidades, e particularmente costas, que são as referências tomadas para determinar sua posição ou melhor, fazer sua aeronavegação ou astronavegação.

ACIDENTES E PARADAS

O aparelho dificilmente poderá acidentarse; o piloto provoca a mais perfeita das freadas por uma simples in-

FIG - 7



$$v_i = \int_{t_0}^t h \, dt$$

$$v_s = \int_{t_0}^t \frac{p_s}{p} \, dt$$

$$v_o = v_p$$

$$v_r = v_i + v_p + v_s$$

ESTUDO APROXIMADO DAS VELOCIDADES. DEVEM APRESENTAR UM MOVIMENTO TURBILIONÁRIO QUE CRIA UMA DEPRESSÃO CENTRAL POR CAUSA DA FÓRÇA CENTRÍFUGA E DE DIVERGÊNCIA DOS HALOS DE AR FOI CONSIDERADO O CASO DAS LINHAS DE FÓRÇAS DA FIG-1 "VI" E A VELOCIDADE INDUZIDA PELO CAMPO; "VS" E A VELOCIDADE INDUZIDA POR PRESSÃO OU DEPRESSÃO, "VP" E A VELOCIDADE PRÓPRIA; "VR" E A VELOCIDADE AERODINÂMICA INSTANTÂNEA RESULTANTE

são, a ascendência seria ainda mais forte. Ter-se-ia então a possibilidade de ver aparecer repentinamente um pequeno cúmulo, capaz de deslocar-se contra o vento. Os jornais de 3 de janeiro de 1953, relataram a aventura de um caçador de aves, antigo piloto da RAF, que viu com admiração um pequeno cúmulo parado no céu, deslocar-se da vertical, para deixar sair do seu interior uma "coisa indeterminada" que desapareceu rapidamente, deixando atrás de si uma régua branca. Pode-se supor que o piloto do aparelho se havia colocado voluntariamente dentro da nuvem para beneficiar-se do esconderijo providencial que dessa maneira podia criar. Seria também a explicação de um fenômeno presenciado por um oficial da FAB, hoje major, antigo instrutor da Escola de Aeronáutica, que num vôo de treinamento com um "céu de brigadeiro", viu com surpresa formar uma nuvem ascendente a partir de 300 pés sobre a Escola do Km 47. Dirigindo-se para êle verificou com espanto que era composta de duas: uma em coluna, no centro, como um

grande cilindro, e outra, por fora, de forma helicoidal, envolvendo o cilindro.

BOLA BRANCA GIRATÓRIA

Ao redor do aparelho se forma, em caso de uma subida oblíqua, uma zona depressionária devido à força centrífuga criada pelo redemoinho, a divergência das estrias do ar e o efeito da "sucção" do campo. Em certos casos a atmosfera úmida ajudando a ionização, produzirá uma condensação por descarga adiabática nesta zona e também vapores brancos que seguem a circulação aerodinâmica, dando a impressão de uma bola branca subindo para o céu, rodando em sentido inverso. O caso será idêntico nas descidas oblíquas e corresponderá como na subida a condições bem precisas de velocidade própria, do ângulo da trajetória e da umidade atmosférica.

HIPÓTESE SÔBRE O APARELHO

A verificação destas conseqüências, depois de haverem sido explicados os quatro aparentes mistérios, e ainda, as observações de certas características que

chegamos, não pode prever que nos tornamos em ardorosos propagandistas dos discos.

Devemos pedir desculpas aos leitores se muitas vezes os levamos por caminhos tortuosos. Expomos apenas algumas das hipóteses mais plausíveis sobre o engenho. Os átomos do aparelho devem apresentar uma característica que permita suportar de maneira homogênea a força aplicada pela energia cósmica, do mesmo modo que bicoloração do torniquete fotométrico lhe permite suportar

constituiria uma enorme lente metálica. As qualidades atômicas de suas constituintes unidas às das suas "dioptrias" lhe confeririam uma ação preponderante sobre certa parte do espaço, talvez por intermediação do campo, o que obrigaria a energia cósmica a libertar-se debaixo da forma "corpúsculo-ondulatória". Esta libertação se faria progressivamente em sentido único, imposta pelas linhas de forças do campo magnético e o aspecto corpuscular do fluido se consolidaria sempre mais e mais adiante, sob a forma de densa radiação de par-

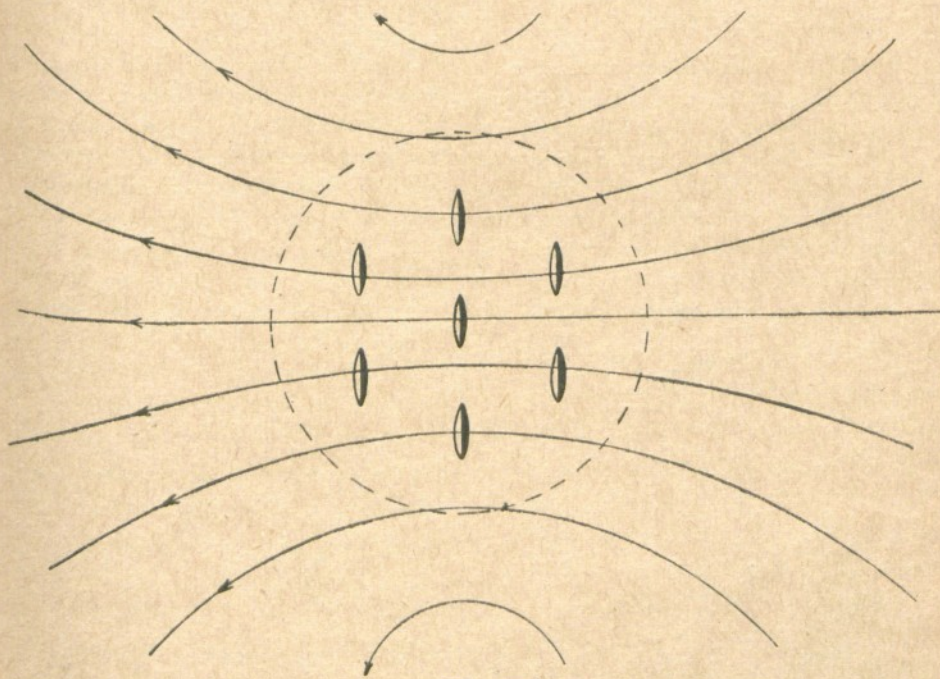


FIG. — 8

a força de luz. Esta característica poderia ser ocasionada simplesmente pela ação do campo solenoidal de um enorme "disco" condicionado, como se verá, à receptividade dos átomos. Mas, o elemento principal da função propulsora seria o disco propriamente dito, que

tículas positivas, enquanto sua "energia propulsora", diminuiria na mesma quantidade. A radiação positiva, traria sem dúvida, por contragolpe, uma radiação negativa feita atrás por subtração dos "elétrons" aos átomos do ar e do aparelho. Algumas das partículas positivas

já criadas atrás, se uniriam com alguns destes "elétrons", resultando a aparição das chamas assinaladas por algumas testemunhas, ainda em pleno dia. Estas duas radiações provocariam certa luminosidade no ar, o que explicaria o aspecto da "bola de fogo". Ademais uma pequena parte destas particulas se juntariam na zona marginal, perdendo sua ionização, e formariam os anéis que também foram observados. A observação do "ovo voador" amiúde relatada, especialmente por pilotos da "Air France", parece confirmar esta hipótese.

PILOTAGEM

Na pilotagem pròpriamente dita, a fôrça do campo seria obtida por uma palheta retratável que absorveria ou desviaria em parte o fluido acelerador. Por outra parte, o campo deve ficar fraco dentro do "aparelho", para evitar que o piloto seja lançado contra a parede dianteira e também para que a ausência de gravidade não perturbe seu

equilíbrio fisiológico, o que não lhe permitiria permanecer sentado. A palheta deveria fazer lógicamente ambos as funções, o que parece confirmar nas fotografias a existência de uma "sombra prêta central", ligeiramente excentrada, segundo as necessidades, e correspondendo a um enfraquecimento parcial de radiação e portanto da luminosidade. As fotos tomadas pelo sr. Fregnale sôbre o lago Chauvet, parecem confirmar esta hipótese. Relatamos assim, alguns aspectos de uma teoria sem ter a principio a menor idéia que ela possa ser aplicada aos discos voadores. Partimos e expusemos um postulado: existência de uma energia cósmica misteriosa e a hipótese de se poder libertar esta energia sob outra forma, de outra natureza que determine a aplicação de uma fôrça a cada núcleo atômico. Tratamos de definir as características de um instrumento supersônico ideal, e chegamos à conclusão que o mesmo teria tôdas as características dos discos voadores. Sabe-

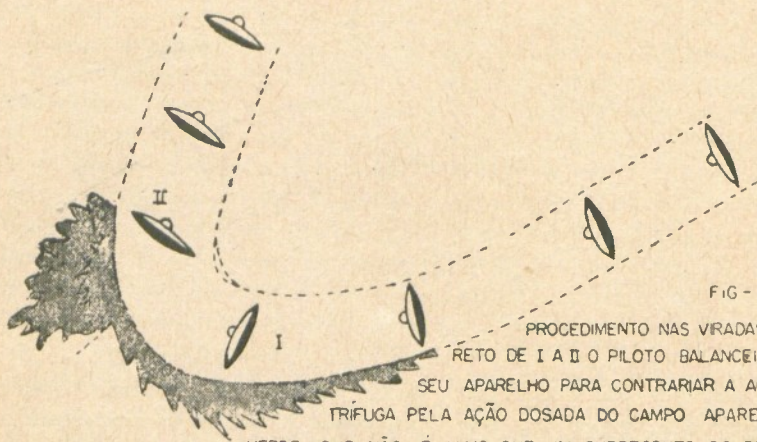


FIG - 9

PROCEDIMENTO NAS VIRADAS EM ÂNGULO RETO DE 90 O PILOTO BALANCEIA BRUTALMENTE SEU APARELHO PARA CONTRARIAR A ACELERAÇÃO CENTRÍFUGA PELA AÇÃO DOS CAMPOS APARECE UMA CHAMA VERDE, QUE NÃO É MAIS QUE UM SUBPRODUTO DO PROCEDIMENTO DA CAPTURA DA ENERGIA CÔSMICA QUE A RÉGUA DO APARELHO OCULTA EM VÔO RETILÍNEO. A INÉRCIA DA COLUNA DO AR QUENTE QUE SEGUE O INSTRUMENTO PODE PROVOCAR "CHAMAS" DO LADO EXTERIOR DA VIRADA, APESAR DA AÇÃO DO CAMPO

mos que esta teoria está longe de ser perfeita, e sabemos que ela não satisfará aos "anti-discos" e aos cientistas muito escrupulosos. E' porém, evidente, que não se conhecem hoje, campos de forças com a sedutora característica de aplicar a cada núcleo atômico uma força cuja intensidade seria também facilmente controlável no espaço e no tempo. Ainda que se admita esta possibilidade, as leis de mecânica clássica exigem um sistema de referência no ponto de vista da reação, e a física não menos clássica, não deixa entrever nenhuma. A energia cósmica poderia muito bem provar por uma espécie de diferença de seu potencial, mas esta energia cósmica é também muito hipotética. Se a gênese de radiação cósmica pode ser realizada, como explicar então, que não se tenha podido revelar sua existência por outras interferências no electromagnetismo? Não podemos por outro lado negar os testemunhos sobre a misteriosa conduta dos "discos voadores". E' necessário então convir que, unicamente o modo de propulsão, que consiste em aplicar uma força a todos os átomos, explicaria inteiramente esse mistério. Considerando que tôdas as conseqüências dêsse modo de propulsão coincidem absolutamente com as observações mais fantásticas e algumas destas deduções foram procedidas de observações, é necessário admitir que se os "engenhos" não existem, o azar faz as coisas muito bem. A física clássica rechaça a noção de um campo de forças tão pouco ortodoxo, e mais ainda, de uma energia cósmica que te-

nha realizado a façanha de escapar às investigações durante vários ciclos. Talvez seja um domínio que ela não tenha jamais abordado, nem sequer pensado, e no qual progredirá a passos de gigante, apenas haja forçado a muralha. Nossos hipotéticos visitantes bem mais adiantados do que nós, vários ciclos ou lustros, talvez tenham pleno conhecimento disto, e quanto basta para explicar tudo.

Sabemos muito bem que muitas pessoas não se querem submeter a essas razões, enquanto não tiverem prova irrefutável que os discos são pilotados. Nós estamos convencidos que sim. Há muitos testemunhos de pessoas idôneas, gente de "cabeça no lugar", para se continuar duvidando. Os homens de ciência sentem repugnância, e têm razão, de embarcar para pescar o monstro de "Lochness" ou de qualquer outra parte. E' necessário provar-lhes que os instrumentos existem, e imediatamente êles se entregarão à obra, pondo na investigação das soluções tanta audácia intelectual como prudência para decidir. Qualquer explicação, ainda que comporte a revelação de um perigo ao nosso planeta por parte de outro, seria preferível à inércia atual. Os céticos, os indiferentes, não foram nunca os construtores e defensores de obras humanas. Fora de toda burla e posição metafísica, é necessário buscar as causas dêstes fenômenos. Mas se se provar que estamos em presença de aparelhos voadores, não devemos deixar de fazer esforço sobrenatural para determinar sua natureza e origem.

O grande ideal de Danilo sempre fôra o de um dia ser famoso. A noite, na solidão de seu quarto de estudante, entrevia pelas lentes fantásticas da ilusão, o seu nome, num futuro rissonho, aureolado pelos esplendores da fama. Um dia seria famoso. Então as rotativas expeliriam vertiginosamente os grandes jornais do país e estes a ostentar manchetas em letras garrafais e fotografias do eminente Dr. Danilo das Neves Pedroso! Todo o país assombrar-se-ia com o novo astro na constelação dos advogados.

DANILO

CONTO DO Aspirante Juracy

Sua residência seria uma suntuosa mansão em que cada canto sobrepujaria a si próprio em magnificência. Criados de libré e um magnífico carro esmaltado de preto coadunariam com a posição a ser ocupada.

E viriam mulheres, muitas mulheres, tôdas atrafadas pelo seu prestígio. Iriam querer um lugar em seu coração, e êle ser-lhes-la indifferente: nem as notaria. Noemi, a suave moreninha de olhos verdes, enfeitigara-lhe a alma. Danilo queria apenas ela. Ah! que vida! Seria o paraíso!

Como invariavelmente acontecia, uma pulgazinha indiscreta fazia Danilo vol-

tar à realidade. Praguejava baixinho e revirava-se no colchão velho e duro, fechando os olhos para continuar em sonho a antegozar as delícias da vida de rico.

— "Seu" Danilo! Repita o que eu estava falando sobre os peróxidos!

Era sempre assim: nunca faltava alguém para lhe desmoronar os castelos tão carinhosamente construídos.

Ante o aparvalhamento do rapaz, e em meio de risinhos abafados e chacotas da classe, a voz aguda e

qualquer com suas pilhérias. Danilo continha-se o quanto era possível. Preferia guardar consigo a revolta; um dia dar-lhe-ia evasão. Mas, se vislumbrava o rostinho meigo de Noemi, de pronto tudo mudava e êle esquecia os percalços da vida. Nem sentia os acicates mordazes e constantes.

Noemi era o astro em torno do qual Danilo gravitava. Era como um oásis no árido deserto de sua vida. Entretanto... Danilo nunca ousara confessar o que lhe ia no coração. Um dia o faria. Isto quando se lhe adviesse a fama. Danilo depô-la-ia a seus pés em holocausto de seu amor. Havia nêle a certeza de que ela também o amava: aqueles olhares fortuitos não podiam enganar, diziam tudo. Com que ansiedade Noemi esperava sua declaração! E Danilo rejubilava-se em pensar que a longa espera acendrava ainda mais a flama do amor no coração da amada.

Noemi era o seu primeiro e grande amor.

Os dias passaram, os meses encadearam-se sucessivamente e pôr fim Danilo concluiu o curso Científico. De nada valeram as impertinências de dona Estela e os risos sarcásticos dos colegas. Logo mais ver-se-ia escarnecendo desses gozadores baratos. Estava ávido pela desforra. Haveria de pô-los sôb os pés como se fôsem mesquinhos átomos de pó. Veriam então quem era Danilo das Neves Pedroso!

O canudo simbólico significou-lhe a chave para a realização de seu ideal. Agora teria a Faculdade pe-

desagradável de dona Estela, a ranzinza professora de Química se fazia ouvir como uma agulha arranhando disco velho:

— ... e é dessa maneira que o senhor pretende ser algo na vida? Parece viver no mundo da lua! Se continuar dessa maneira tomarei medidas mais drásticas. Cuidado, portanto.

Danilo remoia-se. Tinha ganas de saltar sôbre aquela coruja velha e de um só golpe fazê-la engulir os monstruosos óculos. Pareciam querer ocultar as faces murchas e enrugadas da detestável velha.

E após as aulas havia ainda um engraçadinho

la frente e depois, a glória! Nunca o viram tão radiante, tão cheio de si.

Chegou o sábado e o baile de formatura.

Nessa noite falaria à Noemi. Ela iria ouvir embevecida as mágicas palavras há tanto esperadas. Os gestos, o tom de voz, o olhar e tudo enfim estava deccorado, tudo havia sido estudado em seus mínimos detalhes. O coração de Danilo mal podia caber em seu peito; sentia-se importante, feliz.

Vinte e duas horas. O suntuoso salão estava engalanado para o grande acontecimento na vida de Danilo. Tinha a magnificência e o esplendor de um fantástico palácio das lendas. Tudo era luz, tudo era vida, em tudo respirava a juventude.

Os focos de delicadas luzes multicolôres entrelaçavam-se feêricamente no ar.

Os acordes maviosos da orquestra deram início ao baile. Todos os formandos

dançaram, menos Danilo. Noemi ainda não chegara. Nervoso e empertigado no seu traje a rigor êle a procurava entre os presentes. Como tardava sua amada!

Após considerável atraso eis que chega a bela, moreninha. Pareceu a Danilo que um frêmito perpassou sutil pelos circunstantes. Como estava linda! Parecia mais divindade grega desceida do Olimpo nessa noite esplendorosa. Seus olhos verdes, muitos verdes e bullicosos de há muito que haviam encantado a Danilo, mas naquela noite pareciam ainda mais belos. Era a mais bela de tôdas. Noemi era a rainha da noite.

Danilo estava boquiaberto. A custo conseguiu cerrar os lábios. Sentia uma irresistível vontade de sorrir, num esfuziante sorriso de felicidade. Ofegante pela emoção dirigiu-se a ela. Seus passos eram descontrolados e seu rosto estava afoqueado. Não via ninguém mais, só ela, apenas Noemi.

Parou a poucos passos. Seus olhos embaralharam-se súbitamente. Suas pernas fraquejaram. Hesitou. Por um triz Danilo não foi ao chão. Estático, fitava Noemi. Esta, sorridente e feliz enlaçava-se ao braço de alguém. Antes que as lágrimas nublassem seus olhos, Danilo ainda viu uma aliança brilhando em sua mão direita.

Os matutinos nem sequer publicaram a fotografia de Danilo. Seu nome não saiu em letras garrafais como êle sempre desejara, mas sim em mal percebida noticiazinha. Danilo nunca mais poderia ser famoso. Noemi não mais o veria, nem dona Estela, nem os colegas engraçadinhos ... ninguém mais. Num humilde quarto de estudante tinha havido um suicídio, um suicídio banal, dêsses que ocorrem todos os dias.



CURSO GRATUITO DE TAQUIGRAFIA

A Escola Modelo de Taquigrafia, dirigida pelo prof. Sérgio Thomaz, abriu matrículas ao novo curso de taquigrafia por correspondência que terá a duração de cinco meses, após o que serão concedidos diplomas aos alunos aprovados em exame final. Para maiores informações escrever à Escola Modelo de Taquigrafia, rua Barão de Itapetininga, 275, 9º. andar, sala 91, Caixa Postal, 8600, fone 36.7659. São Paulo.

PRÆCLARISSIMO ATQUE INVICTO DUCE DE CAXIAS

"Fata et eximja gesta viri,
qui, primus in armis,
Brasiliæ nomen Famamque
ad sidera tulit..."

(VISCONDE DE SEABRA)

Soldado da Terra de Santa Cruz,
em continência ao teu exímio Patrono!

25 de agosto — dia de Caxias — o
glorioso Patrono do Exército Nacional —
é o teu dia. E a faustosa data em
que se evoca um passado de glórias em
tuas fileiras, numa afirmação de serena
confiança em ti que és uma parcela des-
sa gigantesca aglomeração de bravos,
qual é o valoroso Exército Brasileiro!..

E o dia de Caxias — o soldado
invicto — cujo exemplo na paz é o ABC
do teu civismo, cuja bravura e herois-
mo na guerra são o teu batismo de fogo!

A individualidade valorosa e incon-
testável do Duque de Ferro, impressio-
na não só pelo brilho, pelo esplendor,
como também pela multiplicidade de
predicados. Caxias foi o soldado de bra-
vura inata. Nasceu predestinado para
ser o Condestável do Exército Imperial!

Em Luiz Alves de Lima e Silva
não há apenas o ilustre organizador de
exércitos, o experimentado pacificador

de províncias, o glorioso estrategista dos
campos do Paraguai; deparam-se-lhe ain-
da na personalidade o estadista de lar-
ga visão, o administrador enérgico e jus-
ticeiro, a autoridade serena e moderada,
o cidadão nobre e generoso.

Caxias é o "qui primus fuit in ar-
mis Brasiliae nomen famamque ad sidera
tulit". E', sem dúvida alguma, a maior
figura do cenário político-militar brasi-
leiro.

Nasceu o Patrono do Exército Bra-
sileiro, a 25 de agosto de 1803, na fa-
zenda de S. Paulo, no Taquaru, Vila da
Estrêla, no Estado do Rio de Janeiro.
Filho legítimo de Francisco de Lima e
Silva, que foi general, regente e senador
do império.

A 22 de novembro de 1808 assentou
praça como 1.º cadete, no 1.º Regimen-
to de Infantaria, tendo freqüentado com
brilhantismo o curso de humanidades";
ao completar 14 anos de idade, a 25 de
agosto de 1818, matriculou-se na Aca-

demia Militar da Côrte, graduando-se em primenro lugar. Por decreto de 12 de outubro do mesmo ano, como aluno foi promovido a alferes, prestando serviços no 1.º Batalhão de Fuzileiros da Côrte e, em 2 de janeiro de 1821, tenente; logo após foi transferido para o recém-criado "Batalhão do Imperador". Sua prova de fogo foi na luta das forças independentes sob o comando do General Labatut contra os rebeldes portugueses do Brigadeiro Madeira, na Bahia.

Sua estrêla bem-fadada percorreu os quatro cantos da Pátria, sempre iluminando, guiando, protegendo e aumentando sua magnitude.

Barão, Visconde, Conde, Marquês e, finalmente, Duque de Caxias!

Foi o único Duque do Império.

Brasileiro que nasceu soldado por predestinação, para o esplendor de uma missão que lhe dilúti em setenta anos de trabalho, ninguém como Luiz Alves de Lima e Silva subiu sempre de pôsto em pôsto, de Alferes a Marechal de Exército Graduado; afirmando-se aos olhos do presente e se engrandecendo ao julgamento da posteridade; ninguém como Caxias teve na sua época o dom de auscultar as vibrações do momento, fôsse militar, político ou social, e de mover-se orientado na inspiração das soluções oportunas e sábias; ninguém como êle soube servir tanto ao Brasil, nos partidos ou contra êles, nas conciliações ou nas reprimendas, na trama artificiosa das negociações diplomáticas ou na rudez dos choques dos campos de batalha!

Na existência do Condestável Nacional, tudo foi harmonioso, não houve a surpresa das revelações súbitas e espetaculares, nem a intenção utilitária que

adorna os falsos ídolos: foi a elaboração espontânea, progressiva e ritimada em que se forjam, em tôda a sua encantadora compleição, as almas dos soldados verdadeiros. Jamais se deixou levar por conquistas de glórias vãs e por loiros inglórios! Seu tino militar-político-diplomático salvou o Império, por diversas vêzes. Sua espada invencível sempre brandiu pelo Brasil, por seu Povo e nunca por si mesmo.

Pelejou como jovem tenente, nas guerras da independência, e por onde passou, no norte, deixou a paz e a unidade nacional.

Capitão inconcusso, riscou com sua companhia as cochilas do sul, espada desembainhada durante a revolução da Cisplatina. Deixou no Uruguai de hoje a lembrança eterna de que um dia o Pavilhão Imperial lá tremulara.

Mais tarde, ultrapassa o portão das armas de seu quartel. O jovem militar é chamado para o cenário político.

Estadista de envergadura palmilha o Brasil — norte, centro e sul — levando a cada região da Pátria a sua palavra de ordem pela unidade brasileira.

Com energia ou habilidade, pela palavra ou pelo ferro, vencendo ou arastando o pêso dos sacrifícios correu sempre célere ao cumprimento do dever.

Arde ruidosamente no Maranhão a fogueira crepitante da tristemente célebre "Balaiaada". Corre para lá o tenente-coronel Lima e Silva, lançando sua magnífica estréia, concitando os irmãos rebeldes a se unirem pelo bem comum: "Maranhenses! Mais militar do que político, eu quero até ignorar o nome dos partidos, que por desgraça entre vós existem"! E a estréia foi fecunda.

Volta-se para S. Paulo, agitado pela rebelião que surgiu em Sorocaba e prometia alastrar-se por todo o solo da Província. O Brigadeiro Barão de Caxias vòo ao teatro da fratricida contenda: surpreende pela presteza; conquista força e prestígio pela elevação de propósitos que o anima. Confunde e bate os obstinados até sua capitulação. Pouco tempo e eis S. Paulo pacificado. Sua proclamação desta vèz foi incisiva: "Paulistas! não vim derramar vosso sangue, mas sim chamar-vos a marchar lado a lado sob o Augusto Pendão Imperial".

Mal se pacificara S. Paulo, outra insurreição quebra o ritmo tranqüilo da vida em Minas — importante província do Império. O pretexto para a reação contra reformas exigidas pela revolução nacional; o motim vinha influenciado pelo prestígio da Igreja e, como todos, trazia o manto cativante das pretensões libertadoras.

Deixa S. Paulo, retorna à Córte, estuda a nova missão, e dias depois segue para Ouro Preto. Trava-se o combate de Santa Luzia, sob seu comando. Bate os amotinados, quatro vèzes superiores em número a seus quatrocentos soldados, que lutavam por um Brasil sempre unido.

Por êsse tempo, já seu nome havia ecoado pelos quatro ventos. A família brasileira já o começava colocar sôbre seus altares. Brigadeiro aos 38 anos, Marechal de Campo aos 39.

1842. — A Revolução Farroupilha fumegava nas cochilas sulinas. Suas labaredas varriam as campanhas do Rio Grande desde 1835. A terra gaúcha via-se sèriamente ameaçada em sua estrutura político-econômica e na tranqüili-

dade de seus filhos. O caudilhismo se agigantava. Mais uma vez o Imperador confia a Caxias a pacificação de mais um pedaço da Pátria. Acorre pressuroso e leva em sua espada a guardiã da integridade nacional. Organizou, armou, montou, instruiu o seu pequeno exército e, em breve, entrou pela campanha em marchas forçadas.

Fêz-se mister lutar e a luta se travou acesa de lado a lado, agora com vantagens crescentes para as armas da legalidade, que haviam adquirido rapidez e vigor até então imprevisíveis.

Sucederam-se choques. Os nacionais seguiam o exemplo de seu marechal — então Marquês de Caxias — o general jamais vencido. Suas falas são das mais vibrantes: "Soldados do Império! Lembrai-vos de que vosso general nunca foi vencido".

Demorou, porém radiou a vitória. Prestava assim o grande líder político-militar brasileiro mais um relevante serviço à causa comum da Mãe-Pátria! Surgiu a paz almejada nas planícies sulinas.

Aqui se encerra novo ciclo da vida do inigualável soldado, cuja espada estava perenemente em continência à ordem e à tranqüilidade da Pátria.

De início, Caxias foi grande no recinto estreito da caserna; sua silhueta era a de um soldado disciplinado e assaz valente; logo a seguir, se projetou na razão direta da grandeza do torrão pátrio e de norte a sul se sublimou e cresceu. Atingiu o climax se batendo pela ordem pública e para não deixar, de sorte alguma, cindir-se o vastíssimo território do Império, à semelhança do que sucedeu com as demais nações da América. Depois, vê-lo-emos, qual fan-

tasma luminoso, general experimentado, instrumento da política do II Império a ultrapassar as fronteiras, conduzindo nossas armas vitoriosas, projetando sua figura gloriosa na história do continente sul-americano, para servir e bem servir à Pátria.

Não tardou muito, a pernicioso influência do caudilhismo estrangeiro colocou em polvorosa a Província Cisplatina e a situação sulina desequilibrou-se completamente. A eterna contenda pelo ideal ditatorial da unificação dos estados do Prata. Trata-se da guerra contra a aliança — Oribe-Rosas.

Caxias, nomeado Presidente da Província do Rio Grande do Sul e Comandante-Supremo do Exército Imperial, a 16 de junho; a 26, estava naquela província, rapidez difícil naqueles tempos, mas que êle sempre soube realizar como uma das suas armas decisivas. A ordem do dia lançada no momento em que reafirma os traços psicológicos do homem e do general, elevando-lhe mais o vulto majestoso à admiração das gerações: "A verdadeira bravura do soldado é nobre, generosa e respeitadora dos princípios de humanidade"... Não vos recomendo resignação, constância e valor, porque essas são virtudes inatas no soldado brasileiro".

"E marchou conduzindo 4 divisões e um comando de artilharia, o que com destacamentos fixos, orçava por 20.000 homens. Nas suas fileiras, chefes farrapos a quem havia vencido e conquistado, com tropas e armas, para a causa da Pátria. E apesar do terreno alagado pelas chuvas constantes e dos morosos "trens" daquelas priscas éras, registram os anais do Exército velocidades diárias de 15 quilômetros!"

Oribe capitula sem luta. Na Argentina, porém, Rosas se obstina em seus propósitos de conquistas fáceis, com o móvel verdadeiro das apreensões continentais, nesta sombria e dramática hora da história sul-americana. Batido Rosas, Caxias regressa com seu exército à Pátria, trazendo a auréola de uma prudência e de uma firmeza que conquistaram com um mínimo de sangue, todos os objetivos visados. Mais uma vez a Nação grata e gentil o acolhe e cobre de glórias e loiros. Não há brasileiro leal que não venere o Duque de Caxias — a espada bendita da paz nacional. Desta vez o grande cabo de guerra mostrava visivelmente em seu rosto de energias inquebrantáveis, sinais de enfermidade. Estava bastante doente o "Anjo dos Exércitos".

Mais tarde, a pedido do Imperador Pedro II, aceita a Pasta da Guerra, onde alcançou novos triunfos e correspondeu a tôda a expectativa do país. Daí subiu com inexcusável brilho às mais elevadas cumeadas do Governo, durante o lapso de tempo que vai até à guerra do Paraguai. Mesmo como homem de Estado, presidente do Conselho que era, disse em pleno Parlamento: "Desde a infância, abracei a carreira das armas. Sou filho de soldado. De tôdas as honras que gozo no Império, prezo sobretudo a maneira as que tenho alcançado como militar", reafirmando à história, que apesar de tudo era só um soldado, porque finalmente pacificando, administrando ou governando, as suas atitudes não podiam ultrapassar os vínculos de ouro dos sentimentos em que se moldara o seu espírito.

Chega, finalmente, a guerra do Paraguai. Solano Lopez, caudilho paraguai, não se contém em sua febre de

dominar na América e de estabelecer um vasto império, sonho de passados ditadores do Prata. Invade Mato Grosso, com um colosso de exército. A farda vermelha ensanguenta aquêlo pedaço do Brasil. A êsse tempo, nosso exército se ressentia do excesso de política interna e precisava de um chefe capaz de afastar as dificuldades e as forças tácitas que o impediam de vencer e de comandá-lo na vitória.

A pedido do ministro da Guerra, Caxias apresentou seus planos de operações para o empreendimento da campanha que deveria vencer a fúria incontida de Lopez. Infelizmente, a política sangrava o coração do Império profundamente. Os planos do Duque não foram aceitos. No entanto a Nação exigia uma solução rápida e eficaz para debelar o flagelo que a acometia.

Então o Governo convida Caxias para o comando supremo do exército libertador. As crônicas militares dizem que o Chefe do Conselho de Ministros foi à noite, cuidadoso e receioso de que magoado com o seu afastamento, Lima e Silva recusasse o convite ou exigisse a queda do gabinete. Ergueu-se, então, o generalíssimo Caxias e, calcanhares unidos, respondeu:

“Senhor Presidente, minha espada não tem partido!”

Nomeado Condestável, segue imediatamente para Curupaití, onde o exército “era como um grande acampamento de ciganos, esquecido da guerra, para

do há 7 meses...” Pasma diante do espetáculo sórdido da desorganização, da falta de instrução; não há abastecimento.

Caxias atira-se resoluto a uma larga série de iniciativas e reformas. Consegue, enfim, depois de árduos sacrifícios, colocar o exército à altura da missão a que se destinava: vencer o inimigo hostil e brutal. E o fez, conforme rezam as páginas imortais de nossa alcandorada História. Após 5 longos anos de luta impiedosa e febril, os vexilos imperiais de Pedro II ocuparam as tôrres de Asunción, no momento em que o orgulhoso pendão guaraní era arriado.

Glória a Caxias, o magnânimo marechal do exército, o ilustre político, o grande brasileiro!

Soldado do Brasil, em continência ao teu grande Patrono!

“Et fuit ille primus, in armis, qui nomen Brasiliae famamque ad astra tulit”.

BIBLIOGRAFIA:

- 1) — Cel. Luiz Alves de Lima e Silva (Herônimo Viveiros);
- 2) — A Balaiada (Astolfo Serra)
- 3) — O Duque de Caxias (Nelson R. Carvalho)
- 4) — Caxias e seu governo no Maranhão (Astolfo Serra)
- 5) — Os Generais do Exército (Min. da Guerra)
- 6) — Reminiscências da Campanha do Paraguai (Dionísio Cerqueira).

===== P E N S A M E N T O =====

Se a ignorância pagasse imposto, o homem buscaria saber no livro da vida e teria o mundo como professor.

Sérgio de Orenoco

Hino do Regimento « 9 de Julho »

Cavalheiro Freire

CANTO - *Vem bem desponta o dia, o REGIMENTO acorda,
as notas do clarim vibram em borbotões. . .*

Marcha - *A formatura vem, e o COMANDANTE aborda*
Alvorada - *a tropa já montada, e nos seus ESQUADRÕES!*

2.^a Parte *Vivos corcéis fogosos
aparecem, lustrosos;
o quadro é uma beleza. . .
o que virá é sempre uma surpresa!*

ESTRIBILHO - *Vamos ao passo, ao trote ou ao galope,
não nos importa o chão, a pedra, o asfalto;*
Marcha N.º 1 - *as nossas lanças trazem no seu tope
o imprevisto tenaz de algum assalto!*

trote *Ao desfilar ao trote, nas paradas,
Ou à noite rondando, nas patrulhas,
são nossas lanças sempre namoradas,
cascos e pedras casam-se em façulhas! . . .*

☆ ☆ ☆

*Colado ao dorso amigo e firme do cavalo,
que quadro de pintura — um rei e seu vassalo!
Cavalo e cavaleiro à espera de aventuras,
na terra onde o sossêgo é fruto de bravuras!*

*Ambos — fidalgos, nobres,
lutam por ricos, pobres.
REGIMENTO tenaz
— é o sangue vivo do PAULISTA audaz!*

*O REGIMENTO vive em terra paulistana
lembrando sempre ú'a "CARGA", uma REVOLUÇÃO,
quando nesta caserna a labareda humana
da JUSTIÇA e da LEI buscou a redenção!*

*NOVE DE JULHO ardente,
jornada aurifulgente,
a ti, neste momento
— em forma, em continência, o REGIMENTO! . . .*

REMORSO DE AMOR

— CONTO DE —

Hélio Avancini Alves Dutra de Azevedo

Aluno-Oficial da Polícia Militar de Santa Catarina

(À gentil e nobre srta. prof. Adilesta Venturini, com respeitosa amizade)

“E agora o único amor... o amor eterno,
Que do fundo do peito aqui murmura,
E ascende os sonhos meus,
que lança algum luar no meu inverno
que a minha vida no penar apura,
é o amor de meu Deus!”

(Alvares de Azevedo)

Como em tantas outras vezes, Paulo subia o morro. Era a rotina depois das longas horas que passava perambulando pelas ruas da Capital, em busca da necessária freguesia.

A pasta grande de couro, que antes fôra de côr marrom, pesava-lhe demasiado, cheia de remédios, fórmulas e tudo mais que constituísse amostra-gratis de um laboratório medicinal.

Pobre Paulo, pensava; como aprendeste a ter paciência com as boçalidades alheias... com êsses freguêses... Já nem sapato tens, rapaz! Sentia sair-lhe os dedos pelas frestas do solado...

Subia calmo, pensativo, enquanto lá em baixo, o mar, irrequieto, cheio de vida e brilhos de esmeralda, brincava, beijando a fralda leda da terra carioca.

Moço simples, criado sem as formalidades e exigências dos berços dourados, acostumara-se àquele «status» de vida, no qual, digamos ainda, não deixava de existir a magia miraculosa das noites de festa, de colorido e riso, tão comuns na Cidade do Rio. E, afinal, quem era o «bonitão» conceituado pela juventude feminina daquelas plagas?

Essa pequena parcela de bens fazia com que tudo relevasse, alimentando, até, a doce esperança de ali criar raízes, com melhores possibilidades de progresso.

Mas, as nossas vidas não são tantas vezes como as ondas do mar?! Era assim que o nosso jovem falava consigo mesmo, em despedida àquele recanto afastado, cheio de sol e praias, deixando que a carta branca, recém-datilografada no Gabinete Central do Laboratório, caís-

se, como fôlha de outuno, sôbre as águas murmurantes do Oceano.

Não gostaria de partir, mas, e o viver?! E, como aquela fôlha em-romaria pelo mar, êle viaja para Minas Gerais.

— Cataguazes... que «praça» monótona — pensava, recostado numa cadeira, num clube da localidade!

— Como sinto falta das velhas amizades do Rio... Aqui nada posso relacionar com o que lá deixei. As moças medem a expontaneidade de um sorriso e pesam as palavras que pronunciam... A vida do Rio era dada de graça! Como é grande a diferença!

Baixinho, como sói acontecer nesses respeitáveis serões de festas provincianas, murmuravam aquêl:— Ele é carioca! Dançará bem? Aquê-le jeitinho... quem me dera... e, por altos e baixos, assim, perguntas e respostas eram trocadas, com o solene acompanhamento de olhares bisbilhoteiros.

Dentre os olhares, simpáticos olhares a falarem de manhãs de sol, pou-saram-se-lhe dois olhos negros, grandes, tão lindos como os da Senhora do Rosário que vira num piedoso altar.

Seria um anjo? A Senhora do Rosário, talvez?! Cataguazes poderia produzir flor tão bela, tão feminina e iatura? Uma fada poderia viver aqui?!

Paulo, qual São Tomé do nosso século, convidou-a a dançar.

Graciosamente tímida, aceitou. Ambos coraram; e, ao compasso suave da «orquestração», travaram

sublime amizade que os levaria ao amor.

Carmem, belo nome... bela moça. Fazia pensar nas rosas vermelhas, aveludadas e cheias de fragrância exótica, que as Casas de Flôres do Rio vendiam aos ricos «gentlemons». E aquela rosa chamada Carmem era dêle, sem o tributo das altas somas monetárias.

— Bela conquista, Paulo! Bela conquista!

Ele orgulhoso... ela orgulhosa de ter o estranho para si. Coisas da vida!

Houve o acompanhamento após o baile. Depois, um encontro no dia imediato. E, como tantos outros namorados, muitas vêzes se encontraram, trocaram muitas palavras, muitas juras e carinhos.

Algo estranho dominara suas vidas: a paixão!

Passaram-se semanas, meses. Paulo muito pouco trabalhava, e o produto da sua representação ali era pequeno. Da matriz as queixas tomavam rumo.

Para corações enamorados as ameaças não pesam... Paulo nem sequer ouvia os comentários da localidade. E êsses, quando saem de bôcas incógnitas, quando partem de lugares menos indicados, são maliciosos e perversos... são comentários que tomam vulto e andam ligeiros, porque trazem aquela semente do mal e da bestialidade que há em tantos corações humanos.

Noivaram. O Rio ficava longe; nem sequer havia tempo necessário para pensar na sua responsabilidade

de empregado de confiança. Amavam-se, era o que importava. Eram felizes e a felicidade que mutuamente sentiam era bem maior que o Rio, que as relações de amizade lá deixadas, que o próprio Oceano. Carmem era sua vida... seu pensamento... seu tudo!...

Em Cataguazes não existe o mar, êsse filósofo-mestre que nos faz meditar sobre tantas verdades cruéis... e que, às vèzes, nos faz perceber tristes desenganos cobertos de luzidia e sólida roupagem, como aquela das enganadoras aparências das ondas calmas, nas profundidades longínquas onde elas são soberanas...

Ali, sòmente a brisa amena e fresca das tardes cheias de calma e vespertina unção!...

Numa daquelas horas em que Paulo demandava a casa de Carmem, quebra a monotonia da vida um telegrama urgente, vindo do Rio. Chamavam-no para lá, a fim de prestar contas dos negócios para que havia sido designado.

Como o bater constante e brutal das ondas nas rochas nuas, aquela notícia abalou seu coração enamorado e cheio de sonhos esperançosos.

— Carmem, pedem a minha presença no Rio. Que fazer?!

Frio silêncio.. num quase mudo titubeio, Carmem, duas lágrimas a lhe sulcar tão lindas faces, consegue coordenar algumas palavras:

— Deves ir meu amor, é de tua obrigação...

— Mas, como hei de suportar os dias de ausência, sem te ver, sem falarmos?!

— Ficarei ansiosa por tua volta, mas se assim Deus quer, deves ir.

Com o coração partido, viu desaparecer o comboio barulhento que levava de volta, ao Rio, seu bem amado.

Triste sorte a dos que amam loucamente!

A Metrópole, sempre grandiosa e pródiga, recebe nosso jovem apaixonado de braços abertos. Tudo é sorriso como só o carioca sabe sorrir! Tudo é festa e barulho para fazer com que os mais firmes ideais sejam esquecidos ao menos temporariamente, ou pelo menos que não sejam tão dominantes.

Encaminhado à presença de seu Diretor e patrão, explicou o que com êle se passava, como razão de certos fracassos comerciais.

Sobejamente perdoado, e com novas chances, ficou determinada sua partida para o dia imediato, no comboio da noite; mas logo mais a tarde deveria comparecer à festa de aniversário da filha única do patrão. Dificil tarefa para quem desejava solidão... para quem ansiava por alguém tão distante.

— Não poderei ir... ainda amanhã viajarei...

Surgiu um colega... outro...

— Deves nos acompanhar, será uma grande festa. Ademais, devemos nos sentir honrados com êsse convite inesperado por parte do patrão!

Tanta insistência e Paulo acedeu.

A noite, lá estava êle acabrunhado entre tanto riso e festa. Sentia-se muito longe dali. Sua alma pou-

sava como ave enamorada nos umbrais distantes de Cataguazes.

A aniversariante, boneca loura, num sorriso cativante e eterno, a todos alegrava, dançando com uns e outros. Notara, porém, aquêlê tristonho desconhecido, que lhe era de todo simpático.

— Quem é aquêlê moço, papai? — apontava a Paulo.

— É um empregado da firma. Representante no interior.

— Porque estaria tão triste, tão bizonho!

— Decerto pensando na noiva, respondeu o pai!

— Na noiva?!... irei animá-lo.

... ..

Elza, a linda dona da festa — festa de 19 primaveras, — sentiu por Paulo uma estranha afeição. Acharva-o simpático, atraente, e logo procurou conversar com êle.

Aproximou-se com uma taça de champanhe, que Paulo aceitou com disfarçado sorriso de cortesia. Dançaram em seguida. Elza não cansava de tagarelar e fazer perguntas ao moço, falando sôbre seus esportes, suas diversões e em enredos de amor.

— Quantas namoradas?

— Apenas uma. Sou noivo.

— Ora, mas ainda podes te divertir, não?!?

— Quem sabe?...

Elza sentia amor pelo rapaz... e como não amá-lo? perguntava a si mesma.

Não o deixou mais. Dançaram ininterruptamente, até que, num dos descansos, pediu licença para se ausentar uns instantes.

Fôra falar com o pai.

— O sr. tem que me atender. Paulo deve ficar aqui no Rdo. Dê-lhe um emprêgo no escritório, como interno. Não o deixe viajar mais.

— Mas, filha... presumo que o estejas amando... Isso seria injustiça. Afinal, êle deixou uma noiva em Minas. Compreenda.

— Quero que o sr. dê uma grande oportunidade para êle. Quero segurá-lo aqui. Sei que o sr. não gosta que me magoe; faça então o que peço!

... ..

Tanto insistiu Elza que o pai acabou ouvindo e satisfazendo sua vontade, como sempre.

No dia seguinte, logo pela manhã, Paulo recebeu ordem para se apresentar no Gabinete do Diretor.

— Que será?

Dirigiu-se para lá.

— Paulo, sei que não é de tua vontade, mas vou propor-te um bom negócio. E, sem muitos rodeios, ofereceu ao moço o que muitos antigos funcionários esperavam:— a vaga de Administrador da principal secção da firma, há pouco deixada por falecimento de antigo e probo funcionário.

Mas, teria, de ficar ali... longe da noiva. Pensou... e escreveu a Carmem dizendo sôbre a oferta. Aquella, achou que a proposta seria ótima para ambos. Mesmo entristeci-

da, suportaria a ausência d'ele, por algum tempo, enquanto não pudesse avistar-se. Mas em hipótese alguma deveria perder tão rara boa-sorte.

Paulo aceitou.

Enquanto tudo isto se dava, Elza também fazia seus planos que, muito breve, iria executar.

... ..

Diariamente aparecia no escritório da Administração, com o pretexto de ver o pai.

Certo dia convidou Paulo para um passeio, com outros amigos.

— Será maravilhoso. Gostarás muito.

— Está bem, irei.

... ..

Vieram outros passeios... e festas... e Paulo, como homem e como terceiro funcionário da firma, passou a frequentar a casa de Elza.

Era um dia chuvoso e tristonho. Voltavam do cinema.

Do céu enegrecido, as águas rolavam pelas ruas do Rio, e, longe, iam juntar-se ao mar.

O oceano agitado, bebendo avidamente as gotas medrosas, parecia mal agourar o mundo.

— Gostaste da película, Paulo?

— Formidável, e tu?

— Para falar a verdade quase não assisti.

— Por que?!

— E perguntas por que?... Então vais ao cinema com uma moça e a única razão é o filme? Saiba que a

nada assisti porque durante todo o tempo estive a contemplar-te. Será que não compreendes?!...

Paulo sentia-se um tanto embaraçado. Certificara-se agora de que Elza o amava.

Também ele sentia alguma afeição pela moça.

Mas, e Carmem... afinal ela era ainda a sua noiva! — Como fazer? — pensava.

A vida do Rio tornara a embriagá-lo. Pensara em abandonar tudo aquilo e voltar para Carmem, mas tudo andava tão próspero... e Elza era tão alegre!...

Diminuia dia a dia o seu amor por Carmem. Era como a maré baixa.. Elza soubera penetrar em seu coração moço e solitário!

... ..

Passado um mês, Paulo não mais pensava em Carmem. Cartas chegavam de Cataguazes, sem nunca seguir resposta.

Elza, em sua incontida e alegre feminilidade tudo fazia por ajudá-lo, até que, vencido, prêso às teias daquele amor tão bem planejado e levado a efeito, decidiu-se.

— Comendador Castro, venho buscar o consentimento de V.S., pois desejo me casar com Elza.

— Mas, Paulo, e tua noiva de Minas?!

— Terminamos tudo, Elza já sabe.

— Bem. Se assim é, não poderei negar; afinal, já te conheço bem e sei que os teus sentimentos são sinceros. E, creia-me, é grande o nosso prazer.

Tudo se resolvera. Noivaram.

Em Cataguazes, Carmem definhava, banhando de lágrimas seu leito branco e malsinado. Não havia mais notícias daquele que tanto amava... daquele que tanto necessitava, agora que um tão grave segredo não poderia permanecer por mais tempo oculto, fóra do domínio da «honra».

Pobre Carmem, como roseira em botões, lutando contra a sombra, em busca dos raios protetores e benfazejos do sol!

Pensou ir até o Rio. Era impossível!

Já o medo, a preocupação e a ausência do noivo começavam a corroer sua mente infeliz.

— Teria êle me esquecido?! Estaria doente... ou seria outra?! Ele sempre dizia que conhecia tantas...

Aquêles pensamentos maltratavam-na. Pouco se alimentava... tonturas e febres freqüentes prostravam-na no doloroso e maguado leito. E pensar que Paulo fóra o seu primeiro amor!...

No Rio, finalmente chegara o dia do casamento.

Bela manhã, cheia de brancura, de luzes e felicidade sem par. Elza agitada, a tudo atendia na sua felicidade incontida de noiva vitoriosa.

Pouco tempo depois regressavam da viagem de núpcias.

A vida era suave mar de rosas... prolongamento calmo dos acordes nupciais.

Ainda chegavam cartas de Cataguazes... cartas de quase incontida angústia e cheias de esperança.

— Que ousadia. Será que não nos deixa em paz? dizia Elza, cheia de ciúmes e ódio.

— Não permitirei que escrevas a ela, e se souber que contrarias a minha vontade, mandando qualquer notícia a essa intrrometida, eu me vingarei!

Dias depois chegava nova carta... a última. Vinha assinada pela mãe. Carmem tivera um filho... devido ao doloroso e agitado modo de vida que levava nos últimos meses, ficara tuberculosa. Estava internada.

— Isto deve ser histórias para que possas ir até lá. Eu não acreditarei. É impossível!

Para Paulo, porém, era diferente. Conhecia Carmem e sua família. Não mentiriam jamais. E aquêle filho... aquêle filho do qual nada sabia... de nada fóra avisado?!...

Um medo estranho invadiu-lhe a alma.

— Meu Deus, como me sinto mal... como sou culpado!.

Paulo não dormia. Nos poucos momentos que fechava os olhos, invadiam-lhe a alma, medonhos pesadelos. Ouvia gemidos, choros e uma voz sumida e cansada chamando seu nome. Acordava sobressaltado.

Elza também não conseguira adormecer e, preocupada, indagava como se sentia o marido.

— Amanhã cedo irei a Cataguazes.

— Pois acompanhar-te-ei, é verás o que vou fazer.

Era bem cedo quando seguiram para a pacata cidadezinha mineira, onde, outrora, Paulo fôra tão feliz. Onde conhecera o verdadeiro amor, o carinho e a ventura, que o destino transformava em maguada e tristeza desilusão.

Cataguazes era a mesma. Os mesmos olhares... os mesmos cochichos.

Ninguém lhe sorria. Sabiam do seu procedimento e culpavam-no pelo que acontecera à moça.

Rumaram para o Sanatório.

— Por favor, a srta. Carmem...

— Está agonizando e não recebe visitas!

— Mas preciso vê-la. Chamo-me Paulo...

— Ah!... é o sr. Paulo? Já o conhecemos bastante de nome. Vou anunciar...

Num relance, Paulo notou que ali todos o odiavam. Nada podia fazer, pois sentia-se culpado... odiosamente culpado!

A enfermeira volta. Acompanha-os.

No quarto pequeno, branco e tenuemente iluminado, a mãe de Carmem os recebe. Encara-o com inquiridora expressão, tendo um leve e doloroso sorriso a esboçar no rosto envelhecido.

— Entre, sr. Paulo.

— Espera-me aqui — disse, voltando-se para Elza.

— Não! Irei contigo!

O ambiente, cheio de silêncio mortuário, infundia profunda tristeza naquelas três almas adultas.

Abeiraram o leito.

Carmem, completamente desfigurada, pousou os olhos grandes e profundamente abatidos em quem tanto amava.

Paulo não teve mais palavras. Absorto, contemplava aquela que fôra como a mais linda rosa... aquelas faces que tantas vêzes beijara.

Elza ficou estarelecida diante do quadro que presenciava.

— Voltou... voltou, — dizia Carmem, enquanto duas pesadas lágrimas banhavam-lhe as faces. Sabia que voltarias!...

— Perdoa-me, Carmem. Por favor... — murmurava Paulo num soluço — perdoa-me...

— Perdoar-te, eu?! Paulo, segura minha mão...

Volvendo o olhar para Elza, perguntou:— Quem é a moça?

Paulo não sabia como responder. Elza passa para o outro lado da cama e senta. Trocam um olhar decisivo.

— Eu sou a irmã dêle. A irmã dêle... respondia a chorar.

Carmem, num esforço sobrehumano tenta levantar a cabeça, mas tão acabada estava...

— Paulo, meu amor, cuida do nosso filho... E, olhando para Elza:— Cuida dêle...

Não tivera forças para mais. Gelavam-lhe as faces... os olhos cerravam lentamente... sua boca entreaberta ainda chamava por Paulo, como se o evocasse do além. Depois, silêncio...

O infortunado jovem, como que sufocado por incontida dor de atormentado remorso, abre as persianas do quarto pequeno. Uma onda de vento suave penetra no recinto, e êle, invadido por um pranto amargo, curva-se até o chão. Elza associa-se à sua dôr e arrependimento.

A aragem da tarde... das tardes melancólicas de Cataguazes anunciavam a prece vespertina. E com o tanger piedoso dos sinos, o Criador recebia a alma purificada de Carmem... purificada no sofrimento e

na angústia da longa espera de quem tanto amara... purificada na dor de um parto prematuro, de mulher sem matrimônio... de tuberculosa sem cura... purificada, enfim, no padecimento daqueles que dão a vida pelos que amam... pelo Amor!...

Paulo e Elza voltam. Cataguazes fica ao longe... o corpo formoso de Carmem em seu seio!

Para êle, dêsse Universo imenso restava apenas uma saudade amarga... oprimia-lhe um profundo remorso de amor.

FLÂMULAS

CONDIÇÕES ESPECIAIS PARA AS POLÍCIAS MILITARES

Flâmulas e bandeirolas para associações esportivas, unidades militares, milícias e outras entidades.

Impressas sôbre seda, rayon, etc., pelo processo silk screen.

Remessas para todo o Brasil, pelo reembolso postal ou aéreo.

CONSULTEM-NOS, SEM COMPROMISSO

MAJOR

material para propaganda Ltda.

RUA CONS. MOREIRA DE BARROS, 409 (Santana) - S. PAULO, S.P. - FONE 3-8839

VITÓRIA DO 5.º B. C. --- ---

--- --- PARA TAUBATÉ

IRNAK CARDOSO MALTA

PROFESSOR REGIMENTAL DO 5.º B. C.

Fundada em 1831 pelo Brigadeiro Rafael Tobias de Aguiar, a **Fôrça Pública do Estado de São Paulo**, uma das mais perfeitas e integrais organizações militares do país, cumpre, diariamente, honrosa missão no seio da sociedade paulistana.

Através de numerosas corporações sediadas em diversas cidades do interior, na imensa região do Estado, cada Batalhão, por sua vez, também empresta relevante colaboração de ordem moral, cívica e cultural em prol do interesse coletivo.

Radicado desde longa data na cidade de Taubaté, sede da Unidade, o 5.º B.C. desfruta o melhor conceito da sociedade valeparaibana, traduzindo um manancial de glórias a envolver a existência histórica da corporação militar, que se associa direta e efetivamente a todas as atividades públicas da extensa zona, inclusive longa faixa do litoral paulista.

Em acontecimentos dramáticos da vida social, a própria população é o testemunho ocular da atuação valorosa dos milicianos do 5.º B.C., que, prontamente, atende a um cha-

mado de emergência ou a um toque de alarme anunciando perigo iminente para a vida pública. Onde o momento exigir, lá se faz presente a disciplina da tropa, e oficiais e praças entram em ação, resolutos no cumprimento do sagrado dever, para auxiliar, amparar e salvaguardar os semelhantes, na mais bela compreensão de amor ao próximo.

Por volta de 1918, quando Taubaté fôra assolada pela tremenda gripe espanhola (hoje gripe asiática), dizimando preciosas vidas, o sentimento de solidariedade do 5.º B.C. se tornou patente, diante dos excepcionais serviços prestados à população, naqueles dias cruciantes.

Na participação ativa dos movimentos revolucionários de 1924, 1930 e 1932, a gloriosa Unidade do Vale do Paraíba descrevera belíssimas e imorredouras páginas de heroísmo, lealdade e nobreza de caráter, na defesa intransigente da liberdade e do bem comum.

E na seqüência dessas ações públicas, nós, muitas e muitas vezes tivemos oportunidade de observar a bravura dos militares do 5.º B.C.,

em diferentes ocasiões, como por exemplo na vigilância dos prisioneiros de guerra, em 1945, no Haras Paulista de Pindamonhangaba; nas agitações grevistas de caráter subversivo para implantação da anarquia e desassossêgo da população; no pavoroso incêndio da firma Amaro Negrini, em 1948; em numerosos afogamentos no Rio Paraíba ou lagoas do município; no trágico levante da ilha Anchieta, em 1952; no violento incêndio da Torrefação do Café Vitória, em 1955; na terrível enchente de São Bento do Sapucaí, em princípio dêste ano, e tantas outras tragédias populares em que a ação do 5.º B.C. se destaca como verdadeira sentinela avançada, dominando perigosas situações, com ardor e devotamento, frente às necessidades públicas.

Em tôdas essas emergências para o restabelecimento da ordem e normalidade social dos habitantes, e bravos soldados da milícia paulista têm sacrificado a própria vida; seus nomes, porém ficarão gravados com letras de ouro no coração da gente bandeirante.

Não só em ocasiões precisas a tropa do 5.º B.C. se faz sentir, mas, sobretudo, nos atos cívicos ou reuniões culturais, através de solenidades protocolares realizadas na cidade e municípios vizinhos; em desfiles comemorativos, comandantes e comandados garbosamente representam tôdas as festividades cívicas, com elevada compreensão, disciplina e inteligência.

Também no setor da Educação Física, a corporação militar sediada em Taubaté se projeta cada vez

mais, através do atletismo, pois, dotada de amplas e modernas instalações para as diversas modalidades de esporte, treina constantemente seus homens, uma das condições essenciais ao bom comportamento do miliciano para desempenhar suas funções junto à sociedade. Em certames oficiais de provas atléticas realizadas com outras entidades esportivas da região, o 5.º B.C. é detentor de belos troféus que adornam a renomada Unidade da **Fôrça Pública do Estado de São Paulo**

Para justificar êste comentário, há pouco o atleta Miltiades Bertoldo Alves, soldado pertencente ao 5.º B.C., com exemplar fôlha de serviço, demonstrou suficientemente a instrução recebida em sua Unidade, durante a prova ciclística de resistência patrocinada pela Rádio Cacique de Taubaté, em colaboração com o jornal diário, «A TRIBUNA».

Com 10 participantes da maratona ciclística, organizada pela emissora Cacique e «A Tribuna», a competição iniciou-se às 14 horas de sábado, dia 13, na Praça D. Epaminondas, encerrando-se sômente no dia 15, segunda-feira, às 18 horas e 45 minutos, com a brilhante vitória de Miltiades Bertoldo Alves, do 5.º B.C.

Conquistando o título de campeão brasileiro, o atleta do pedal, de resistência física, rodou exatamente 52 horas e 45 minutos em cima de uma bicicleta, sem pôr os pés no chão, arrebatando de maneira empolgante o título máximo em poder do boliviano Guido Murilo Valdevisio, o que vem demonstrar o valor da raça brasileira e a disposição moral

do miliciano, para levar à meta final importante prova de grande repercussão em todo Território Nacional.

Ao parar o veículo, após completar 52 horas e 45 minutos, a multidão delirava em tôda a praça D. Epaminondas e sob os acordes da Banda Musical do 5.º B.C., o soldado vitorioso recebeu do público entusiasta as mais altas manifestações de apreço, pois que, naquele instante, Miltiades Bertoldo Alves conquistava para a cidade mais uma glória, para juntamente com outras, se colocar no pedestal da pioneira dos esportes bandeirantes.

A denodada equipe de locutores da Rádio Cacique de Taubaté, ZYR-28, poderosa emissora do Vale do

Paraíba, durante o transcorrer da ousada prova, de 10 em 10 minutos, colocava milhares de ouvintes a par dos acontecimentos da sensacional maratona ciclística, tornando-se por isso, credora de profunda gratidão do povo taubateano.

De parabéns, pois a **Fôrça Pública do Estado de São Paulo**, representada pelo 5.º B.C., em nossa cidade, cujo passado glorioso, constituiu no presente um padrão de verdadeiro idealismo e desprendimento a serviço das boas causas.

Parabéns, soldado R.E. 16034 Miltiades Bertoldo Alves!

Taubaté, eternamente agradecida, conservará para as gerações o magnífico feito do jovem atleta do 5.º B.C.

MILICIANOS DA FÔRÇA PÚBLICA !

O PLANO DE "SEGURO DE VIDA EM GRUPO" DA
BOAVISTA - CIA. DE SEGUROS DE VIDA,
além de assegurar proteção aos seus familiares,

- é prático,
- não tem limite de idade,
- dispensa prova de saúde,
- é de custo insignificante,
- e cobre o risco de morte, qualquer que seja a causa, no serviço ou fora dêle.

BOAVISTA - CIA. DE SEGUROS DE VIDA

SUCURSAL NO ESTADO DE S. PAULO.
Edifício "Boavista de Seguros"

Rua Conselheiro Crispiniano, 120
12.º and. - Fones 36-4893 e 35-9470

— SÃO PAULO —

Lá em casa é uma alegria...
fazem pizza todo o dia!



de preparo ultra-rápido

PIZZA Amaral

Mais econômica do que uma pizza comum! O conteúdo de um pacote de PIZZA AMARAL dá para fazer duas pizzas de tamanho normal! Preparada com ingredientes selecionados, a massa de PIZZA AMARAL é macia e deliciosa!



Em embalagem de metal

MACI Prop.

ENERGIA ATÔMICA

== E ==

ENERGIA SOLAR

PROF. HANS PETER HEILMANN

— COLÉGIO ESTADUAL DE CAPIVARI —

Podemos dizer, sem exagero, que toda a nossa vida depende do sol e da energia que este nos manda. Os atos mais simples da vida, a fala, a locomoção, a digestão, necessitam de energia. Aliás, mesmo um indivíduo deitado, completamente imóvel, consome energia, em primeiro lugar para manter constante a temperatura de seu corpo, e depois para realizar aquelas funções vitais que nem o sono interrompe: circulação do sangue e respiração. A maneira pela qual adquirimos esta energia é a ingestão de alimentos animais e vegetais. (Existem alimentos minerais, tais como o sal de cozinha, mas estes não nos fornecem energia) Ora, ao comer uma verdura, o homem aproveita a energia do sol, fixada pelas partes verdes da planta, através do processo da fotossíntese, (*) realizado em presença da clorofila. Só as plantas podem desta maneira fixar a energia solar, e o processo é um dos mistérios da vida que está sendo estudado até hoje. Os animais dependem das plantas para obterem sua energia. O leitor que saboreia o seu bife, está aproveitando a energia que o animal obteve ao ingerir vegetais. Sem os vegetais, os animais morreriam por falta de alimentos. A menos que... sim, a menos que se descobrisse um processo de reproduzir artificialmente o processo da fotossíntese. O interessante é que este só se dá quando a clorofila está encerrada na planta viva, em formações chamadas cloroplastos. Hoje em dia podemos sintetizar a clorofila, mas, no tubo

(*) Fotossíntese: processo pela qual a planta reúne vapor d'água e carbônico para formar matéria orgânica (açúcar, amido, etc.), aproveitando para isto a energia da luz solar, que fica retida na molécula, e é libertada quando se queima a molécula de açúcar na presença de oxigênio. Esta queima e libertação de energia constitui a respiração.

de ensaio, ela não realiza a função vital da fotossíntese. O problema está sendo investigado por muitos, e em particular pelo Departamento de Pesquisas da Bell Telephone Co., que se preocupa em construir uma bateria solar, isto é, um aparelho capaz de transformar diretamente a energia solar em corrente elétrica aproveitável. Durante esses estudos, que envolvem conceitos dos mais modernos, como a teoria dos semi-condutores, os pesquisadores tiveram uma idéia: a bateria solar da Bell consta de uma série de placas delgadas de Silício especial, e quando nelas incide a luz, elas emitem uma corrente elétrica. Pois bem; será que a clorofila nas plantas não é uma bateria solar? Examinando folhas verdes ao microscópio eletrônico, viu-se que efetivamente a clorofila nas folhas se apresenta sob forma de discos delgados arranjados em pilhas. Talvez seja esta a maneira de capturar em laboratório a energia solar. Isto ouviremos ou leremos nos jornais, num futuro próximo...

AS ATUAIS FONTES DE ENERGIA DO HOMEM

Passando agora da alimentação às outras necessidades primordiais do homem (moradia, vestuário, locomoção e, nos países frios, aquecimento no inverno) vemos que desde o início da civilização até meados do século XX, o homem dispôs de apenas 2 fontes de energia: combustíveis fósseis e energia hidroelétrica.

Os combustíveis fósseis (carvão, petróleo, xisto) são sem exceção provenientes do sol. A hulha consta de vegetais petrificados, e a energia calorífica que esta liberta ao ser queimada é a energia solar que o vegetal havia sintetizado há milênios. O mesmo se dá com o petróleo, cuja origem se discute, sendo porém fora de dúvida que se trata de restos de animais e vegetais, soterrados há muito tempo e que estiveram sob grande pressão. Isto que dissemos já indica que a formação de um combustível fóssil é um processo lento, e demanda milênios. Na realidade, só há pouco mais de 50 anos vem o homem usando petróleo. Nossos avós compravam petróleo em vidrinhos, como tônico para cabelo... Entrementes, a crescente industrialização e mecanização de tal modo aumentou o consumo combustível, que a duração de todas as reservas de combustível fóssil da terra está estimada em 100 anos, a continuar o atual ritmo de desenvolvimento do consumo.

A energia hidroelétrica também vem sendo usada há menos de 100 anos. Trata-se igualmente de uma forma de

energia solar, pois é esta que faz a água evaporar e subir; a descida da água irá em seguida mover uma turbina e gerar energia elétrica. Aliás o termo gerar está mal aplicado, porque dá idéia de uma coisa tirada do nada, o que não é verdade; não há maneira de obter energia a partir do nada; o que faz o «gerador» é transformar a energia mecânica da água em elétrica.

Ora, o número de quedas d'água aproveitáveis é grande, mas tem que ser finito. Uma vez esgotados os combustíveis fósseis e explorada até a máxima capacidade das quedas d'água, que faremos? A única saída é a energia atômica, como veremos a seguir.

DONDE TIRA O SOL A ENERGIA QUE NOS MANDA?

Durante muito tempo pensou-se que a energia do sol e das estrelas proviesse de fenômenos de combustão, e com isto o sol iria se queimando como um pedaço de carvão numa fornalha; entretanto, não parece ser este o caso. Ensina a física atômica que temos uma libertação de energia toda vez que uma certa quantidade de massa «desaparece» para ser transformada em energia. Isto, que foi pela primeira vez proposto por Einstein, abre novos horizontes para a obtenção de energia, pois a quantidade da mesma que obtemos é fabulosa. Basta dizer que o fator de conversão é o quadrado da velocidade da luz, a qual, como sabemos, vale 300.000 Km/s ou 30.000.000.000 cm/s! Assim, 1 g de matéria totalmente transformada em energia, libertaria 9.10²⁰ erg, ou seja, aproximadamente 30 milhões de Kwh! Lembramos que a bomba atômica, com seu tremendo poder destrutivo, aproveita apenas 1% da energia teoricamente aproveitável!

Há duas maneiras pela quais se pode obter a transformação de matéria em energia: a quebra de um núcleo pesado em dois núcleos mais leves (fissão), e a reunião de núcleos leves para formar um núcleo mais pesado (fusão). A energia solar parece provir deste último processo, segundo um ciclo sugerido em 1938 por Hans Bethe. Essencialmente o processo consiste na reunião de 4 protons para formar um núcleo de He (sendo que durante o processo 2 dos protons se transformam em neutrons); contudo o autor mostra que, sendo muito pouco provável que 4 partículas se juntem, é mais fácil compreender que um átomo de carbono capture sucessivamente as 4 partículas, para depois haver uma cisão. O carbono funcionaria como «ponto de reunião» e, uma vez reunida, a turma sai a passear. O efeito

global deste processo é uma fabulosa libertação de energia, que chega a beneficiar a terra, a uma distância de 150.000.000 Km!

O HOMEM E A ENERGIA ATÔMICA

Ameaçado de se ver privado das suas fontes habituais de energia, o homem teve que se voltar para o átomo. Não podemos aqui nos estender sobre a energia atômica (o que talvez faremos num artigo próximo) mas queremos mencionar que atualmente conhecemos 3 «combustíveis» atômicos viáveis para o processo de fissão: dois isótopos do urânio (U233 e U235) e o Plutônio (Pu239), elemento artificial. A fissão de 1g de U235 fornece 24.000.000 Kwh. Portanto, a eletricidade que a Usina de Cubatão fornece durante 1 dia a São Paulo poderia ser obtida pela fissão de 20 g de urânio 235. Estas 20 g de urânio custariam 400 dólares. Isto se dá porque o U235 não se encontra puro na natureza. Ele vem junto com o U238, na proporção de 1 parte em 140, e a separação é extremamente difícil e dispendiosa. O caminho a seguir é a utilização de reatores reprodutores, que transformem o U238 em plutônio ou o Tório em U233. Este o caminho que, ao que esperamos, será seguido no Brasil.

APRENDA INGLÊS EM UM ANO! (BASIC ENGLISH)

ESCOLA "GENERAL RONDON"

onde V. também poderá fazer curso de

- CHEFIA DE SECÇÃO DO PESSOAL
- AUXILIAR DE ESCRITÓRIO
- CUSTOS INDUSTRIAIS
- ALEMÃO (PRÁTICO)

Rua Voluntários da Pátria, 2319 - 2.º andar - S. Paulo

Capitão Jorge Mesquita de Oliveira

VAMOS CONVERSAR SÔBRE ENERGIA ATÔMICA

Muita gente se espantou quando fomos aceitos para freqüentar o Curso de Introdução à Engenharia Nuclear. Nós também nos espantamos e tínhamos razões para isto, pois estávamos conscientes de nossas limitações em física e matemática para acompanhar um curso desta espécie. Se tivéssemos dúvida a respeito destas deficiências, elas se teriam desfeito logo após as primeiras aulas. Nossos colegas eram engenheiros e professores de física ou matemática. Os professores do curso admitiam como conhecidas muitas coisas das quais nós nunca ouvimos falar. Lá vieram as integrais, os logaritmos laplacianos, as exponências que eram tratados como coisas corriqueiras.

Até conseguirmos nos pôr relativamente a par de tudo isto, nossa vida não foi fácil.

Aprendemos muito a respeito de reatores atômicos e muito mais teríamos aprendido se tivéssemos base mais sólida. Aprendemos a respeitar nossos professores pelo elevado padrão de cultura demonstrado e, mais ainda, pelo extraordinário esforço que fazem para arrastar o Brasil na senda do progresso e da cultura. Aprendemos a avaliar nosso grau de ignorância a respeito de energia atômica e outros assuntos.

Com essas credenciais, nos propomos a conversar a respeito da revolução que os conhecimentos do átomo estão provocando no progresso da humanidade.

Está claro que aquilo que for dito nestes artigos terá sido tirado de alguma fonte de consulta. Este será o nosso trabalho: reproduzir, condensar, amenizar conhecimentos publicados em livros, notas de aulas, revistas, etc.

E' extremamente difícil tratar deste assunto para leitores heterogêneos quanto ao grau de conhecimento relativo à matéria. Se nos mantivermos em nível muito superficial poderemos não dar idéia do alcance dos conhecimentos. Se nos aprofundarmos, poderemos não despertar interesse à maioria dos leitores.

Seria natural que abordássemos o assunto falando sobre a estrutura da matéria, sobre o núcleo, electrons, protons, neutros, etc., mas não vamos fazê-lo, pois preferimos tentar abordar o assunto já mais adiante, admitindo que a maioria dos leitores conheçam os elementos fundamentais da física nuclear, e que os que desconheçam, no decorrer do que for tratado, possam ir se inteirando destas particularidades.

Analistem as nossas dificuldades e sejam condescendentes na critica.

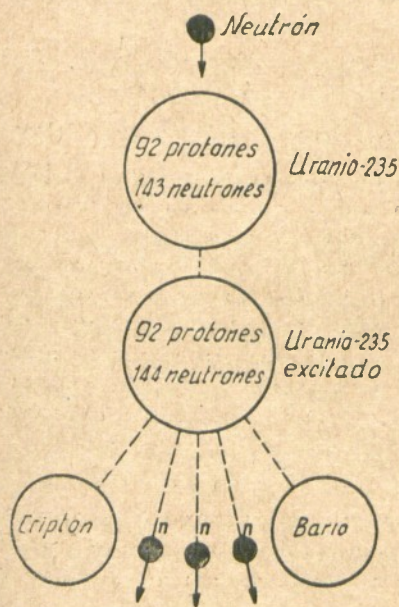


Fig. 29. Esquema de la fission del núcleo de urânio-235. Como resultado de la fission se forman dos nuevos núcleos (en el caso dado cripton y bario)

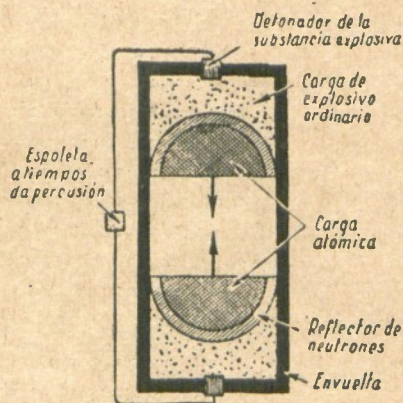


Fig. 37. Esquema de principio de una bomba atômica.

A BOMBA "A"

Todo mundo já se cansou de ouvir falar em bomba atômica, e no tremendo segredo de guerra que seu funcionamento constituia. Hoje em dia não há mais nenhum segredo e vamos procurar dizer, esquematicamente, como a coisa se dá.

Sabemos que a fissão do núcleo dos átomos pesados promove enorme desprendimento de energia.

O arrebatamento de núcleo se dá espontaneamente na natureza, ou pode ser provocado por meio de bombardeamento dos

núcleos com partículas. Geralmente a partícula utilizada é um neutrão, que por ser eletricamente neutra, tem mais facilidade para penetrar no interior do núcleo visado, sem ser repelida pelas forças repulsivas provenientes de carga elétrica própria do núcleo bombardeado.

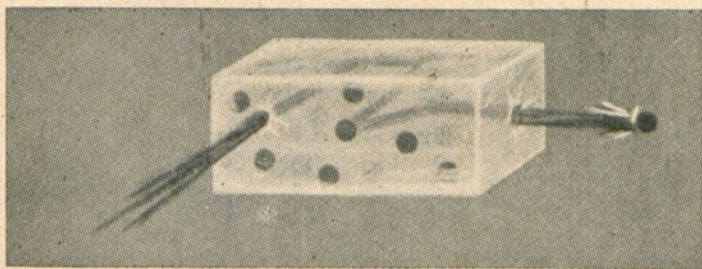
Cada vez que um neutrão penetra em um núcleo de material físsil (passível de se partir com o excesso de energia trazida pelo neutrão sobre ele projetado) este núcleo se cinde em 2 outros (raramente em 3), desprende cerca de 200 Mev (milhões de eletrão-volt) e libera outros neutrões, que irão provocar novas explosões.

Os materiais físsis utilizados são U235 (Urânio), o U233 (derivado do Tório) e Plutônio (derivado do U238).

Vamos admitir que o nosso material explosivo seja o U235.

Cada vez que se verifica a explosão de um núcleo de U235 são liberados, em média, 2,5 neutrões que irão provocar fissão em outros núcleos de U235. Mas todos os neutrões que escapam de uma explosão não provocam obrigatoriamente outras explosões. Uns são absorvidos por outros elementos sem provocar explosão e alguns escapam da massa do U235. É evidente que quanto menor a massa do explosivo, tanto mais fácil para os neutrões escaparem pela periferia. Se a massa do explosivo for grande, há, naturalmente, menor probabilidade de escape dos neutrões e, conseqüentemente, maior probabilidade de que provoque nova fissão.

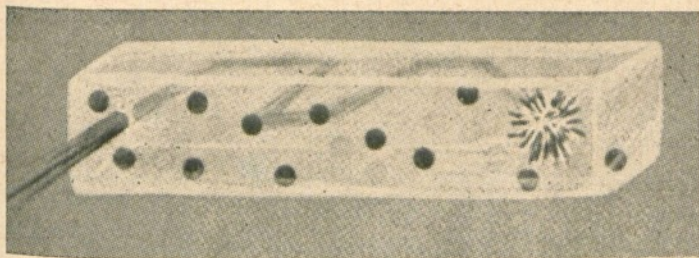
Se tivermos para cada explosão de núcleo a produção de 2,5 novos neutrões e, se destes, mais de um provocar nova explosão, a expansão se faz segundo uma progressão geométrica divergente. Por pequeno que seja o fator de multiplicação, as cousas se



A MASSA NÃO CRÍTICA — Para serem retardados, dentro dun bloco de plutônio, necessitam os nêutrons de cerca de 10 cm de trajeto. Se o bloco tiver dimensões menores, os nêutrons, voando com excessiva velocidade, fogem da peça de plutônio sem ficarem presos em algum dos núcleos. Pequenas massas de plutônio não oferecem perigo.

passam extremamente rápidas, pois em 1 quilo de Urânio há 2.000.000.000.000.000.000 átomos (2×10^{24}) e a trajetória de um neutrão de núcleo a núcleo leva 0,0000000001 (10^{-10}) de segundo, isto é, a milionésima parte de um milionésimo de segundo. Assim, admitindo-se que o fator de multiplicação seja 2, teremos em um milionésimo de segundo atingido a 60.a geração, o que representa a explosão de trilhões de núcleos e cada um produzindo cerca de 200 Mev. Daí decorre a tremenda potência da bomba atômica.

Da mesma maneira que a propagação divergente se expande com extraordinária velocidade se o fator de multiplicação for maior do que 1, a progressão se torna conseqüente se o fator de multiplicação se torna menor do que 1, isto é, para cada neutrão gasto na explosão de um núcleo, não é aproveitado em média nem ao menos um neutrão para nova explosão e a propagação se extingue quase que instantaneamente.



A MASSA CRÍTICA — Sômente em blocos de plutônio de dimensões adequadas é que os nêutrons sofrem um retardamento suficiente para ficarem presos nos núcleos, estabelecendo-se, então, a reação em cadeia. Peças grandes de plutônio são massa "crítica". A figura acima representa apenas parte do bloco crítico.

Quando a massa de explosivo é muito pequena há grande escape de neutros pela periferia e o aproveitamento dos neutros provenientes das explosões dos núcleos cai abaixo de um, não há explosão da massa.

Quando o tamanho da massa ultrapassa determinado volume, o aproveitamento dos neutros se torna maior que um e a explosão se verifica. A este volume mínimo chamamos massa crítica.

Eis aí a chave do grande segredo. Se tivermos duas massas subcríticas elas não explodem, mas, se as juntarmos rapidamente e o tamanho da resultante ultrapassar a massa crítica, então teremos uma explosão atômica. Dissemos "rapidamente", porque se a aproximação das massas for lenta, os núcleos das zonas voltadas

para as massas que se aproximam começam a explodir e as energias provocadas afastam as massas antes que a explosão geral se verifique. Usamos então explosivo comum para provocar a aproximação rápida das massas do explosivo atômico.

OBS.:— Gostaríamos de saber como as notas acima foram recebidas pelos leitores, pois estamos em dúvida se seria ou não caso de continuarmos. Quem, por gentileza, nos quiser dizer como recebeu o artigo ficaríamos gratos. As opiniões contrárias também ajudam a dirimir dúvidas.

Se o assunto despertar interesse, poderemos organizar uma secção de consultas sobre a matéria. O que nós não soubermos, o que será muito, com certeza, consultaremos quem saiba. Se não conseguirmos elucidar certos pontos, responderemos simplesmente: não sabemos.



CONSUMIR PRODUTOS NACIONAIS



É UM DEVER DE PATRIOTISMO

É AJUDAR A LIBERTAÇÃO
ECONÔMICA DO BRASIL

É CONTRIBUIR PARA O
DESENVOLVIMENTO DA
NOSSA PRODUÇÃO

"TRATADO DE ESGRIMA"

"O autor é reconhecida autoridade no assunto. Desde os bancos da Escola de Oficiais que se dedicava com entusiasmo ao nobre esporte das lâminas. Como aluno da Escola de Educação Física, melhorou consideravelmente sua bagagem de conhecimentos da especialidade, o que lhe valeu ser recrutado para o corpo docente do tradicional Estabelecimento de Ensino, para reger as cadeiras de esgrima dos seus vários cursos. A cátedra dilatou-lhe os amplos horizontes, multiplicou-lhe os grandes conhecimentos esgrimísticos.

"TRATADO DE ESGRIMA" é de cunho eminentemente doutrinário. Encerra um verdadeiro curso de esgrima, com notável senso pedagógico. O autor inicia com as noções primárias e vai aos poucos, em pequenas doses, escalando as altitudes esgrimísticas. A seriação das armas, das lições, a ordenação e a metodologia da obra colocam-na ao alcance de todos. Os iniciantes encontrarão na obra do cap. Adauto um roteiro seguro e acessível. Os medianamente conhecedores da arte tirarão de suas páginas preciosos elementos para ampliação dos seus recursos. Os mestres e os doutos terão horas agradáveis ao folhear os seus capítulos, onde tirarão subsídios para enriquecer os seus conhecimentos.

"TRATADO DE ESGRIMA" vem preencher um claro na bibliografia especializada nacional, bastante escassa, aliás, pois contamos apenas com as obras dos Generais Parga Rodrigues e Valério Falcão, já bastante antigas, a obra do Cap. Delphin Balancier, oficializada na Força Pública, e outros pequenos ensaios. Esse é outro lado que credencia a obra nascente.

"TRATADO DE ESGRIMA", está enriquecido por numerosas gravuras ilustrativas, o que vem aumentar a compreensão dos movimentos.

A obra está despertando a mais viva acolhida nas fileiras da Força Pública, baluarte da difusão do esporte fidalgo em nossa terra, e nos meios especializados de São Paulo, sendo certo que o seu interesse se irradiará por todos os centros esgrimísticos do país. Sem dúvida, o livro do cap. Adauto Fernandes de Andrade está fadado a um grande sucesso. Sobram-lhe méritos para isso" (*).

SESSÃO LÍTERO-MUSICAL NO

CLUBE DOS OFICIAIS

Reverenciando a memória do Capitão Sérgio Rodrigues Caldas, o Clube dos Oficiais da Força Pública e a Associação dos Oficiais da Reserva e Reformados da Força Pública, levaram a efeito sábado, dia 31 de agosto, no Auditório "Major Antão", com início às 20,30 horas, uma sessão lítero-cívico-musical.

Tomaram assento à mesa que presidiu à sessão, o cel. Rubens Teixeira Branco, presidente do Clube dos Oficiais da Força Pública; cel. Homero Silveira, presidente da Associação dos Oficiais da Reserva e Reformados da Força Pública; dr. Mércio Prudente Corrêa, Presidente da Sociedade de Veteranos de 32 — M. M. D. C.; dr. Ney Coutinho, Diretor Executivo da Associação Paulista de Municípios; ten-cel. Joaquim Gouveia Franco Júnior, Cmte. do Batalhão de Guardas; cap. Aloisio Borges, representante do Cmte. Geral da Força Pública; major Bresser, diretor do Circulo Militar de São Paulo; inspetor de divisão Argemiro Ferreira, representante da Guarda Civil de São Paulo; 1.º ten. José Augusto Cordeiro, representante do Presidente do Tribunal de Justiça Militar do Estado; sr. Erasmo Magalhães, representante da Sociedade Histórica e Geográfica Brasileira, e cap. Paulo Monte Serrat Filho que proferiu a palestra da noite — abaixo transcrita — focalizando a personalidade singular do Cap. Sérgio Rodrigues Caldas.

Em seguida, foi prestada homenagem ao Batalhão de Guardas, pela passagem do seu 21.º aniversário de fundação, e, em continuação, desenvolveu-se a parte lítero-musical.

CAP. SÉRVIO RODRIGUES CALDAS == CAVALHEIRO DO IDEAL ==

Honrado com o convite do Clube dos Oficiais e da Associação dos Oficiais da Reserva e Reformados da Força Pública, a fim de, nesta noite, focalizar a personalidade de um dos nossos sempre lembrados e queridos mortos, aqui estou para dizer-vos alguma coisa das muitas sonha-

das e realizadas por Sérgio Rodrigues Caldas, o companheiro que, pelo idealismo estravasante e pela integral dedicação aos seus misteres, constituiu-se em padrão, em exemplo a ser apontado não só às novas gerações que se aprestam para receber os encargos que ora nos in-



(Gentileza de "A Gazeta")

O capitão Paulo Monte Serrat Filho quando lia sua conferência

cumbem, mas especificamente a todos nós que, na Corporação, temos sobre os ombros uma parcela de responsabilidade.

Foi o nosso homenageado: oficial de tropa; professor de Geografia e História Militar no Centro de Formação e Aperfeiçoamento; fundador e redator da revista MILITIA; Conselheiro representante das Forças Armadas, na extinta Comissão Estadual de Preços; membro da Diretoria da Caixa Beneficente da Força Pública; um dos propugnadores pela criação do Gabinete Psicotécnico, destinado a impedir o alistamento, na Corporação, de candidatos desajustados à missão policial-militar; Chefe da Fiscalização do Departamento de Policiamento Econômico da Comissão Estadual de Abastecimentos e Preços, pósto no qual a morte o colheu; possuidor de aprimorada cultura humanística e, principalmente, o lutador de todas as horas, em defesa do patrimônio

moral da Corporação a que pertencia.

A simples enumeração das missões desempenhadas, dão pálida idéia do que foi sua vida, integralmente dedicada à Instituição que o recebeu em plena adolescência.

De caráter íntegro, ímpoluto, personalíssimo, a par de inteligência brilhante e esclarecida, destacou-se em todas as incumbências que lhe foram atribuídas. Em qualquer empreendimento, consagrava-se com tal dedicação e entusiasmo, que a análise mais profunda de só um deles, bastaria para tomar o exíguo espaço de tempo, comumente destinado a uma palestra. Os que o conheceram podem aquilatar a dificuldade com que me deparei ao empreender uma síntese das suas atividades de mais de um decênio de oficialato. Nossas palavras de saudades e de apreciação dos incomparáveis méritos do companheiro cuja

falta sentimos constantemente, e de maneira particular, nos momentos em que a Milícia Bandeirante sofre investidas ignóbeis, serão, pois, como vôo de pássaro sobre sua vida dinâmica e fecunda.

Recém-saído da Escola de Oficiais, foi classificado no 5.º B.C., em Taubaté e, posteriormente, no 4.º B.C., em Bauru, onde serviu como aspirante e segundo tenente. Desde o início da carreira, demonstrou profundo interesse pelos problemas dos seus subordinados. Cultor da boa música, foi valioso amador dos conjuntos musicais dos batalhões onde militou. Por isso, em significativa demonstração de apreço, o 1.º sargento maestro, Luiz J. dos Santos, compôs e ofertou-lhe dobrado musical a que deu o nome de «Tenente Sérvio».

Como oficial de tropa, perscrutou a alma simples e boa dos nossos soldados do interior. Ouviu suas histórias e transformou-as em interessantes crônicas de fundo filosófico e humorístico, tão apreciadas pelos leitores de MILITIA. Legou-nos trabalhos primorosos sobre os mais variados assuntos literários e científicos.

Em «Dois Autores, Duas Obras», faz estudo crítico comparativo entre «Facundo Quiroga», de Domíngos Sarmiento e «Os Sertões», de Euclides da Cunha, com o objetivo de evidenciar a individualidade das duas obras primas da literatura americana. Apresenta-nos, então, o gaúcho mau e o jagunço, como produtos do determinismo social e geográfico dos respectivos ambientes, tal qual a «relva nos campos e o xique-xique nas catingas».

«Psicologia da Disciplina», composição de fôlego que examina a Força Pública como grupo social distinto e a disciplina como fato social, apontando erros graves no alistamento e na instrução dos contingentes humanos que, nos entrechoques dos grupos sociais, devem estar técnica e psicologicamente preparados para agir como elemento de moderação. Esse trabalho é fruto de demoradas observações próprias e de conhecimentos auidos em curso de psicologia aplicada do abalizado mestre Mira Y Lopes. É um roteiro a ser, de tempos a tempos, consultado pelos que exercem função de comando e pretendem dar novos rumos à centenária corporação, justo orgulho da gente paulista.

«Res Nostra», é canto de louvor aos nossos soldados que, anônimamente, asseguraram o império da Lei em distantes e agrestes rincões da grande Pátria. Não resisti ao desejo de ler-vos alguns trechos dessa vibrante crônica: «Pacífico dos Anjos era um herói. Um herói anônimo, pois eu conheci vários Pacíficos no 5.º, no 4.º, em tôdas as Unidades da Força. Eles me foram contando as suas pequenas. «Histórias que a História não conta», e crescendo na minha admiração, como as árvores gigantes do sertão que dominaram.

A sua história humilde levou-me de Piratininga ao Ceará, de Senador Pompeu aos sertões de Cantanduvás e de novo às plagas de Canção, Uauá e Itiuba».

Ele termina inconformado com a nossa gritante situação de herdeiros abastados e ineptos, incapazes de continuar a obra dos ancestrais, li-

mitando-nos a comer os juro do capital amealhado com suor e sangue pelos maiores, bem como, protestando contra o esquecimento a que foram relegados os nossos predecessores, valiosos artífices da grandeza nacional. Então, proclama: «Hoje, que vivemos gastando o cabelo da tradição que nos foi legado pelos Pacificos dos Anjos, não podemos nem devemos esquecê-los. Os nossos velhos soldados estão a espera de que os conduzamos a um útil acampamento nos arraiais da História Pátria. Ali, êles, humildes e disciplinados, formarão ao lado daqueles bandeirantes orgulhosos a quem poderão dizer: nós fizemos o Brasil mais brasileiro».

São atuais as suas palavras neste já em meio Jubileu de Prata da Revolução Constitucionalista. Procuremos dar o devido destaque a ação dos nossos combatentes de 32, se não quisermos passar, muito breve, à condição de meros espectadores do movimento armado popular que se estruturou no arcabouço da Corporação Bandeirante, por sinal, a que maior contribuição de sangue ofertou em prol da reconstitucionalização do País.

Em outra crônica, «Les Grogards», discorre sobre a campanha de Goiás, ilustrando-a com fotografia de três soldados em plena marcha para o desconhecido. Eis duas expressivas passagens: «Eram pobres, quase analfabetos, mas aí está o que eram: rotos, descalços, exaustos, sem muito que apreciar na vida, mas homens, homens de fibra. Palmilhando sertões de pé no chão, seu armamento, porém, representava a ordem e a força da lei». E,

terminando: «Eles, todavia, têm o direito de perguntar a cada um de nós: camaradas, o que fizeram vocês da nossa Fôrça Pública. E nós não podemos dizer a êles que vivemos à custa daquele passado que nos legaram. Estamos na obrigação moral de mostrar-lhes que o presente é tão digno quanto os velhos tempos e que estamos vivendo o mesmo espirito que os levou a tamanho sacrificio. A Fôrça Pública de hoje não pode ser menor que a de ontem, embora com outros homens, outros rumos». Esta é mais uma produção de seu labor na qual encontramos evidenciadas duas das suas preocupações constantes: o respeito, o culto, a exaltação ao passado e o sentimento de que o presente, acenando com novos rumos para a Corporação, não poderá ser menos digno que o pretérito glorioso.

Na cátedra de Geografia e História Militar do Centro de Formação e Aperfeiçoamento, conquistou uma legião de admiradores entre os jovens alunos, hoje oficiais, que tiveram a ventura de ouvir suas empolgantes preleções. Impunha-se-lhes, não pela autoridade do posto ou da função, mas pelos sólidos conhecimentos que possuía da matéria e pelo brilho e facilidade da exposição, que conservavam a classe presa ao tema, do início ao fim da aula. Era um apaixonado da história militar. Dotado de memória privilegiada, discorria com a mesma desenvoltura sobre os dois últimos conflitos mundiais; a guerra do Paraguai ou a expulsão dos holandeses; as campanhas napoleônicas ou as vitórias de Alexandre, enumerando datas e nomes. Ao nos

deixar, já estava em meio o livro a que se dedicara com desvelo, a ser publicado sob o título: «A Guerra Através dos Tempos».

A êste propósito, contar-vos-ei um episódio que bem atesta os seus conhecimentos da história bélica universal. Certa ocasião compareceu ao Departamento de Policiamento Econômico o gerente de uma firma estrangeira, para apresentar dados referentes à mercadoria em estoque. Atendido pelo capitão Sérvio, depois de exibida a documentação solicitada, estabeleceu-se amável conversa entre o comerciante que era inglês, e o nosso homenageado. Dentro em pouco Sérvio descrevia ao importador de leite em pó, batalhas da primeira grande guerra em que aquê le havia tomado parte, citando-lhe pormenores, os quais eram confirmados pelo britânico fleugmáticamente surpreso.

Profundo conhecedor de «Os Lusíadas», o maior padrão da língua portuguesa, declamava cantos inteiros, emprestando à voz o sotaque da nobre fala lusitana. Versos, de Dante, recitava-os no original. Passagens de «Dom Quixote de la Mancha» e de «Gil Blas de Santilhana», serviam para ilustrar os quadros humorísticos que a sua verve criava na observação dos acontecimentos diários da vida quarteleira, caricaturando do soldado ao coronel. E, nas noites de prontidão, no quartel ou no Departamento de Policiamento Econômico, os oficiais rodeavam-no para deliciar-se com o seu bom humor, com a sua jovialidade sadia, que se derramava até alta madrugada.

Como representante das Forças Armadas, no Conselho Deliberativo da extinta Comissão Estadual de Preços, teve a sua ação louvada pela imprensa paulistana, pois, sem esmorecimentos, lutou com denodo em defesa da bo'sa popular. Seus pareceres, pela criteriosa fundamentação, eram considerados pelos próprios adversários.

No desempenho da Chefia da Fiscalização do Departamento de Policiamento Econômico, da Comissão de Abastecimentos e Preços, árdua e delicada missão, conquistou os mais valiosos louros da sua carreira, consagrados com freqüência pelos grandes diários da Capital, num período de mais de dois anos. Embora fôsse ferrenho inimigo dos que praticavam o câmbio negro, tratava-os cavalheirescamente e procurava orientar os que, por ignorância, infringiam os dispositivos legais. Por ocasião da Semana Santa, amanhecia no mercado distribuidor de peixes, quando não ia a Santos para fiscalizar o desembarque do pescado. Autuou em flagrante vários atacadistas dêste ramo do comércio, porém tal era a sua lhaneza no trato com os contraventores e o espírito público pôsto a serviço da fiscalização de preços, que conquistou a amizade e o respeito dos próprios componentes das atividades comerciais fiscalizadas. Ao ensejo do primeiro aniversário de sua morte, o Sindicato dos Comerciantes de Pescado do Estado de São Paulo organizou piedosa romaria à Aparecida do Norte, composta de cêrca de quinhentos associados e familiares, e lá, na basílica nacional, mandou rezar



(Gentileza de "A Gazeta")
Vista parcial da assistência

missão por intenção da alma do pranteado representante da lei.

A Câmara Municipal de São Paulo perpetuou-lhe o nome, na rua em que morava, em reconhecimento aos serviços prestados à coletividade paulistana. Aquela, de Nova Zelândia, passou a denominar-se rua Capitão Sérgio Rodrigues Caldas.

Sérvio Rodrigues Caldas era oficial integralmente dedicado à carreira que abraçara. Era oficial da Força Pública e outra coisa não desejava ser. Nem mesmo os parcos vencimentos recebidos de um lado e as suas largas possibilidades intelectuais de outro, conseguiram atraí-lo para atividade mais compensadora. Vivia para a Família e para a Corporação que o recebera no verdor dos anos. Conhecia-lhe profundamente os problemas, as deficiên-

cias, as angústias, os justos anseios o passado de lutas, renome e esplendor, e o presente a exigir renovação objetiva para a prestação de maiores e melhores serviços à incomparável gente bandeirante. Foi sob essa inspiração que, com um grupo de colegas, promoveu através das «Fó-lhas», em fins de 1952 e princípios de 1953, proveitosa campanha sob a epígrafe. «Que fazer para aperfeiçoar a Força Pública de São Paulo».

Sentiu, com bastante antecipação, a necessidade de melhorarem-se os padrões dos serviços policiais do Estado e, visando a este escopo, publicou apreciáveis trabalhos. Hoje, quando a idéia de reforma do organismo policial paulista entra em fase resolutiva, com técnicos americanos estudando o nosso sistema, e outros de origem inglesa em vias de

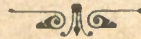
aqui aportarem com o mesmo objetivo, confirma-se que não foram vãs as lutas do combativo companheiro; que a Fôrça Pública poderá finalmente ocupar, com dignidade, a posição que lhe compete no desempenho da sua principal missão.

Gostaríamos de ler as sentidas e calorosas expressões com que os jornais de São Paulo registraram a morte de Sêrvio Rodrigues Caldas; o discurso do capitão Jayme dos Santos, proferido à beira do seu túmulo, toque de reunir em tórno do ideal e da jornada de renovação pela grandeza da Fôrça Pública; as palavras do tenente Diomar de Melo Torquato, publicadas em MILITIA; a crônica da parlamentar Conceição da Costa Neves, «Dever Cumprido», publicada no jornal «Última Hora»; as manifestações de pesar da Câmara Estadual de Deputados e das Câmaras Municipais da Capital e de Taubaté; as mensagens de pêsames levadas à viúva por parte das mais conceituadas associações de classe,

além de outras, tôdas unânimes em ressaltar as qualidades de caráter e o singular espírito público que sempre caracterizaram as atitudes do nosso exemplar companheiro, para apresentá-lo, tal como era, nesta oportunidade, aos que o não conheceram.

Caiu em plena luta o valoroso colega, quando de sua ação muito ainda esperavam a espôsa, os filhos, a família, a Fôrça Pública e a sociedade, a quem prestara tão relevantes serviços.

Se a matéria é frágil e perecível, o espírito é eterno, imortal. O sentido da luta que brotou do seu espírito jovem e combativo, visando ao reerguimento da Fôrça Pública dentro do desempenho da sua missão precípua, o policiamento, alcançou oficiais e graduados da Corporação, que aguarda novos encargos e responsabilidades que a substancial reforma da nossa organização policial irá, sem dúvida, atribuir-lhe.



Depois dos folguedos, alimentos sadios!

Sopas, cremes, carnes, vegetais e deliciosas sobremesas resultam um maior valor nutritivo quando preparados com "MAIZENA", o alimento preferido pelo seu sabor e digestibilidade.

AMIDO DE MILHO **MAIZENA** MARCA REGISTRADA

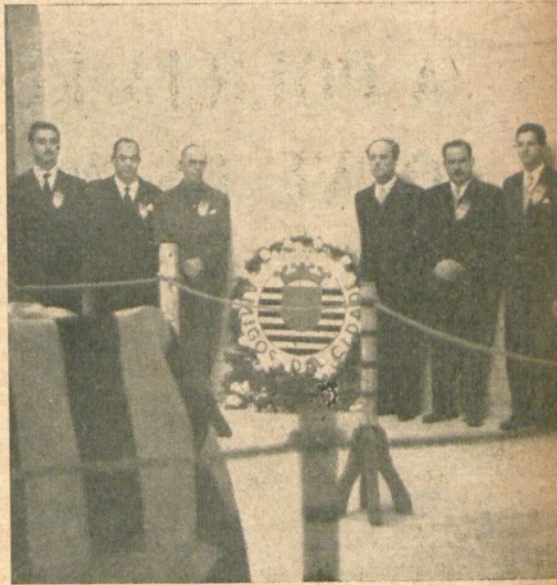


TRIANGULO



REPRESENTAÇÃO DA SOCIEDADE AMIGOS DA CIDADE

Da esquerda para a direita, snr. Luiz Amaral, Máximo Ribeiro Nunes, Ruy de Souza Pastana, Galileu Emendabilê (escultor do Monumento), Lúcio Monteiro da Cruz e Roberto Vicente Temudo Lessa.



A SOCIEDADE AMIGOS DA CIDADE NAS COMEMORAÇÕES DE 9 DE JULHO

Participando das solenidades oficiais comemorativas da Revolução Paulista, a Sociedade Amigos da Cidade promoveu, no dia 9 de julho, uma concentração de seus associados no Mausoléu do Soldado Constitucionalista, no Ibirapuera, onde foi colocada uma coroa de flôres com o emblema da prestigiosa entidade.

A Sociedade Amigos da Cidade é uma agremiação benemérita que goza de real prestígio no seio da coletividade bandeirante. Há mais de 24 anos vem ela prestando relevan-

tes serviços a São Paulo, estudando os seus inúmeros problemas e colaborando com os poderes públicos em benefício da população desta grande metrópole.

Com essa destacada participação, os Amigos da Cidade prestarão singela e expressiva homenagem aos heróis da gloriosa epopéia de 1932.

É presidente da Sociedade Amigos da Cidade o snr. Júlio César Vieira dos Santos que, gentilmente, nos cedeu a fotografia que ilustra esta notícia.

A POLÍCIA RODOVIÁRIA OUVE OS MOTORISTAS

A R Y A P S

2.º Ten. Cmt. do Setor Anhanguera

* * *

A Polícia Rodoviária do D.E.R. do Estado de São Paulo, é uma organização que vive em contato permanente com o público, principalmente com o público que utiliza as estradas de rodagem, e que vem aumentando diariamente. Em consequência desse aumento crescente, o comando da POC, seguindo as diretrizes emanadas diretamente do sr. Governador do Estado, tem feito todos os esforços para melhorar o policiamento rodoviário através de uma assistência pessoal, direta e eficaz, aos diversos Setores e Destacamentos, provendo-os de melhores meios materiais e humanos.

Em razão do esforço dispendido pelo comando, surgiu a necessidade de se conhecer a sua extensão, e se realmente o público está satisfeito com os serviços prestados por nossa Corporação. Daí, com autorização prévia do sr. Major Comandante da POC, o comando deste Setor realizou uma pesquisa da «OPINIÃO PÚBLICA» no dia 27 de junho próximo passado, no quilômetro 58 da Via Anhanguera, que passamos a analisar nos seus detalhes.

Primeiramente selecionamos e testamos as questões, selecionamos

e treinamos os entrevistados, selecionamos a «amostragem» e, finalmente, escolhemos o local e o momento de pesquisar o usuário da pista, que seria o de uma fiscalização dos equipamentos e documentos obrigatórios do seu veículo. Enquanto um guarda procedia à fiscalização, outro o entrevistava. Esta pesquisa foi executada em um período contínuo de seis horas.

Foram formuladas doze perguntas na seguinte ordem:-

1.a — O Sr. é motorista amador ou profissional?

Resultado: — Amador 30,14%
Profissional 60,86%

Analisando esta diferença, verificamos que a mesma é resultado do predomínio, nesta via, do movimento de caminhões sobre o de automóveis de passeio.

2.a — O que o sr. acha dessa fiscalização? Ótima — Regular — Péssima:

Resultado: — ÓTIMA 92,17% —
REGULAR 6,95% — PÉSSIMA
0,88%

Quanto ao conceito péssimo, mesmo sendo mínimo no seu índice, procuramos conhecer a causa; constatamos que os pesquisados talvez

dessem essa opinião por terem sido autuados no momento em consequência de irregularidades e infrações.

3.a — O sr. acha esta fiscalização muito demorada? Sim — Não.

Resultado SIM 3,% — NÃO 97%

Os pesquisados que acharam a fiscalização muito demorada foram fiscalizados por alunos da Escola de Formação de Guardas, que, não tendo o desembaraço suficiente, e ainda, por não estarem familiarizados perfeitamente com a documentação obrigatória, talvez tenham acarretado essa demora.

4.a — Esta fiscalização deve ser feita mais a noite do que durante o dia? Noite — Dia — Ambos.

Resultado: NOITE 29,56% — DIA 10,43% — AMBOS 60%

Realmente, o policiamento deve ser feito nos dois períodos.

5.a — O sr. acha que esta fiscalização deve continuar? Sim — Não.

Resultado: SIM 99,57% — NÃO 0,43%.

Apenas um dos pesquisados achou que esta fiscalização não deveria continuar, pois o mesmo foi autuado três vezes no local por apresentar irregularidades nos documentos e equipamentos obrigatórios.

6.a — O sr. encontrou alguma falha nesta fiscalização? Sim — Não.

Resultado: SIM 9,13% — NÃO 90,87%

A falha mais apontada pelos que responderam «sim» é a de não possuímos efetivo suficiente para a fiscalização, e também, a demora nessa fiscalização.

7.a — O sr. poderia dizer-me qual o trecho, nesta estrada, mais perigoso? Sim — Não — Quilômetro.

Resultados: SIM 70,43% — NÃO 29,57%

Os trechos apontados pelos usuários da pista como mais perigosos, por ordem decrescente de percentagem, são:

38,08% — do Km. 58 ao Km. 91 — trecho que vai de Jundiá a Campinas, e tem apenas uma pista.

14,48% — Km. 58,800 metros — trecho onde se verifica o término da pista dupla.

2,83% — Km. 31 — curva perigosa em declive.

2,83% — Km. 73 — existe nesse trecho um bar, que traz como consequência um estacionamento enorme de caminhões.

2,02% — do Km. 10 ao Km. 58 — trecho compreendido entre São Paulo e Jundiá.

2,02% — Km. 62 — entrada para a estrada de Itú.

2,02% — Km. 91 — entrada para Campinas.

1,21% — do Km. 10 ao Km. 91 — trecho compreendido entre São Paulo e Campinas.

1,21% — Km. 12 — cruzamento com a entrada para Vila Mangalot.

1,21% — Km. 37 — posto de pedágio.

0,40% — Km. 15 — posto de fiscalização da Secretaria da Fazenda.

0,40% — Km. 20 — curva acentuada.

0,40% — Km. 75 — lombada.
0,40% — Km. 82 — pôsto de pedágio.

0,40% — Km. 89 — lombada.

Os pesquisados que não souberam dizer qual o trecho perigoso da estrada, afirmaram que nunca tiveram a preocupação de verificar qual esse trecho. Mas, após esta pesquisa, também iriam esforçar-se por conhecer o trecho mais perigoso desta Via. Verificamos que esta pesquisa teve certa influência psicológica nestes usuários da pista, pois, além de procurarem saber exatamente quais os pontos da estrada mais perigosos, irão tomar mais cuidado quando passarem por esses pontos, fazendo, assim, o policiamento preventivo por si mesmos.

8.a — O Sr. acha que o policiamento rodoviário está bem distribuído nesta estrada? Sim — Não.

Resultado: SIM 90% — NÃO 10%

Os pesquisados que responderam negativamente disseram que se deve ampliar o efetivo de guardas, os quais deveriam ser distribuídos com mais freqüência ao longo da estrada, isto é, devem ser criados novos postos entre os já existentes.

9.a — Qual a estrada em que o policiamento rodoviário é mais eficiente? Anhanguera — Anchieta — Via Dutra — Raposo Tavares — Outras — Indecisos.

Resultado: ANHANGUERA 61,31% — ANCHIETA 27,21% —

VIA DUTRA 3,93% — RAPOSO TAVARES 2,29% — OUTRAS 2,29% — INDECISOS 2,99%

Verificamos que as Vias Anhanguera e Anchieta se destacam das demais. Quanto à Via Anhanguera, provavelmente houve influência psicológica sobre os usuários da pista, ao responderem esta pergunta, pois no momento de serem entrevistados estavam sendo fiscalizados.

10.a — O sr. está satisfeito com o serviço prestado pela Polícia Rodoviária? Sim — Não. Em caso negativo peço justificar.

Resultado: SIM 99,14% — NÃO 0,86%

Os que responderam negativamente, apesar de significarem uma porcentagem mínima sugeriram que se aumentem os efetivos e o número de viaturas.

11.a — O sr. deixou de ser atendido, ou foi maltratado alguma vez por um guarda rodoviário? Sim — Não — quando.

Resultado: SIM 2,17% — NÃO 97,83%

Verificando-se a razão das respostas afirmativas, vamos encontrar pesquisados que confundiram elementos da Polícia Rodoviária estadual, com outros, de outras Corporações que também lidam com o trânsito. Outros entrevistados alegam que não foram atendidos por, ao cometerem pela primeira vez uma infração, terem sido autuados quando, apenas, deveriam ter sido advertidos.

(RELATÓRIO DA PESQUISA N.º 1 DA OPINIÃO PÚBLICA, REALIZADA NO SETOR ANHANGUERA NO DIA 27 DE JUNHO DE 1957).



ESTIMULE O APETITE

Si seu filho está sem apetite, prepare-lhe pratos com "MAIZENA". Ele apreciará as extraordinárias sopas e cremes de legumes, bem como as deliciosas sobremesas preparadas com o, insubstituível

AMIDO DE MILHO **MAIZENA** MARCA REGISTRADA



TRIANGULO

12.a — O sr. tem alguma sugestão a fazer com referência à fiscalização exercida pelos guardas rodoviários?

Resultado: Apenas 17% dos pesquisados deram sugestões, entre as quais destacamos as seguintes:-

a) — equipar todos os guardas rodoviários de serviço com rádios portáteis;

b) — colocar nos postos de gasolina das principais saídas e entradas de cidades, guardas com a finalidade de fiscalizar, verificar e apreender carros roubados;

c) — providenciar junto ao D.E.R., pinturas de faixas restritivas (amarelas) em tôdas as lombadas e curvas; instalar reservados especiais para homens e mulheres, de cada 15 a 20 quilômetros, e conclusão da outra pista que vai de Jundiá a Campinas;

d) — fazer com que todos os veículos, sem exceção, ao passarem pelos postos de pedágios tenham, no seu comprovante, marcada a hora do pagamento da taxa e, depois, ao passarem pelo último pôsto ou em

determinado trecho da rodovia, sejam fiscalizados para ser verificada a sua velocidade;

e) — aumentar as viaturas com radar a fim de controlar a velocidade dos veículos;

f) — instalar alto-falantes nas viaturas da Polícia Rodoviária, a fim de serem feitas advertências aos motoristas, sem ser preciso fazê-los parar;

g) — intensificar os «Comandos de Trânsito» em pontos indeterminados, nas estradas marginais.

CONCLUSAO:

Os resultados obtidos por esta pesquisa vêm confirmar, plenamente, que o público está satisfeito com os serviços prestados pela Polícia Rodoviária, com a orientação que vem tomando, e ainda, o agrado em poder expender a sua opinião com referência às nossas tarefas.

Podemos afirmar que a Polícia Rodoviária é a pioneira, entre as policias fardadas do Brasil, na realização de uma pesquisa da Opinião Pública utilizando, apenas, os seus próprios meios.

VISITARAM SÃO PAULO

ALUNOS - OFICIAIS DA POLÍCIA MILITAR CAPIXABA

Em viagem de estudos chegaram a esta Capital no dia 17 de julho, chefiados pelo capitão Nicanor Alves dos Santos, os alunos oficiais Milton Monjardim Filho, Rômulo Leite Teixeira, Tácito Hélio Fiorotti, João Nascimento dos Reis, José Marcelino Pereira e Mayr de Freitas Ramalho, todos ultimando o curso na Escola de Formação de Oficiais da Polícia Militar do Estado do Espírito Santo.

Recebidos na estação da Empresa Expresso Brasileiro Viação Limitada pelos Cap. José Ricardo Colaço França, do Gabinete do Comando, e 1.º Ten. José Fernandes, Adjunto de Ordens do Comandante Geral da Corporação, rumaram incontinenti para o quartel do Regimento «9 de Julho», onde foram alojados.

Em seguida, conforme estabelecido, os jovens alunos-oficiais deram início ao programa de visitas. Assim, estiveram no Quartel General a fim de cumprimentarem o sr. coronel Fausto Quirino Simões, Comandante Geral da Corporação. Na oportunidade, ficou patenteada a satisfação do nosso Comandante em ter como hóspedes os jovens futuros oficiais da gloriosa milícia capixaba. Depois, e nesse mesmo dia, visi-

taram a Exposição Municipal de Animais e Museu de Caça e Pesca; o Estádio Municipal do Pacaembu; O Parque Ibirapuera (inclusive o monumento erigido em homenagem aos que tombaram pró Constituição, em 1932); a Feira Internacional de São Paulo; a Sociedade Brasileira de Floricultura; a Televisão Record-Canal 7; o Aeroporto Internacional de Congonhas e o Museu do Ipiranga.

No dia 18, pela manhã, a caravana observou as atividades do Departamento de Alistamento, Seleção e Orientação Profissional da Força Pública (DASOP). Após o almoço o objetivo foi esta revista. Recebidos pelo nosso diretor, tenente Hildebrando Chagas, tiveram a oportunidade de se inteirarem da forma como se confecciona esta publicação. Depois, a Penitenciária do Estado e a Casa de Detenção.

Na manhã do dia 19, dirigiram-se para o Centro de Formação e Aperfeiçoamento onde, conduzidos pelo cel. Arrison de Souza Ferraz, conheceram as dependências e sentiram as atividades do nosso maior estabelecimento de ensino. Após almoçarem no próprio C.F.A., rumaram para a terra de Carlos Gomes — a bela Campinas — onde foram

acolhidos amavelmente pelo Comandante do 8.º B.C., major Genésio Nitrini. Nêsse Município não só visitaram o quartel do nosso Batalhão, como conheceram o Mirante, o Instituto Agrônômico, o Palácio da Justiça, o Teatro Municipal, o Corpo de Bombeiros, o Monumento a Carlos Gomes, os Estádios do Guarani e da Ponte Preta (ambos da 1.a divisão de futebol do Estado), o Sanatório Santa Isabel, a Fábrica Swift, o Monumento aos Heróis de 1932 e o Internato Senai.

No dia 20, já em São Paulo, foram ao Hospital das Clínicas da Universidade estadual. Recebidos pelo dr. Rubens de Albuquerque, percorreram várias dependências daquêle majestoso nosocômio. Nas oficinas do estabelecimento o sr. Jaime Spósito prestou-lhes informes interessantes a respeito das atividades do hospital. De tarde, como não podia deixar de ser, visitaram o famoso Instituto Butantan.

A Refinaria Presidente Bernardes, a maior do Brasil, foi o primeiro objetivo alcançado no dia 21. Recebidos pelo dr. Osvaldo Caifa dos Santos, chefe das Relações Públicas

da Refinaria, foram detalhadamente informados de como funciona a usina. Em seguida rumaram à Colônia de Férias do Clube dos Oficiais da nossa Corporação, em São Vicente, onde almoçaram. De regresso a esta Capital, onde assistiram ao jogo Santos x Corinthians, no Estádio Municipal do Pacaembú, não deixaram de conhecer a cidade de Santos — a terra de Brás Cubas.

O dia 22 quase que foi dedicada às despedidas de praxe. No Quartel General estiveram com o sr. Coronel Fauto Quirino Simões, Comandante da Corporação, a quem apresentaram agradecimentos e despedida. Dirigindo-se à Escola de Educação Física, assistiram a uma demonstração de ataque e defesa. Em seguida, após se despedirem do ten. cel. Jaime dos Santos, comandante do Batalhão «Tobias de Aguiar», visitaram o Corpo de Bombeiros onde, recebidos pelo major Otávio Cruz, tiveram a oportunidade de assistir a uma demonstração de combate ao fogo.

No dia 23, segundo estava pré-estabelecido, rumaram para o Distrito Federal em viagem de regresso.

CURSO GRATUITO DE TAQUIGRAFIA.

A Escola Modelo de Taquigrafia, dirigida pelo prof. Sérgio Thomaz, abriu matrículas ao novo curso de taquigrafia por correspondência que terá a duração de cinco meses, após o que serão conferidos diplomas aos alunos aprovados em exame final. Para maiores informações escrever à Escola Modelo de Taquigrafia, rua Barão de Itapetininga, 275, 9º. andar, sala 91, Caixa Postal, 8600, fone 36.7659. São Paulo.



Sentado, e a examinar um documento, o atual Chefe do Serviço Farmacêutico da Força Pública, major farmacêutico José Adôrno de Lima. Em pé, o dinâmico 1.º ten. farmacêutico Enjolas Lins Peixoto.

EM SUAS NOVAS INSTALAÇÕES O

SERVIÇO FARMACÊUTICO

Desde fevereiro do corrente ano que se encontra em suas novas instalações o Departamento Farmacêutico do Serviço de Saúde.

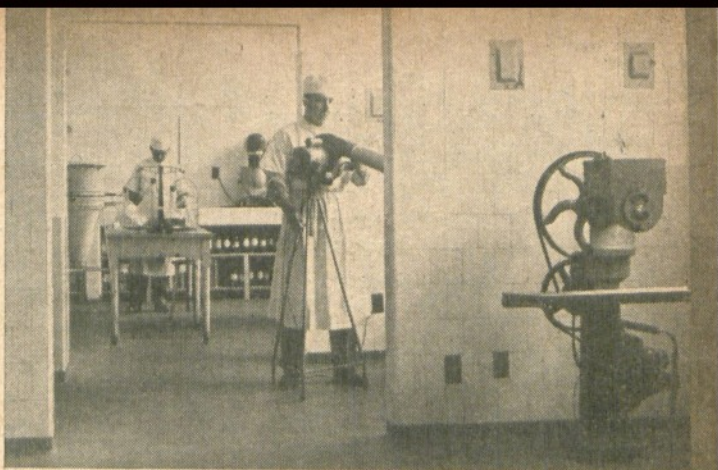
Sentindo o impacto da evolução das ciências farmacêuticas, que transformou os laboratórios de manipulação-magistral das antigas boticas nos modernos laboratórios industriais farmacêuticos, o Departamento Farmacêutico se viu obrigado a mudar seu ritmo de trabalho. O receituário médico já não trazia os caracteres das fórmulas a manipular. Nomes de fantasia, criados pelos la-

boratórios, substituíam cada vez em maior quantidade as clássicas fórmulas que o FSA do Galeno transformava em xarôpes, poções, pílulas, elixires, etc. O Farmacêutico se via progressivamente afastado de sua função precípua, que é a pesquisa e o fabrico de medicamentos e produtos químicos afins.

Iniciou-se, então, a reação do profissional. Em laboratórios adaptados começaram a ser fabricados comprimidos e ampolas. As pomadas e os medicamentos de forma líquida, de grande procura, eram se-

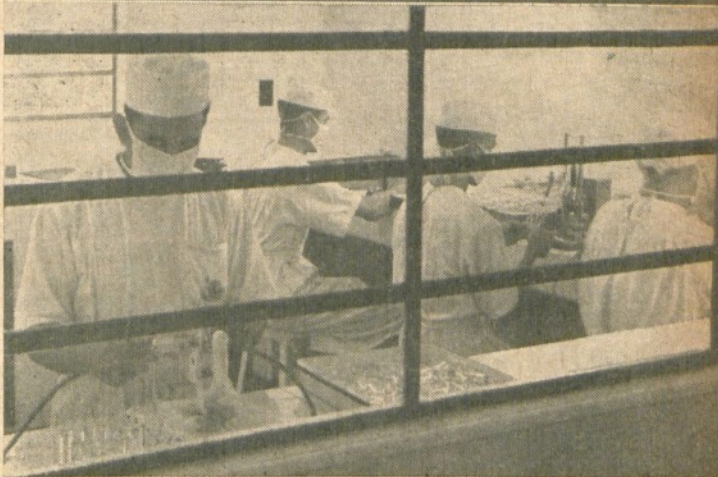
**Laboratório Químico
Farmacêutico**

(setor de fabricação
de comprimidos, pas-
tas e líquidos).



**Laboratório Químico
Farmacêutico**

(Câmara assética do
Laboratório de Hipo-
dermia).



mi-industrializados e fornecidos no receituário médico. As deficiências de instalação eram superadas pela boa vontade e espírito de sacrifício do pessoal técnico. Aos poucos a Farmácia do Hospital Militar foi se adaptando à nova era da Farmácia.

Tal foi o desenvolvimento dos produtos fabricados e, concomitantemente, a economia obtida, que logo se sentiu a necessidade de dar aos laboratórios instalações que atendessem às suas finalidades e às exigências legais impostas de S.N.F.M.

O primeiro passo no sentido de centralizar todos os órgãos do De-

partamento Farmacêutico foi dado pelo Major Irany Paraná do Brasil, quando apresentou ao Serviço de Engenharia da Fôrça um estudo de construção de um prédio onde se previa a instalação do Laboratório Químico-Farmacêutico, da Drogaria, dos Órgãos de Administração e de uma Farmácia para atender, no sistema de reembolsável, aos elementos da Fôrça. Iniciada sua construção em 1954 e inaugurada em dezembro de 1956, foi finalmente instalada, com o mesmo material que vem usando há muitos anos, em fevereiro deste ano.

ORGANIZAÇÃO

O Departamento Farmacêutico tem por finalidade adquirir, fabricar, estocar e fornecer ao Serviço de Saúde e, por extensão, ao pessoal da Fôrça, medicamentos e produtos químicos-farmacêuticos. Para alcançar êsse «desideratum» tornou-se necessário dar ao Departamento uma organização consentânea com a sua função, o que levou a sua chefia a desdobrá-lo em 4 setores:

- Administração,
- Estocagem,
- Fabricação e
- Fornecimento.

Setor de administração

É o conjunto de órgãos pelos quais a chefia fiscaliza os demais setores, dando-lhes assistência técnica, controlando e disciplinando os seus funcionamentos.

Setor de estocagem:

Denominado por Drogaria, é o almoxarifado do Departamento. Todos os produtos adquiridos pelo Departamento — matérias primas, produtos químicos, acessórios, especialidades farmacêuticas — bem como os fabricados no Laboratório Quími-

co-Farmacêutico, são estocados e contabilizados na Drogaria. Seu funcionamento, em síntese, consiste na estocagem de matérias primas, acessórios e produtos elaborados; fornecimento de matérias primas necessárias ao LQF e estocagem dos produtos ali elaborados, e, finalmente, suprir as farmácias de suas necessidades. Ocupa êste Setor a extremidade direita do prédio e mais uma sala isolada, onde se encontram os produtos inflamáveis.

Setor de fabricação:

Compreende o Laboratório Químico -Farmacêutico (LQF). A função dêste setor consiste na fabricação de todos os produtos constantes do Receituário Médico do S.S., desde que econômica, seguindo à risca as exigências das farmacopéias e do Serviço Nacional de Fiscalização da Medicina. Atualmente mantém em fabricação normal 124 produtos, sendo 40 injetáveis, 44 medicamentos de forma líquida, 24 diferentes tipos de comprimidos e drágeas, e 9 fórmulas de pomadas.

Para alcançar seu fim se encontra dividido em:

Laboratório Piloto e de Contrôlo,
Laboratório de Hipodermia,

Laboratório de Contrôlo Físico-Químico-Biológico (análises de matérias primas e produtos elaborados no L.Q.F.).



Laboratório de Comprimidos e Drágeas, e
Laboratório de Pastas e Líquidos.

O Laboratório Pilôto e de Contrôlo é o responsável pelo contrôlo físico-químico-biológico de todos os produtos adquiridos para uso do Departamento Farmacêutico. E' o que verifica e libera todo o material adquirido pela Secção de Compras, an-

Hipodermia, permitem que o mesmo alcance as suas finalidades, estando a chefia, dentro das possibilidades das verbas orçamentárias, adquirindo para seu uso, aparelhos e reativos.

O Laboratório de Hipodermia, encarregado da fabricação de injetáveis e soluções estéreis, compreende as secções de manipulação, enchi-



Chefia — órgãos de administração. (secretaria, seção de contabilidade, descontos, compras, etc.).

tes de sua estocagem na Drogeria, bem como autoriza a entrega de produtos fabricados no LQF.

As atuais instalações dêste laboratório, que se acha ao lado do de

mento e soldagem e esterilização. Possui, como particularidade, a Câmara Assética, onde se procede ao enchimento e soldagem dos injetáveis. Como o próprio nome indica,

esta dependência é, dentro do possível, isenta de germes, sendo para tal fim hermêticamente fechada, recebendo ar previamente filtrado e lançado em seu interior sobre pressão, o que é feito através de aparelhagem especial. O enchimento de ampolas é feito por máquina elétrica, que garante volume constante em todas as ampolas e as livra do contacto da mão do manipulador.

A água utilizada neste laboratório é obtida de bidestiladores elétricos, instalados junto à sala de manipulação. Esta água obedece rigorosamente às exigências da USP XV, sendo periodicamente testada no Laboratório de Contrôlo. Todos os produtos fabricados neste, como nos outros laboratórios do LQF, são analisados antes de sua entrega à Drograria. Os Sôros de 500 ml são ainda ensaiados biologicamente e procedidos ensaios de pesquisa de pirogênio.

O Laboratório de Comprimidos e Drágeas, como seu nome indica, é o responsável pelo fabrico de comprimidos e drágeas. As suas instalações estão em vias de serem completadas com a aquisição de uma nova máquina de comprimidos — a atual tem 20 anos de bons serviços prestados — e uma estufa com renovador de ar, que com os demais aparelhos existentes lhe dará maior eficiência. Os últimos lançamentos deste laboratório são: drágeas de Vitaminan (9 vitaminas + 6 sais minerais), Butazona, Complexo B e comprimidos de Vitaminas, Analgésicos, Antiasmáticos, etc.

O Laboratório de Pastas e Líquidos, unido ao de Comprimidos, tem por finalidade a fabricação de

medicamentos cujas formas farmacêuticas lhe dá o nome. Possui, para este fim, a aparelhagem necessária, ou seja, bateadeira para pomada, saturador, dorna com camisa de vapor, filtros sob pressão, etc.. Suas últimas fabricações são: Xarope de Piperazina, Vinho reconstituente, Gel de Hidróxido de Alumínio, Emulsão de Óleo de Fígado de Bacalhau e, como produtos químicos: Inseticida à base de Rotenona, DDT e BHC, sabão de coco e goma arábica em solução.

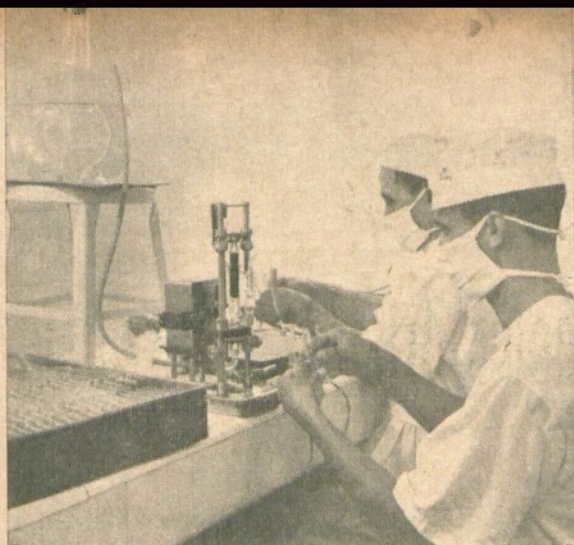
Setor de fornecimento:

São as dependências por onde o Departamento Farmacêutico entrega ao consumo os produtos que fabrica ou que adquire.

Considerando que a Constituição Estadual garante aos elementos baixados ao HM, assistência farmacêutica gratuita, e que o SS distribui mensalmente a todas as FSR das unidades da Força uma tabela de medicamentos, a chefia dividiu este setor em:

Farmácia do HM — A ser instalada definitivamente em dependência do Hospital Militar já determinada pelo sr. Cel. Chefe do SS. Esta Farmácia se destinará exclusivamente ao fornecimento de medicamentos aos elementos baixados ao HM. Possuirá um estoque próprio, em quantidade suficiente para o consumo médio de dois dias, estoque este que será renovado diariamente pela Drograria.

Farmácia Central — Em fase de organização. Esta Farmácia será instalada na entrada do prédio onde se acha o Depto., e se destina ao fornecimento de medicamentos e



Laboratório Químico-Farmacêutico

Enchimento automático de
injetáveis, na Câmara
Assética.

produtos químicos afins a todo o pessoal da Força Pública, sob o sistema de reembolsável. Terá como lema o fornecimento de remédios a baixo custo, e para tal fim cobrará sempre preços inferiores aos das Drogarias, quando se tratar de produtos de fabricação estranha ao LQF, e, preços inferiores aos de custo dos

laboratórios, quando se tratar de especialidades de nossa fabricação.

Para uma rápida ilustração, vamos citar o preço de 10 produtos fabricados no LQF, de uso já corrente, comparando-os com os preços das Drogarias da Capital no mês de julho:

NOME	PREÇO DE DROGARIA	NOSSO PREÇO
Vitamina C-500 mg	Cr \$ 9,50	Cr \$ 5,00
Vitamina B.12, 1.000mcg	Cr \$ 95,00	Cr \$ 50,00
Gluconato de Cálcio 10% amp. de 10 ml	Cr \$ 6,00	Cr \$ 3,50
Glicose 50% amp. de 10 ml	Cr \$ 12,00	Cr \$ 4,50
Idem de 20 ml	Cr \$ 20,00	Cr \$ 6,00
Complexo B drágeas	Cr \$ 4,50	Cr \$ 1,70
Leite de Magnésia	Cr \$ 27,50	Cr \$ 12,00
Antiespasmódico inje- tável	Cr \$ 13,00	Cr \$ 5,00
Antitóxico amp. de 10 ml	Cr \$ 42,00	Cr \$ 15,00
Antiespasmódico líquido gotas	Cr \$ 59,00	Cr \$ 25,00

Seria longo citarmos outros rio Médico do S.S. seleciona, entre
exemplos, mesmo porque o Receituá- os medicamentos existentes na pra-

(Continua na pág. 78)

ENLUTADA A P. M. DE MATO GROSSO COM O FALECIMENTO INESPERADO DO

Coronel Temístocles Aristeu de Carvalho

Vitima de insidiosa moléstia, faleceu no dia 2 de agosto, no Hospital das Clínicas, nesta Capital, aos 65 anos de idade, o sr. cel. Temístocles Aristeu de Carvalho.

O extinto era natural do Estado da Bahia, município de Canavieras, e filho do sr. Aristeu Marques de Carvalho e D. Merandolina de Carvalho. Nasceu em 1.892, já era praça voluntário na cidade do Rio de Janeiro, em 1.911, sendo no mesmo ano promovido a Anspçada e a Cabo de Esquadra, após concluído o curso para graduado.

Tendo engajado por dois anos, foi transferido para a Guarnição de Mato Grosso, em 1912, sob o comando do então major Estillac Leal, em Corumbá.

Em 1913, após o respectivo curso, foi promovido a 3.º Sargento, e, a seguir, ao posto imediato, no qual relevantes serviços prestou ao Exército durante vários anos.

Em 1918, no posto de 2.º Sargento foi licenciado das fileiras do Exército e, no posto de 1.º Sargento, ingressou na Polícia Estadual de Mato Grosso.

Dessa época em diante, pelos serviços prestados ao Estado nas inúmeras campanhas e nas árduas diligências, como pelos relevantes serviços policiais,

foi promovido pelos Governos estaduais aos diferentes postos do oficialato, até Tenente-Coronel.

Com mais de 40 anos de serviços prestados ao Exército e à Milícia Estadual, reformou-se em 1952.



Em 31 de janeiro de 1956, após a memorável vitória de J. Ponce de Aruda nas eleições para Governador do Estado de Mato Grosso, foi comissionado no posto de Coronel e nomeado Comandante Geral da Polícia Militar do Estado, em cujo cargo e função foi acometido pela insidiosa moléstia que o

levou ao túmulo, após passar alguns dias de tratamento no Hospital das Clínicas de São Paulo.

Era o sr. cel. Temistocles casado com D. Edite Oferia de Arruda Carvalho, de cuja união nasceram 8 filhos.

Ainda sob o impacto da inesperada e triste notícia do falecimento do seu Comandante Geral, a Polícia Militar, o Governo e a população matogrossense pranteia a irreparável perda.

Era o coronel Temistocles um brasileiro de ação e um homem de atitudes viris.

Enérgico e exigente para com os homens, impunha-se a si mesmo os maiores sacrifícios no zêlo e na dedicação com que enfrentava o dever de Chefe e de Comandante.

Infatigável, atento e fiel à palavra empenhada, jamais deixou para depois o que cumpria realizar logo. Imprimiu no curto período de seu comando na Polícia Militar, um novo sentido de trabalho, de ordem, de disciplina e de respeito. Remodelou quase totalmente as instalações do Comando Geral e do 1.º B. C., com novas dependências, com

melhores aparelhamentos. Extinguiu o sistema imoral de "valezinhos" e fundou, nos moldes do Exército, o Armazém Reembolsável para as famílias dos militares. Reorganizou a Justiça Militar e exigiu a escrituração militar em dia, sob sua enérgica fiscalização. Trabalhador incansável e vigilante, soube impor-se ao conceito de seus superiores e ao acatamento e respeito de seus pares e subordinados.

Na sua longa carreira militar teve oportunidade de ocupar elevados e des-tacados cargos, como de Comandante de Unidade, Assistente Militar do Governo e Comando Geral. Com o falecimento inesperado do cel. Temistocles Aristeu de Carvalho, amigo fiel e dedicado servidor, perdeu o Estado e perdeu a Polícia Militar de Mato Grosso um elemento eficiente, honesto, trabalhador e que muito será lembrado.

Deus o tenha na sua perene glória, a êle que soube ser útil e, sobretudo, soube morrer bem, porque soube bem viver.

Sua lembrança perdurará grata nos corações que o estimavam e na memória dos que o conheceram.

NOTA DE AGRADECIMENTO

Cumprindo o mais sagrado dever, em nome do Governo, da Polícia Militar e da Família Matogrossense, o Gabinete Militar do Governo do Estado agradece profundamente sensibilizado a generosa e humanitária assistência dispensada ao pranteado Cel. TEMISTOCLES ARISTEU DE CARVALHO, Cmte. Geral da Polícia Militar do Estado de Mato Grosso, falecido no dia 2 de agosto do corrente ano no Hospital das Clínicas-S. Paulo, pelo Governo do grande Estado de São Paulo, pela brilhante Fôrça Pública de S. Paulo e pelas autoridades e amigos.

Entre aquêles que fazem jus ao maior e mais sincero agradecimento, destacam-se o Exmo. Sr. Governador do Estado de S. Paulo — General Porfírio da Paz, dr. Enéias de Carvalho Aguiar, dedicado Diretor do Hospital das Clínicas, cel. Fausto Quirino Simões, Cmte. Geral da Fôrça Pública do Estado, cel. Milton, ilustre Chefe da Casa Militar do Govêrno, ten. cel. José Marques Pereira, ten. cel. Joaquim Gouvêa Franco Jr., cel. Arrisson Ferraz e ten. José A. Rezende; os illustres médicos especialistas e enfermeiros e servidores do Hospital das Clínicas, bem como médicos e servidores do Hospital Militar da Polícia Paulista, a gloriosa de Piratininga, dêsse São Paulo imenso e poderoso, grande e insuperável, na sua história, no seu dinamismo e na grandeza da alma de sua gente.

A gratidão e o eterno reconhecimento dos matogrossenses aos irmãos bandeirantes.



(Continuação da página 75)

ça, aquêles cujo uso se torna obrigatório nas diferentes clínicas do H.M., e o Departamento Farmacêutico lhe dá um número de fórmula e um nome para uso exclusivo na Fôrça, o que torna difícil uma comparação de preço, pois, muitas vêzes, um produto nosso corresponde, em essência, a diversos outros de nomes diferentes.

Secção das FSR

Anexa à Farmácia Central, esta dependência tem sob seu encargo o fornecimento de medicamentos e pro-

duto químicos de uso exclusivo das enfermarias do H.M. e das enfermarias das FSR das unidades, medicamentos também fornecidos gratuitamente, conforme tabelas aprovadas pela chefia do S.S..

Assim, discorreremos sucintamente sobre a organização que está sendo dada ao Departamento Farmacêutico. Fretende a atual chefia do Departamento, com o apóio de todo o seu pessoal, trabalhar sempre a fim de que seja dada a tôda a Fôrça Pública, uma assistência farmacêutica condigna.

"TRATADO DE ESGRIMA"

"O autor é reconhecida autoridade no assunto. Desde os bancos da Escola de Oficiais que se dedicava com entusiasmo ao nobre esporte das lâminas. Como aluno da Escola de Educação Física, melhorou consideravelmente sua bagagem de conhecimentos da especialidade, o que lhe valeu ser recrutado para o corpo docente do tradicional Estabelecimento de Ensino, para reger as cadeiras de esgrima dos seus vários cursos. A cátedra dilatou-lhe os amplos horizontes, multiplicou-lhe os grandes conhecimentos esgrimísticos.

"TRATADO DE ESGRIMA" é de cunho eminentemente doutrinário. Encerra um verdadeiro curso de esgrima, com notável senso pedagógico. O autor inicia com as noções primárias e vai aos poucos, em pequenas doses, escalando as altitudes esgrimísticas. A seriação das armas, das lições, a ordenação e a metodologia da obra colocam-na ao alcance de todos. Os iniciantes encontrarão na obra do cap. Adauto um roteiro seguro e acessível. Os medianamente conhecedores da arte tirarão de suas páginas preciosos elementos para ampliação dos seus recursos. Os mestres e os doutos terão horas agradáveis ao folhear os seus capítulos, onde tirarão subsídios para enriquecer os seus conhecimentos.

"TRATADO DE ESGRIMA" vem preencher um claro na bibliografia especializada nacional, bastante escassa, aliás, pois contamos apenas com as obras dos Generais Parga Rodrigues e Valério Falcão, já bastante antigas, a obra do Cap. Delphin Balancier, oficializada na Fôrça Pública, e outros pequenos ensaios. Esse é outro lado que credencia a obra nascente.

"TRATADO DE ESGRIMA", está enriquecido por numerosas gravuras ilustrativas, o que vem aumentar a compreensão dos movimentos.

A obra está despertando a mais viva acolhida nas fileiras da Fôrça Pública, baluarte da difusão do esporte fidalgo em nossa terra, e nos meios especializados de São Paulo, sendo certo que o seu interesse se irradiará por todos os centros esgrimísticos do país. Sem dúvida, o livro do cap. Adauto Fernandes de Andrade está fadado a um grande sucesso. Sobram-lhe méritos para isso" (*).



A "Casa Grande", transformada, e em "brotolândia", reflete na jovialidade dos moços e na careca do "coroné", a alegria dominante no ambiente.



O velho "coroné", ao lado da bela Célia Gersosimo, pensa consigo: Que pena... "tá cabando"... é hoje só... "En avant tous".

FESTA DE SÃO PEDRO

Major Olímpio O. Pimentel

O Clube dos Oficiais da Fôrça Pública, mais uma vez realizou magnífico festival junino, revivendo os grandes dias de festança no «Arraial da Curva Torta», em honra de São Pedro, o claviculário das almas candidas, e de Juno, deusa dos casamentos e dos...

Por falar em casamento, vejamos Jurandyr Aguiar, no seu «Mais Que Santo»;

« — Ocê casô co' a Tudinha Mai custô, não, Zé Vicente? — É mermo, Ozébio. Mais, ói, Nós hoje veve contente...

Custemo a casá, praque A Tudinha m'infezeva! Era triste de ciumenta, Pru quarqué coisa brigava!

Dermanchemo o casamento Treis vêiz! Foi mermo um horrô.

A Tudinha se quexava
Qu'eu era namorado...

— E num era? Qué negá?!
Se alembra o quê nós fazia?
(Pois num tinha arrasta — pé
Nem festa que nós num ia...)

— Tem rezão. Mai é que, agora
Eu pr'ela só mais que santo.
Pois tuda noite ela diz:
«Cum Deus me deito,
Cum Deus me alevanto!»

A Comissão de Festas, presidi-
da pelo cel. Homero da Silveira, na-
da olvidou no sentido de dar aos
participantes da original festança,
uma noite de prazer consoante nos-
sa tradição. Assim é que árvores
silvestres, plantas exóticas, festões
em grinaldas, bolas e lâmpadas
multicolores, tudo formou feérico
conjunto no policromo salão do Clu-
be Ginástico Paulista, emprestando-
lhe o primitivo aspecto de arraial
engalanado.

Sócios e convidados, em trajes
típicos, compareceram em alvorôço,
superlotando a «Casa Grande» onde
houve larga distribuição de batata
doce, pinhão-cozido, amendoim-torra-
do, pipocas, queijadinhas e outras
chorumelas da família guloseima.
Também compareceu sua alteza
«Quentão» e seus súditos: sete-vir-
tudes, meu-consólo, mamãe-sacode,
jingibirra, jerebita, imaculada, gir-
golina, desmancha-samba, caxaram-
ba, catuta, engorda-gato etc.

Foi deveras uma noite de papô-
co, ruidosa, assaz divertida e agita-
da pelo fragor da charanga, relem-
bando a «Hora da Saudade»; dos
torés estridentes, como o chirrear
de grilos, e da velha sanfona, treme-

licante e provocadora do ruge-ruge
de saias-balão, enfunadas pela exsu-
dação de vapores do desmancha-
samba, combinados às calorias da
batata-doce.

Precisamente à meia noite foi
marcada a indefectível quadrilha,
caprichosamente ensaiada e dança-
da por quarenta e oito «caplaus»,
que receberam delirantes aplausos da
«matutada». Foi, na verdade, o pon-
to alto da simpática noitada. Após
o pronunciamento das «vestais»
componentes do júri, houve entrega
de medalhas comemorativas aos cai-
çaras melhor classificados.

A festa organizada em home-
nagem a São Pedro não só foi digna
de registro, senão também de impe-
recível reminiscência. Reconhecido,
como que retribuindo, o taumatur-
go pontilhou o céu com miríades de
estrêlas, que se ajuntaram a balões
para oferecer à natureza luz e ca-
lor, beleza e alegria. Ao romper a
alva, no auge da folia, estava a in-
corrigível caipirada naquela meli-
fuidade quando notou haverem os
balões desaparecido da abóbada ce-
leste; não mais brilharem as estrê-
las no firmamento; que a charanga
já não recordava a «Hora da Sau-
dade»! Depois... calaram os estri-
dulantes torés, silenciando o chirrear
de grilos; a velha sanfona, ao invés
de tremelicar excitante, emudeceu,
calou-se, renunciando o fim daquela
noite de serenidade espiritual, fican-
do, de tudo, apenas, o eco, a melan-
colia e uma saudade! Calminha pes-
soal — No ano vindouro teremos
mais.

SOLENEMENTE INSTALADA EM PIRACICABA A

SEGUNDA COMPANHIA DO 8.º B. C.

Foi solenemente instalada na cidade de Piracicaba, no dia 1.º de junho último, a 2.ª Companhia de Fuzileiros do 8.º Batalhão de Caçadores, sediado em Campinas. Presentes ao ato estiveram os srs. Comendador Luciano Guidotti, prefeito municipal daquela cidade; dr. Nicolau Tuma, diretor do Serviço de Trânsito desta Capital; dr. Ernesto de Paula, bispo diocesano; dr. Samuel de Castro Neves, representando o sr. Francisco de Castro Neves, secretário do Governo do Estado; deputado Bento Dias Gonzaga; professor Manoel Rodrigues Lourenço, representando a Câmara Municipal; coronel Arrison de Souza Ferraz, comandante do 8.º B.C.; major Genésio Nitrini, subcomandante do 8.º B.C.; capitão Roberto Mondino, comandante da 2.ª Cia.; dr. Adyr Costa Romano, delegado regional de polícia; dr. Zenon Batista Sitrângulo, delegado adjunto, e outras pessoas gradas especialmente convidadas.

Formada a tropa e prestadas as continências de estilo, o capitão Roberto Mondino leu o seguinte Boletim Especial alusivo ao acontecimento:

«Procedemos à inauguração solene, neste momento, da sede da 2.ª Companhia do 8.º Batalhão de Caçadores, com a prestigiosa assistência das altas autoridades civis, militares e eclesiásticas, e dos mais categorizados representantes da cultura, da inteligência e da vida econômica de Piracicaba. É um núcleo maior de fiadores da ordem pública que se destaca da sede da Unidade para vir estabelecer-se aqui e aqui velar por um clima de tranquilidade no qual despontem, com mais vigor ainda, os surtos de progresso dessa gente dinâmica e operosa.

A idéia de uma descentralização, com o deslocamento de companhias para as cidades sedes de Delegacias Regionais, de há muito que é acalentada. Exposou-a o 8.º B.C. e exposou-a o exmo. sr. coronel Fausto Quirino Simões, dd. comandante a sem restrições. Por seu turno, o Geral da Força Pública, aprovando-exmo. sr. Governador do Estado não só deu o beneplácito à iniciativa, mas determinou a sua execução com a máxima brevidade.

Na ampliação e adaptação destas instalações, contou o 8.º B.C. com a colaboração preciosíssima, inestimável, decisiva podemos dizer, desse

Dois expressivos flagrantes das solenidades com que foi instalada a 2.ª Companhia do 8.º B.C., na progressista cidade de Piracicaba. Em cima, a tropa presta continência às autoridades presentes.

O Cel. Arrisson de Souza Ferraz, Cmt. do 8.º B.C., tem à sua esquerda o comendador Luciano Guidotti, prefeito municipal; dep. Bento Dias Gonzaga; dr. Samuel de Castro Neves; dr. Osvaldo Esteves de Lima; dr. Jacob Diehl e prof. Antônio Zanin. À sua direita vêem-se os srs. dr. Nicolau Tuma, dr. Zenon Batista Sitrângulo e cap. Roberto Mondino.

Em baixo, sob o comando do 2.º ten. Francisco de Oliveira Andrade, a tropa formada.



piracicabano de lei, dêsse cidadão prestante, que é o exmo. sr. comendador Luciano Guidotti, ilustrado prefeito municipal. A s. excia., portanto, os melhores agradecimentos dêste Comando e do Batalhão.

Por um imperativo de Justiça, também, não podemos esquecer a co-Costa Romano, operoso Delegado operação valiosa do sr. dr. Adyr Regional, para que tudo estivesse em ordem e nas melhores condições neste momento e neste dia.

Já se disse alhures, e com muita propriedade, que entre as virtudes do soldado brasileiro está a de ser um soldado cristão. O 8.º B.C. da Força Pública quis provar a veracidade desta afirmação, convidando o exmo. sr. bispo diocesano, o eminente dom Ernesto de Paula, para trazer bênçãos de Deus a estas instalações e para que a missão de ordem e de tranqüilidade Pública que aqui se vai começar em novos moldes, tenha na sua iniciação o alto

(Continúa na página 98)



Direção do major Francisco V. Fonseca

ACRE

PROCURA-SE RESTABELECEER A POLÍCIA MILITAR

Existe um movimento no seio da Câmara Federal, no sentido do restabelecimento da Polícia Militar do Território do Acre. Existe mesmo um projeto de lei que já recebeu parecer da comissão competente, tendo o dep. Leônidas Cardoso, seu relator, emitido opinião para que se solicite a audiência do Ministério da Guerra.

DISTRITO FEDERAL

Homenageado o Comando do

3.º BI, pelas famílias do Meier
Sediado no populoso subúrbio do Méier, o 3.º BI da PM tem tido oportunidade sem conta de servir aos

seus moradores, nas mais diversas contingências. Com o efetivo de 292 homens, faz o policiamento de quatro distritos: o 19.º, com 9 postos; o 22.º, com 55 postos; o 23.º, com 11 postos; e o 24.º, com apenas um.

Não há dúvida que o 3.º BI caiu na simpatia da população daquele bairro, tais têm sido as ocasiões e os relevantes serviços prestados por aquela unidade e que, por isso mesmo, não têm sido olvidados pelos seus beneficiários. Assim é que, agradecidas, as famílias, pela segurança e tranquilidade de que desfrutam e ainda pela festa organizada pelo Batalhão, na noite de S. Pedro, e franqueada ao público, resolveram homenagear o seu comandante, ten. Cel. Ismael Marques Pinho, por ocasião de sua data natalícia. Foi uma bonita manifestação dos moradores. E também muito significativa.

Aumento do efetivo da PM

Conforme projeto de lei em trânsito na Câmara Federal, o efetivo da PMDF deverá ser aumentado de 980 homens. Já com parecer favorável do dep. Cunha Machado, deverá passar ainda pelo crivo das comissões de Segurança Nacional, Justiça e Serviço Público, para depois ser discutido em plenário.

A êsse respeito, o comandante da PM, cel. Oromar Osório, ouvido por um repórter do «Correio da Manhã», do Rio, no dia 22 de julho último, declarou:

— «Para fazermos o policiamento eficientemente na área do Distrito Federal há necessidade de aumentarmos o efetivo da corporação.

Se fôrmos atendidos, conforme o projeto que se encontra na Câmara, iremos com os novos homens policiari os bairros da zona norte, principalmente os subúrbios além de Bonsucesso. O efetivo com que contamos, no momento, está praticamente concentrado no policiamento da zona Sul, ao passo que, na zona Norte, o policiamento é muito precário.

Acrescentou ainda que, a seu ver, êsse acréscimo de homens no efetivo da corporação não é ainda suficiente, mas atenderá o mínimo exigido. Para preencher todos os claros seriam necessários dez mil homens.

UM POLICIAL A CADA 500 METROS

Prosseguindo afirmou o comandante da Polícia Militar:

— «O progresso notório da cidade e sua industrialização, que é um fato, exige um policiamento perfeito e eficiente. Transportes rápidos e um número maior de homens devidamente instruídos são necessários para a manutenção da ordem e da segurança pública. Mas isso não está acontecendo atualmente. Ocorre é que a corporação se encontra atendendo a todo o policiamento de nossa Capital, ora colaborando num ou noutro setor, de modo que, subtraindo um numeroso efetivo quase nada resta. E note-se quando se diz que mil homens estão em ação é necessário tenhamos três vêzes mais para o descanso dos homens.

Se quiséssemos fazer um policiamento eficiente nos moldes da polícia francesa teríamos que manter um policial a uma distancia de ape-

nas um quarteirão, ou seja de quatrocentos a quinhentos metros uma vez que dessa forma os policiais poderiam ajudar-se mutuamente em caso de emergência, não obstante possuir o quartel local um choque pronto para entrar em ação. Porém, para levar a efeito êsse plano seria necessário um perfeito entrosamento da Polícia Civil e Militar. E aí está um fato curioso que não acontece e nem acontecerá apesar de existirem só no Distrito Federal dezesseis corporações, municipal e federais. Exemplificando, esclareceu — As corporações federais estão sujeitas à burocracia enquanto que à militar está sujeita apenas aos regulamentos. Aqui na corporação podemos de acôrdo com os estatutos punir e excluir o militar que incorra em êrro grave e a Polícia Civil não pode senão aplicar a suspensão quando muito trinta dias a não ser que se abra inquérito para o afastamento».

E PRECISO PATRULHA MONTADA

Respondendo a uma pergunta do jornalista, declarou o cel. Oromar Osório: Sou adepto em conservar a patrulha à cavalo e a pé apenas com transportes eficientes. No caso das patrulhas a pé o presidente da República já nos declarou que nos auxiliaria com divisas necessárias para a obtenção de veículos.

Finalizando a entrevista afirmou o comandante-geral da Polícia Militar do Distrito Federal que deveria ser aumentada a idade de ingresso na corporação para 30 anos (atualmente é dos 17 aos 25) por ter o po-

lial mais de 25 anos personalidade mais bem formada, ao passo que um adolescente nem sempre a possui.

DISTRITO FEDERAL (CORPO DE BOMBEIROS)

OS BOMBEIROS FESTEJAM **101 ANOS**

O 2 de julho, dêste ano também não foi esquecido. Pelo contrário, foi mais uma vez bem comemorado pelos Bombeiros do Distrito Federal. Com o toque de alvorada às 6 horas e a chegada triunfal de N.S. de Fátima ao quartel da corporação, teve como coroamento uma parada de belo efeito pirotécnico (Dessa vez eles brincaram com fogo...)

Magnífico desfile com as moderníssimas viaturas recentemente adquiridas para o CB, partiu da avenida Rui Barbosa, no Flamengo, seguindo pela avenida Beira-Mar, entrando na avenida Rio Branco, passando pela praça da República e percorrendo a avenida Getúlio Vargas, sob os entusiásticos aplausos do povo carioca.

Ainda no quartel, com a presença de altas autoridades, realizaram-se pela manhã, várias provas de eficiência, tais como a escalada da tórre do pátio em escadas de um gancho, demonstrações de salvamento com utilização da escada «Magyrus», simulação de atropelamento e acidente do trânsito, prestação de socorros, salvamento com a utilização de roupas de amianto (os já popularmente denominados «marcianos»), travessia do pátio em cordas suspen-

sas, e funcionamento de carros-tanques e esguichos de jactos de água.

ASSOCIAÇÃO DE BOMBEIROS **AUXILIARES**

Formação de uma reserva, o objetivo

O cel. Rafael de Sousa Aguiar, comandante do Corpo de Bombeiros, pensa formar, contando exclusivamente com voluntários e elementos humanos abnegados, um contingente de reserva do CB. Tem a certeza de que a idéia sairá vitoriosa, de vez que ela tem caráter preventivo visando ao benefício de toda a população carioca, no caso da ocorrência de uma guerra ou outra qualquer catástrofe.

Afirmou o Coronel Souza Aguiar que não é depois da porta arrombada que se põe a tranca. Por isso, cuidará, com especial carinho da formação da reserva do Corpo de Bombeiros e da educação do povo para habilitá-lo a auxiliar os soldados nos casos de incêndio.

Para a formação da reserva — segundo o Coronel Souza Aguiar é preciso conhecer:

1. Potencial humano que tenha conhecimentos de assuntos relacionados com a profissão de bombeiro.
2. Conhecidos êsses homens, convocá-los para a formação de uma associação de classe, que poderia chamar-se de bombeiros-auxiliares, cuja manutenção seria custeada por instituições comerciais e industriais.
3. Formação das reservas através de instruções ministradas nos quartéis de Corpo de Bombeiros aos voluntários, em horas que não coinci-

dissem com o trabalho normal dos mesmos.

4. Perfeito entrosamento entre a Associação de Reserva e o comando do Corpo de Bombeiros.

O Coronel Souza Aguiar disse que conta apenas com 1.500 homens — efetivo atual do Corpo de Bombeiros — para uma população de cerca de três milhões de habitantes. Por isso idealizou a formação da reserva mantida por instituições particulares a exemplo do que já ocorreu na própria Capital da República e ocorre em muitas cidades do interior, onde o Corpo de Bombeiros é constituído exclusivamente por voluntários.

EDUCAÇÃO DO POVO

Para completar a execução do seu plano de melhorar os serviços do Corpo de Bombeiros, sem ônus para o Estado, disse o Coronel Souza Aguiar que manterá um serviço permanente de orientação nas casas e edificios particulares da cidade.

Assegurou que, sendo obrigatória a existência de extintores de incêndio nos edificios, estes são colocados apenas como ornamentos, de nada valendo em caso de necessidade, por duas razões:

1. Via de regra são danificados, ficando imprestáveis.
2. O povo não sabe como utilizá-los, não se socorrendo deles no caso de necessidade.

Explicou que os extintores constituem o primeiro recurso de combate às chamas; existem para ser utilizados pelo povo e não pelos bombeiros.

Daí a necessidade de preservá-los sem defeito e em condições de serem utilizados a qualquer momento, com eficiência, nos casos indicados. Os mangotes (mangueiras pequenas dos extintores), devem ter medidas que assegurem o seu acesso a qualquer apartamento do edificio.

— Se os extintores de incêndio forem utilizados pelos moradores dos prédios sinistrados a primeira linha de combate ao fogo estará assegurada, facilitando a missão do bombeiro — assegurou o Coronel Souza Aguiar — falando da sua disposição de mandar, sempre que for solicitado, um bombeiro especializado da corporação às residências e edificios para instruir as senhoras, jovens e domésticos ao uso dos extintores. Será esta iniciativa um verdadeiro curso a domicílio de como apagar incêndios sem sair de casa.

Os bombeiros atearam fogo ao projeto do Banco Militar»

— eis o que se diz, no Rio de Janeiro, a respeito da atuação de alguns oficiais do Corpo de Bombeiros, numa assembléia de representantes das corporações militares, para estudar o anteprojeto do estatuto do Banco de Crédito Popular dos Militares.

O responsável por «Notícias das Co-irmãs» jamais se furtaria ao dever de condenar — como de fato condena — o desvirtuamento da função militar e, mais detalhadamente, da função policial-militar. Vingada a idéia da criação do Banco de Crédito Militar, seria o caminho aberto a outros desvirtuamentos mais graves. E teríamos então um desmen-

tido ao líder brasileiro que afirmou: «O Brasil é um deserto de homens e de idéias»...

Lá vai o nosso abraço de felicitações àqueles magníficos companheiros do Corpo de Bombeiros do Distrito Federal que não hesitaram uma vez postados ante o perigoso foco, em lhes dirigir um pronto e enérgico jacto de bom-senso.

MARANHÃO

A PM agora tem hino próprio

Em solenidades realizadas em frente ao quartel da Polícia Militar, em São Luís, foi cantado, pela primeira vez, por toda a tropa formada, o Hino da Polícia Militar do Estado do Maranhão. Os versos são de autoria de Ribamar Pereira e a música é do sargento João Carlos Dias Nazaré.

Nova Lei de Promoções

Em uma das últimas sessões da Assembléia Legislativa do Estado, foi aprovado o projeto de lei de autoria do deputado Giordano Mochel, que regula as promoções de oficiais da Polícia Militar.

MINAS GERAIS

Mais 31 Aspirantes para a PM

Paraninfou o ato o presidente Kubitschek

Trinta e um jovens, que concluíram o CFO do DI da Polícia Militar foram declarados aspirantes, no dia 13 de julho último.

O ato, que se revestiu de significação toda especial, teve a prestigiá-lo a presença do presidente Juscelino Kubitschek, que paraninfou os novos aspirantes, do governador Bias Fortes e outras altas autoridades.

Saudando o paraninfo, falou o orador da turma, aspirante Fábio do Patrocínio, ressaltando ter a escolha do presidente Juscelino para paraninfo sido ditada não apenas pelo exemplo de civismo e de coragem transmitido pelo Chefe da Nação, mas ainda como uma homenagem àquele que também pertence aos quadros da Polícia Militar e que hoje exerce a suprema magistratura do País.

A palavra do presidente

A seguir, o presidente Juscelino Kubitschek entregou ao asp. Jair Cançado Coutinho, primeiro colocado da turma, o prêmio a que fez jus, tendo o governador Bias Fortes feito entrega do prêmio conquistado pelo asp. Valdir Soares, primeiro classificado em Instrução Militar.

Logo após o presidente Kubitschek pronunciou o seu discurso de paraninfo que aqui transcrevemos:

“Senhores Aspirantes,

Agradeço-vos a gentileza do convite para paraninfar tão brilhante turma de Aspirantes. Proporciona-me a participação pessoal do regozijo desse término feliz de estudos, reintegrando-me no espírito da corporação a que me ligam estreitos laços de serviços e cordialidade. A ela volto contente pelo vosso êxito, senhores Aspirantes, e interessado em dizer-vos — pois representais a sua esplêndida continuidade

— quanto merecis ao chefe da nação, que se honra de ser oficial da gloriosa Polícia Militar de Minas Gerais.

Convivendo no vosso meio, solidário com o vosso destino e penetrado dos seus ideais, em que se combinam o culto do Brasil e o sentimento do dever, habituei-me a considerar o estoicismo do soldado a mais bela definição da dignidade cívica. Não me são estranhos os pormenores de dedicação, sacrificio e labor que constituem, no silêncio das occupações de rotina, a vida sadia dos quartéis. Tenho presente tudo o que nêles se faz para que a defesa comum, a ordem na lei, a paz da sociedade encontrem sempre dispostos a resguardá-las as classes armadas, em todos os escalões e em todos os setores. Proclamo outrossim o reconhecimento do País e de suas instituições a essas denodadas tôrças auxiliares, reserva do nosso Exército, que representam, no limite de suas atribuições, e onde quer que as conduza a obrigação bem cumprida, a segurança das populações, e desenvolvimento tranqüilo a que aspiram, o ambiente de equilíbrio e serenidade que o nosso povo reclama, em nome de uma democracia que significa organização e liberdade, em nome de uma civilização que repousa na garantia dos direitos humanos, em nome da Pátria formada na consciência da ordem civil, mas igualmente na mística da integridade nacional.

A de Minas data dos mais longínquos e difíceis tempos da criação da capitania, pois não há interrupção na corrente estabelecida pelas sucessivas unidades que a compuseram, desde que êsses caminhos abruptos passaram a ser policiados pelas milícias regionais. Não é um simbolo gratuito na vossa veneração o protomártir da Independência. Em

Tiradentes reverencia a Polícia Militar mineira o alferes de dragões que por essas montanhas alterosas associou ás lides militares o fervor patriótico, e para elas sonhou a emancipação próspera e ilustrada. Dessa devoção decorrem duas lições permanentes: a fidelidade á terra e a confiança no futuro. Harmonizou-se numa só attitude: o desejo incorruptível de servi-la. O alferes Joaquim José da Silva Xavier amou extremosamente o seu áspero, rico e vasto chão de Minas. Depois de o palmilhar em tôda a extensão, estimou-o em tôdas as possibilidades. Condenaram-no, porque era um visionário. Na verdade foi um vidente, E' próprio dos fundadores de nacionalidades olharem por cima dos horizontes para verem nas distâncias dos séculos o radioso absurdo. Na sua época êsse absurdo maravilhoso era o assunto das palestras dos Inconfidentes, na permuta de suas esperanças. Profetizavam regimes livres, industrias, universidades, cultura, o ilimitado progresso que já então sorria aos americanos do norte, seus invejados contemporaneos. O que mais espanta em tais devaneios é o divino poder da previsão. Explicar-se-á pelo muito amor á sua província, por essa intuição de que seria o Brasil, não deformado, ou negado, pelas fórmulas pessimistas do desânimo, porém exaltado, ou afirmado, nos entusiasmos da fé. Para a nossa gente aquêlo exemplo de antevisão patriótica, extensiva ao social, ao econômico, ao cultural, que tudo cabe nas reais dimensões do País, não vale apenas pela sugestão de otimismo, responsável pelas grandes criações da vida. Vale principalmente pelas soluções que indica. Indicamo-las, antes de mais nada, ás gerações novas.

Após século e meio de existência independente, não podem ser motivos de

discussão — nem admitimos sejam discutidos — os direitos do Brasil á sua plenitude como nação economicamente suficiente, politicamente estável, intelectual e moralmente habilitada para marcar de vez a sua presença no mundo.

Para destroçar o conluio dos negatistas, que nas incidias da detração julgam abalá-lo com o menosprezo e a incredulidade nada se nos afigura mais eloquente do que os numeros estatísticos, a divulgação do que ocorre em cada recanto da terra brasileira, a observação de seu crescimento sem alarde nem inquietação, nas cidades e nos campos, no sul e no norte, no sertão e no litoral, de uma á outra extremidade dêste país, demasiadamente complexo e amplo para que possam atingi-lo as mal-sinadas sínteses.

Quando vos digo que percorri todo o Brasil e conservo na memória e no coração o colorido mapa de suas paisagens, de suas surpresas, de suas necessidades, de seus potenciais inesgotáveis e de suas solicitações clamorosas, não faço uma frase: confesso uma alegria, que proclamo como um consolo, para o homem público que recebeu dos seus concidadãos, os mais humildes e os mais distantes, o mandato que exerce. E' desse direto conhecimento de nossa gente que tiro a veemencia do protesto contra tudo o que impeça o Brasil de prosseguir, tudo o que embargue a sua marcha. Sabemos, isto sim, que apenas começa uma era de aproveitamento racional de nossas possibilidades, muito longe da utilização das reservas que se acumulam em rincões inexplorados. Mas o que se vem fazendo, o que se faz, o que, com o auxilio de Deus se fará, exige a consonância dos brasileiros unificados e pacificados em tôrno dessa

palavra de comando. E' crer na Pátria, é não lhe faltar, quando tanto ela reclama a solicitude dos bons brasileiros; é educar e convencer, na legalidade, que gera a harmonia e a paz, e na eficiência, que é progresso e superação.

Assim pensaram os que nos legaram, respeitada e indissolúvel, esta nação; assim pensam e agem, nas nações que sobrevivem a todos os desafios da adversidade, as classes dirigentes.

Alhures o elogio das corporações que têm honroso passado, induz à enumeração de seus títulos de glória histórica. Aquí, onde se entrecruzam e tumultuam as forças de um mundo em elaboração, o seu maior louvor há de ser a atualidade do seu espírito, em contacto fecundo com estas realidades. E' admirável que possamos falar do patroneo das liberdades brasileiras sem nos desprendermos do momento que passa: e a propósito dêle, como se lhe recebêssemos a mensagem eterna, repetir a palavra de estímulo e crença que deve todos os dias ao povo o presidente da República. A maneira decisiva de ajudar o Brasil a superar as dificuldades que lhe embarçam o desenvolvimento, será sobrepô-lo ao individual, ao efêmero, ao transitório, ao irrelevante, ás paixões que não podem durar, em confronto com a comunidade e a Pátria. Exige-nos a dedicação de todos os instantes, com o desinteresse, que é a pureza do civismo, e o honesto trabalho, que o eleva e dignifica. Não se concilia com as renúncias feitas de acomodação e inércia, mas pressupõe coragem moral, altivez e atividade, formas benditas de colaboração util. Corresponde á maturidade dos grupos humanos, á plenitude das nações sólidas, á presença de coletividades conscientes do seu papel, no

mundo de hoje. Pede virtudes simples e esforços severos, na mobilização providencial das gerações que se renovam, para que se renove o País: conta com elementos prestadios e caracteres provados, que constituem a coerência das corporações inteiriças e o primeiro argumento do seu prestígio. Estas condições ornamentam e distinguem a vossa instituição, e porque as demonstrastes, no período promissor da formação, é que ela agora vos acolhe e tão sinceramente vos festeja.

Nesta oportunidade que me dá o vosso convite, de rever velhos amigos e camaradas, desejo saudar o Governador Bias Fortes, que não tem poupado esforços no sentido de dotar a milícia estadual dos elementos de que necessita para executar a sua tarefa de defender a ordem e servir a Minas. A minha saudação se estende, com os louvores que faço, á brilhante oficialidade da Polícia Militar, representada na pessoa de seu comandante, o Coronel Manuel Assunção e Souza, cujo zêlo e noção do cumprimento do dever dizem bem alto das virtudes dos homens que compõem esta nobre e tradicional corporação.

Faço votos, como vosso padrinho neste ato solene, para que se cumpram, os anelos da nobre carreira que abraçastes, a bem do Estado, que é a nossa querida e velha terra mineira, e pensando no Brasil, de quem sois servidores leais e destemidos”.

Aspirantes de 57

São as seguintes os aspirantes integrantes da turma de 1957: Ademair Ferreira Dutra Júnior, Arione de Oliveira Castro, Celso Sérgio Ferreira, Edson Olimpio, Egas Ferreira, Fábio do Patrocínio, Fernan-

do Torres, Francisco Lopes Duarte, Francisco Pereira Xavier, Geraldo Batista Filho, Itamar de Oliveira, Jair Cançado Coutinho, Jair Vieira, Jésu Carmelita de Miranda Filho, José Joaquim Benfica, José Soares Fraga, Josué de Arruda Carvalho, Maurício Silva Oliveira, Olavo de Almeida, Osvaldo Heliodoro dos Santos Sobrinho, Ronaldo Caldas Leite, Saulo de Freitas Carvalho, Sílvio Celso Lages, Tomás dos Santos Rodrigues, Valdir Félix de Almeida, Gomes, Vilmar Leal Arnaut, Walter Magalhães do Patrocínio, Willer da Silva Campos e Wilson de Souza Carlos.

CURSO DE CANDIDATOS A CABO

Solenidades no 8.º BI, em Lavras

Teve lugar, no dia 28 de julho, na cidade de Lavras, sede do 8.º BI, a festa de formatura de mais uma turma de candidatos a cabo da PM. Foi paraninfo da turma o prof. João Pimenta da Veiga, tendo ainda discursado os sds. Baní P. de Souza e Gesinho Cândido. Além do ten.cel. Mário Lindenberg, comandante do 8.º BI, receberam homenagem diversos outros oficiais.

São os seguintes os soldados que concluíram o curso: João B. Alexandre, Albenor de Oliveira, Benedito Tavares, José I. de Oliveira, José Balbino, Armando S. de Abreu, Sebastião Severo, Sebastião do Nascimento, Euclides S. da Silva, Paulo Luiz, Aristedes Clementes, Francisco Batista, João C. de Carvalho, Arquimedes D. de Abreu, Sebastião Chagas, Sebastião A. de Aguiar, Paulo Gualberto de Paiva, Antonio

carenhas, Zacarias G. de Sá, Joa-
Santiago, Lauro Tenório, Elias Mas-
quim J. R. Filho, Plínio G. de Al-
meida, Benedito André, Francisco
C. da Silva Filho, Benedito I. de
Morais, Vicente Flor, Gesinho Cân-
dido, Agnaldo C. dos Santos, Salva-
dor F. de Paula, José Antonio (6.º),
Pedro C. Leopoldino, Alípio Marques
da Silva, Hélio dos Santos, Paulo
B. de Souza, Belarmino S. da Sil-
va, Sebastião Dias, Hilário S. da
Silva, Guaraci Navarro, José Abibi
Maia, Pedro F. Sabino, José A. Ro-
que, Antonio A. Salgado, Victor A.
Velooso, Francisco O. Feliciano, An-
tonio S. Dias, Augusto Ferreira,
Firmino A. Rosa, Vicente Paula
Souza, João C. de Lima, João Ba-
tista (2.º), Gerson Victorino, Milton
A. de Lima, Aluisio A. da Silva, Se-
bastião Maximiano, Derio Leite, Jo-
sé Ribeiro (5.º), Francisco Ferreira

da Silva (3.º), Antonio L. Garcia,
Mário A. da Silva, Daniel da S.
Bernardes, Vicente de Paula (4.º),
Roberto A. de Siqueira, Gelço Gon-
çalves, Antonio Dias Bicalho, Lio-
dantes I. Dias, Sebastião Luiz de
Abreu, Dorvalino de Oliveira, Mario
da C. Lima, Geraldo R. Martins,
Bani P. de Souza, José F. de Cas-
tro, Francisco B. da Silva, Lindolfo
F. de Oliveira, José A. Roque, Os-
valdo G. Ferreira, Victor S. Carva-
lho, Joaquim Rodrigues, Francisco
Oliveira (5.º), Altamiro F. Castro,
Antonio B. Santos, Lázaro R. Silva,
Pedro Vicente, Levi de Souza, José
Isidoro da Cruz, Altivo B. Silva,
Milton Moraes (2.º), Raimundo Pin-
to, Geraldo Rocha, Gentil Ernesto,
Genesco O. Silva, Jesus I. Nasci-
mento, João C. Pereira, Victor B.
Passos, José A. M. Souza (6.º),
Lauro I. Ferreira, Luciano L. Lima.

JOVEM!

VOCÊ QUE PRETENDE SER OFICIAL
— DA FÔRÇA PÚBLICA —

INICIE DESDE JÁ SEUS ESTUDOS — MATRICULE-SE NO

CURSO MILITIA

Patrocinado pelo Clube dos Oficiais

que nos últimos exames de admissão
ao Curso Pré-Militar apresentou
maior índice de aprovação

Número de vagas limitado a 25 em
cada classe, para melhor
aproveitamento dos alunos

Informações: Telefone 32-2884

Charadista!

Cruzadista!

Acaba de sair o "ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO", de autoria de Ed. Lirial Jor. (Manoel Hildegardo Pereira Franco).

Obra de grande valor para Charadistas e Cruzadistas, com um Suplemento contendo Alfabetos, Música, Noções sobre Cabala e Sinais diversos empregados pelos apreciadores da Arte Enigmística.

O "ÍNDICE MONOSSILÁBICO ENCICLOPÉDICO" é a condensação de tôdas as definições e sinónimos dos termos monossilábicos encontrados na totalidade dos Dicionários adotados nas Seções de Palavras Cruzadas e de Charadas das Publicações do Brasil e de Portugal. Sendo obra completa no gênero, é o maior auxiliar para compor e decifrar Charadas, Enígmás Desenhados e Palavras Cruzadas.



Adquira o seu exemplar, à venda em tôdas as Livrarias ou pedindo pelo reembolso a Manoel Hildegardo Pereira Franco, Av. São João, 1113 apt.º 16 — 3.º and.
SÃO PAULO — BRASIL.



Em pé, os componentes da equipe do 7.º B.C., campeã de Bola ao Cesto. Ajoelhada, a turma do Corpo de Bombeiros, vice-campeã.

Campeonato de Voleibol e Bola ao Cesto na Fôrça Pública

Consoante o Calendário Desportivo do presente ano, realizaram-se nos períodos de 19 a 28 de junho último e, de 1.º a 20 de julho, respectivamente, os campeonatos de voleibol e bola ao cesto da Corporação, para os círculos de oficiais e sargentos.

Foram os seguintes os resultados dos jogos de Voleibol:

NO CÍRCULO DOS OFICIAIS:

Campeão:- Quartel General.
Vicecampeão:- Centro de Formação e Aperfeiçoamento.

3.º lugar:- Serviço de Transportes e Manutenção.

NO CÍRCULO DE SARGENTOS:

Campeão:- Centro de Formação de Aperfeiçoamento.

Vicecampeão:- 9.º B.C.

3.º lugar:- Serviço de Saúde.

O campeonato de Bola ao Cesto, que reuniu 14 Unidades, foi disputado também nos dois círculos, participando do mesmo algumas Unidades sediadas no Interior.

O transcorrer dos jogos foi movimentado, imperando nas duas modalidades bom espírito desportivo, numa demonstração inequívoca de disciplina e solidariedade.

A organização do campeonato coube à Escola de Educação Física, comandada atualmente pelo major Adauto Fernandes de Andrade, que tudo fêz para que mais essa etapa de nossas atividades desportivas se desenvolvesse da melhor maneira possível.

Sagraram-se vencedores do Campeonato de Bola ao Cesto as seguintes Unidades:-

NO CÍRCULO DE OFICIAIS:-

Campeão:- 7.º B.C. — Sorocaba.

Vicecampeão:- Corpo de Bombeiros.

3.º lugar:- Centro de Formação e Aperfeiçoamento.

NO CÍRCULO DE SARGENTOS:

Campeão:- Corpo de Bombeiros:-.

Vicecampeão:- Batalhão de Guardas.

3.º lugar:- Serviço de Saúde.



TIRO AO ALVO

ECOS DA PROVA "IRMÃOS DEL GUERRA"



★ ★ ★

O sr. Alcides Del Guerra entrega ao cap. Jorge Mesquita de Oliveira o riquíssimo troféu conquistado pela Força Pública. Assiste ao ato o dr. Pedro Simão, diretor técnico da F.P.T.A.

★ ★ ★

NOSSOS REPRESENTANTES

Representam MILITIA no Exterior, nos Estados e Territórios

BOLÍVIA (Cuerpo de Carabineros)

— Dirección General de Policía (La Paz) — Cap. Saul Herbas Casanovas

CHILE (Cuerpo de Carabineros)

— Prefectura General (Valparaíso) — Capitán Franklin Troncoso Baclea.
— IV Zona de Carabineros (Concepción) — Capitán Moysés Suty Castro
— Av. Portales, 940 — Depto. 35 (San Bernardo) — Cap. Efraim de la Fuente Gonzalez.

ACRE (Guarda Territorial)

— Q.G. (Rio Branco) — Ten. Carlos Martinho Rodrigues Albuquerque

ALAGOAS (Policia Militar)

— Q.G. (Maceió) — Cap. Sebastião Ribeiro de Carvalho.
— Destacamento Policial (São Brás) — Sgt. José Pereira da Silva

AMAPA (Guarda Territorial)

— Séde (Macapá) — Ten. Uadih Charone

AMAZONAS (Policia Militar e Corpo de Bombeiros)

— Cap. José Silva

BAHIA (Policia Militar)

— Palácio da Aclamação (Salvador) — Major Edson Franklin de Queiroz
— 2.º B.C. (Ilhéus) — Cap. Horton Pereira de Olinda
— 3.º B.C. (Juazeiro) — Cap. Salatiel Pereira de Queiroz
— Corpo Municipal de Bombeiros (Salvador) — Praça Veteranos — Cap. Alvaro Albano de Oliveira.

CEARÁ (Policia Militar)

— B.I. (Fortaleza) — Major José Delídio Pereira

DISTRITO FEDERAL (Policia Militar)

— Q.G. (Rio de Janeiro, D.F.) — Ten. Luís Alberto de Sousa
— R.C. (Rio de Janeiro, D.F.) — Ten. Hernani Alves de Brito Melo
— EFO (Rio de Janeiro, DF) — Cadete Enio Nascimento dos Reis
— Corpo de Bombeiros (Rio de Janeiro, D.F.) — Ten. Fernando Carlos Machado.

ESPIRITO SANTO (Policia Militar)

— Q.G. (Vitória) — Ten. João Tavares da Silva

GOIAS (Policia Militar)

— Q.G. (Goiânia) — Cap. Antônio Bomfim dos Santos
— 2.º B.C. (Goiás) — Ten. Rui Barbosa de Moura

MARANHAO (Fôrça Policial)

— Q.G. (São Luís) — Cap. Eurípedes Bernardino Bezerra

MATO GROSSO (Policia Militar)

— Comando Geral e 1.º B.C. (Cuiabá) — Asp. Ivan Rodrigues Arrais
— 2.º B.C. — (Campo Grande) — Cel. Bevilacqua de Souza Soares
— 2.a Cia. do 2.º B.C. — (Ponta Porã) Sgt. Francisco Romeiro

MINAS GERAIS (Policia Militar)

— Q.G. (Belo Horizonte) Ten. Carlos Augusto da Costa
— 3.º B.I. (Diamantina) — Ten. Geraldo Francisco Marques
— 7.º B.I. (Bom Despacho) — Cap. José Guilherme Ferreira
— 8.º B.I. (Lavras) — Ten. Felisberto Cassimiro Ribeiro
— 9.º B.I. (Barbacena) — Ten. Manoel Tavares Corrêa.

PARÁ (Policia Militar)

— Q.G. (Belém) Major Dr. Walter da Silva

PARAIBA (Polícia Militar)

— Q.G. (João Pessoa) — Ten. Luis Ferreira Barros

PARANA (Polícia Militar)

— Q.G. — (Curitiba) — Ten. Donatielo Ariel Damasceno

PIAUI (Polícia Militar)

— Q.G. (Teresina) — Cap. Oswaldo Duarte Carvalho

RIO DE JANEIRO (Polícia Militar)

— Q.G. — Cap. Ademar Guilherme

RIO GRANDE DO NORTE (Polícia Militar)

— Q.G. (Natal) — Major Antônio Moraes Neto

RIO GRANDE DO SUL (Brigada Militar)

— Q.G. (Porto Alegre) — Ten. Julio Soveral da Rosa

— 4.º B.C. (Pelotas) — Cap. Renato Moro Ramos

— 2.º R.C. (Livramento) — Ten. Carlos Cravo Rodrigues

SANTA CATARINA (Polícia Militar)

— Q.G. (Florianópolis) — Ten. Vilmar Teodoro

— 3.a Cia. Isolada (Canoinhas) — Ten. Edgard Campos Pereira

SAO PAULO (Fôrça Pública)

— Q.G. (Capital) — Cap. Nelson Agostinho Ferreira

— C.F.A. — (Capital) — C.A.O. — Ten. Valdomiro de Abreu

— C.C.S. — Cap. Salvador de Cico

— C.C.C. — Ten. Nelson Soares

— F.M.I. — Sgt. Osvaldo Varela

— B.G. (Capital) — Ten. Salvador Scafoglio

— Btl. Tobias de Aguiar (Capital) — Ten. Antônio Meneghetti

— R.C. (Capital) — Asp. Jair Benedito Conte

— C.B. (Capital) — Sgt. Pedro Marques

— B.P. (Capital) Cap. Lourenço Roberto Valentim de Nucci

— 2.º B.C. (Capital) — Ten. Benedito Augusto de Oliveira

— 3.º B.C. — (Ribeirão Preto) — Ten. Nelson Homem de Melo

— 4.º B.C. (Bauru) — Ten. Aparecido do Amaral Gurgel

— 5.º B.C. (Taubaté) — Ten. Mário Ferreira

— 6.º B.C. (Santos) — Ten. Gilberto Tufuti Vilanova

— 7.º B.C. — (Sorocaba) — Ten. Antônio Carlos Martins Fernandes

— 8.º B.C. (Campinas) — Ten. Francisco de Oliveira Andrade

— S.M.B. (Capital) — Ten. Norberto Nicolaci

— S.E. (Capital) José de Campos Montes.

— S.I. (Capital) — Ten. Alvaro Júlio Pielusch Altmann

— S.F. (Capital) — Ten. Mário Costa e Silva

— S. Trns. (Capital) — Ten. Antônio da Silva

— S. Subs. (Capital) — Ten. Pedro Barros de Moura

— E.E.F. (Capital) — Ten. Diomar de Melo Torquato

— S.T.M. (Capital) — Ten. Domingos de Melo

— S.S. - H.M. (Capital) Ten. José Augusto Rezende

— 1.ª Cia. Ind. (Mogi das Cruzes) — Cap. Alfredo de Paula das Neves

— 2.a Cia. Ind. — (São José do Rio Preto) — Ten. Rui da Silva Freitas

— 3.a Cia. Ind. — (Presidente Prudente) — Cap. Sebastião Lopes

— 4.ª Cia. Ind. (Araraquara) — Ten. Adalberto José Gouvêa

— 1.ª C.I.B. (Santos) — Cap. Paulo Marques Pereira

— Rádio Patrulha (Capital) — Sr. Epaminondas Caldas Camargo

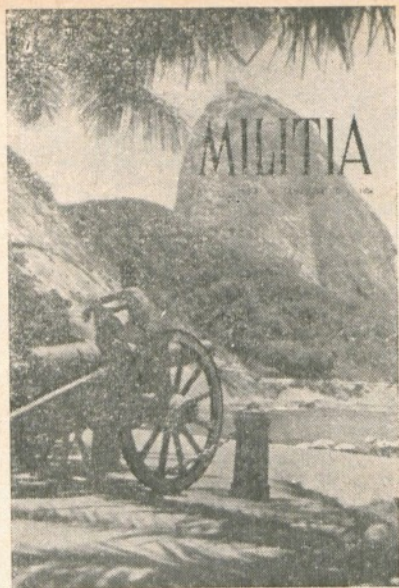
— Cia. de Policiamento Rodoviário (Capital) — Ten. Flávio Capeletti

— Polícia Florestal (Capital) — Cap. Teodoro Nicolau Salgado.

SERGIPE (Polícia Militar)

— Q.G. (Aracaju) — Cap. Renato de Freitas Brandão

Além dos supra mencionados, mantemos agentes em tôdas as cidades do interior do Estado de São Paulo e ainda em numerosas outras cidades do Brasil.



NOSSA CAPA

VISTA PARCIAL DA
PRAIA VERMELHA
— NO —
DISTRITO FEDERAL

(Continuação da página 83)

patrocínio do Senhor e Rei dos Reis. As nossas melhores homenagens ao exmo. sr. bispo por esta distinção que conferiu ao soldado bandeirante, acedendo ao nosso convite.

É nosso desejo, de outro lado, fazer uma referência especial ao exmo. sr. Secretário do Governo, o dr. Francisco Carlos de Castro Neves, que aqui está presente, pelo seu honrado progenitor, o sr. Samuel de Castro Neves, ao exmo. sr. deputado estadual Bento Dias Gonzaga, a tôdas as autoridades, à imprensa, às famílias e pessoas gradas de Piracicaba e aos amigos do Batalhão que de outros municípios vieram, com sua presença, dar maior realce à cerimônia.

Cumpre-nos o dever indeclinável de colocar em evidência a presença nesta solenidade, do exmo. sr. dr. Nicolau Tuma, dd. Diretor do Serviço de Trânsito do Estado que veio especialmente a esta cidade com o objetivo de estudar as possibilidades

de melhoria do trânsito, atendendo aos imperativos do momento em consequência do grande surto de progresso que vem tendo Piracicaba.

Anima-nos a certeza, e a realidade prática dos dias de amanhã o confirmará, que daremos à formosa «Noiva da Colina» um melhor serviço policial daqui por diante. Maiores efetivos serão empenhados. Maior esforço de direção, em perfeito entendimento e em rigorosa harmonia com o sr. Delegado Regional serão postos em prática, visando sempre e sempre servir mais e servir melhor a uma cidade que orgulha a terra bandeirante e a terra brasileira, pelos seus foros de civilização, pela sua cultura, pelo seu vertiginoso progresso.

Congratula-se o exmo. sr. cel. Comandante Geral, o Comandante e a oficialidade do 8º. Batalhão de Caçadores com Piracicaba, suas autoridades e seu povo laborioso, por esta conquista, da qual hão de advir, estamos certos, os mais belos resultados».

MILITIA

Revista de assuntos técnicos policiais
militares e culturais em geral

ÓRGÃO DO CLUBE DOS OFICIAIS DA FÔRÇA
PÚBLICA DE SÃO PAULO

Redação e Administração:

RUA ALFREDO MAIA N.º 106
Fones { externo 34-6488
{ interno 193
SÃO PAULO, S. P. ————— Brasil

ANO X

Julho/Agosto de 1957

N.º 70

DIRETOR GERAL:— cel. José Anchieta Torres
DIRETOR RESPONSÁVEL E TESOUREIRO:— 1.º ten Hildebrando Chagas (E.J.C.L.)
SECRETÁRIO:— major Francisco Vieira da Fonseca
GERENTE:— Cap. Miguel M. Sendin

REDADORES :

— ten. cel. cap. P. A. Cavalheiro Freire — cap. Jorge Mesquita de Oliveira
— major Olímpio de O. Pimentel — cap. Felix de Barros Morgado
— cap. Plínio D. Monteiro — cap. Francisco Antonio Bianco Jr.
— 1.º ten. Antonio Silva

ILUSTRAÇÃO :

— cap. Felix de Barros Morgado
— Nelson Coletti

FOTOGRAFIA :

— Gab. Fot. da F.P.

ASSINATURAS

Por 6 números Cr\$ 50,00
Número avulso Cr\$ 10,00

AOS COLABORADORES E LEITORES

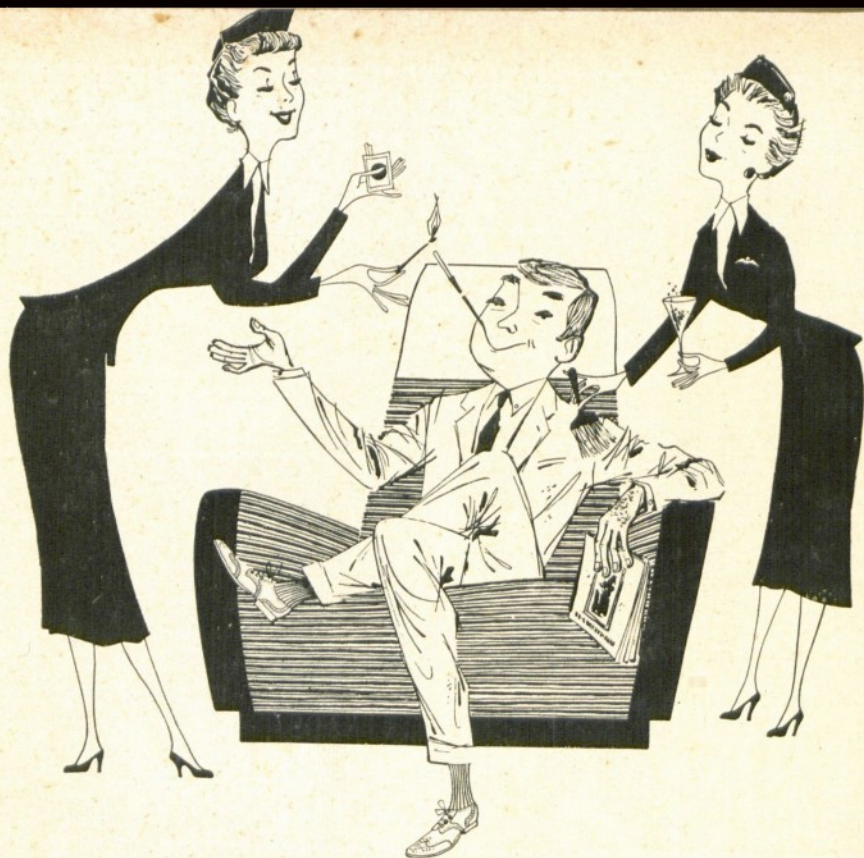
A colaboração nesta revista é franca a todos; porém, não será possível a publicação de trabalhos político-partidários ou religioso-sectários os quais não se enquadram em seu programa.

Tôda a matéria deve ser datilografada com espaço duplo, num só lado do papel, não devendo ultrapassar seis páginas de papel almasso. Os desenhos e esquemas ilustrativos referentes aos trabalhos deverão ser feitos a nanquim, sobre cartolina ou papel branco forte.

* Os originais não serão devolvidos, mesmo quando não publicados, nem mantemos correspondência sobre a sua publicação.

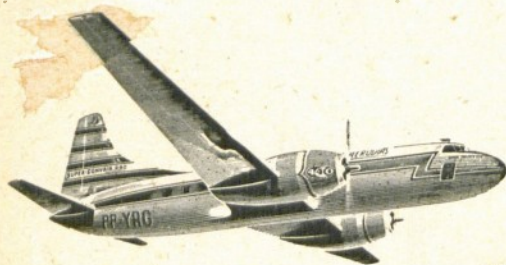
* A Revista não assume responsabilidade por conceitos formulados pelos autores em trabalhos assinados.

- * Desejamos estabelecer permuta
- * Deseamos establecer el cambio
- * Desideriamo stabilire cambio
- * On désire établir échange
- * We wish to establish exchange
- * Austausch erwünscht



Um vôo que modificará seus hábitos de viagem

o primeiro vôo no Metropolitan - novo Super-Convair 440 da Real-Aerovias - será uma descoberta maravilhosa. Ràpidamente o avião ganha altura... e você vê, pelas grandes janelas panorâmicas, paisagens e passam cèleremente. Observe depois como o vôo do Metropolitan é sereno... note a precisão dos movimentos no ar. Nesse avião ultra-moderno, você viaja acima das zonas de turbulência na mais segura e confortável cabine até hoje construída! Um perfeito sistema de pressurização mantém no interior da aeronave a pressão do nível do mar. Ar condicionado, grandes e macias poltronas e um serviço de hotel de bordo.



- Mais luxo e conforto a bordo
- 5.000 HP de força nos motores
- Piloto automático
- 52 lugares

**Vôe no Metropolitan, Super-Convair 440
o mais veloz bi-motor da atualidade!**

REAL

**NACIONAL
AEROVÍAS**

A maior
companhia brasileira
de aviação.

